

MP investiga casos de 75 paraibanos desaparecidos

Dado corresponde aos últimos dois anos, mas estima-se que número de pessoas sem paradeiro definido chegue a mil. [Página 3](#)



Thiago Lins Para o diretor-geral do Hospital Laureano, falar sobre o câncer estimula a prevenção. [Página 4](#)

Cultura

'Estorvo': paraibanos analisam a perenidade da obra de Chico

Livro foi lançado há exatos 30 anos e assinala a estreia do cantor e compositor carioca na literatura. [Página 9](#)



Paraíba

Tecnologia Usados para trabalho ou na vida pessoal, celular torna as pessoas cada vez mais dependentes. [Página 5](#)

Denúncias são apenas 10% dos casos de violência doméstica

Polícia alerta: é preciso intervir a qualquer sinal de agressão para evitar que ela chegue a um feminicídio. [Página 6](#)

Colunas

/// ... Os atores (de 'Round 6') viram os números de seguidores aumentar em questão de segundos e tem até atriz do elenco, a HoYeon Jung, que está sendo comparada a Juliette. [Página 11](#)

Kubitschek Pinheiro

/// Quem vai semanalmente ao supermercado, ao depósito de gás de cozinha, ao posto de gasolina ou pagar a conta de energia, sabe as consequências sociais que estamos vivendo. [Página 17](#)

Chico Nunes

/// O Brasil possui 3.280 desertos de notícias, o que representa 33,7 milhões de habitantes sem acesso a um veículo de comunicação que faça cobertura local. [Página 26](#)

Angélica Lúcio



Foto: Senar-PB

Quase metade do rebanho bovino está no Sertão

De acordo com levantamento feito pelo Caged, setor agropecuário cresceu durante a pandemia, gerando empregos e diminuindo o êxodo rural. [Páginas 17 e 18](#)



Foto: Facebook/Reprodução

Esportes

Carreira internacional Bicampeão brasileiro e vice-campeão europeu, o paraibano "Boca" acaba de vencer, nos EUA, o Mundial de Jiu-Jitsu. [Página 21](#)



Diversidade



Foto: Arquivo A União

Tipicamente brasileira Região de Caatinga da PB é objeto de estudo de pesquisadores da UEPB, que vão criar plano de manejo da área. [Página 20](#)

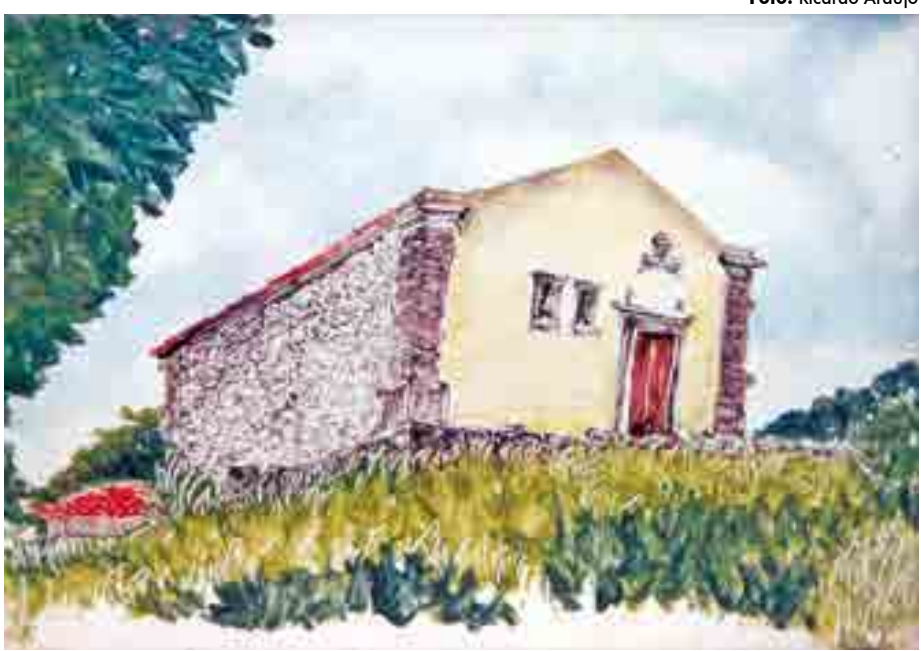


Foto: Ricardo Araújo

História impressa em arte Nivalson Miranda morreu em 2013, mas deixou um acervo de pinturas que retratam monumentos históricos, muitos já destruídos pelo tempo. [Página 25](#)

Conversa com o GOVERNADOR

NA RÁDIO TABAJARA
FM 105,5

TODA SEGUNDA-FEIRA
AO VIVO, ÀS 13H

facebook.com/GovernoParaiba
youtube.com/SonParaiba

CONTATOS: uniaogovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

Editorial

Dia da Vacinação

Como toda boa história, a das vacinas é feita de momentos trágicos e episódios sublimes. Felizmente, é possível dizer que os capítulos dessa longa narrativa, que não tem dia nem hora para acabar, geralmente têm finais felizes. Basta ver o grande suspiro de alívio que a humanidade deu, pouco tempo atrás, após a descoberta dos agentes imunizadores contra a covid-19, doença causada pelo coronavírus que continua assustando o mundo.

Este espaço é curto mesmo para um resumo dos fantásticos anais da vacina e dos processos de vacinação. Basta dizer, no entanto, que sem os imunizadores aplicados para prevenir doenças, muitos milhões de pessoas – além das que morrem por outras causas – iriam a óbito todos os anos, no planeta inteiro, vítimas de caxumba, poliomielite, rubéola, febre amarela, varicela, sarampo, gripe e Vírus do Papiloma Humano (HPV).

A importância da vacina obteve uma dimensão extraordinária após a eclosão da pandemia de coronavírus, no ano passado. As pessoas com um mínimo de bom senso e acesso à informação acompanharam, pelos meios de comunicação, os esforços de governos e cientistas, de diversos países, no sentido de descobrir, fabricar e distribuir o imunizante contra a covid-19. Infelizmente, pouco se sabe dos autores e autoras da proeza, no campo científico.

É revoltante a relutância de tantas pessoas, no Brasil, por exemplo, em receber qualquer uma das vacinas contra a covid-19. A começar pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, que incentiva, com atos, palavras, pensamentos e omissões, o posicionamento negacionista relacionado à imunização contra o coronavírus. Tanto esforço, para nada. Nem mesmo os mais de 600 mil mortos, somente no Brasil, faz recuar tanta ignorância.

Neste 17 de outubro, em que se comemora o Dia Nacional da Vacinação, estão de parabéns as pessoas que, no mundo inteiro – os cientistas e profissionais da saúde, em primeiro lugar – engajaram-se na maior causa humanitária da história recente, que foi a descoberta, a produção e a aplicação em massa da vacina contra a covid-19. O amanhã apontará os que tiveram pesadelos e os que dormiram com a consciência tranquila.

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com.br | Colaborador

O passaporte sanitário

Difícil de acreditar, mas ainda existe quem desconsidere a importância das vacinas. Felizmente, no Brasil, esses negacionistas não alcançam o percentual de dez por cento da população. O que surpreende é ver gente com boa formação cultural e ocupando cargos públicos de destaque, integrando esse grupo, movido pelo fanatismo político-ideológico. As vacinas são ferramentas da medicina para prevenção de doenças virais. Isso está comprovado cientificamente. Não há como contestar essa verdade.

O governador João Azevêdo sancionou lei que exige a apresentação do passaporte da vacinação para ingresso em ambientes de concentração de pessoas (bares, restaurantes, eventos, estádios, etc.). Foi uma iniciativa do parlamento estadual. A medida tem por objetivo estimular a imunização contra a Covid-19, por parte da população que ainda não buscou os postos de saúde para a vacinação.

Ao tempo em que os governos estaduais e municipais flexibilizam a realização de shows, congressos, eventos esportivos, etc., se obrigam, concomitantemente, a estabelecer critérios para minimizar o impacto da pandemia. É indiscutível que no direito à saúde e à vida, previsto na nossa Constituição, fica implícito que o interesse público se sobrepõe ao interesse particular. Portanto, cabe ao poder público o dever de aplicar medidas que objetivem proteger, monitorar e conter o avanço de surtos pandêmicos.

Essa decisão não pode ser entendida como restrição à liberdade de locomoção. O ingresso nos espaços públicos, mediante a comprovação da vacinação, é uma exigência excepcional e provisória, na compreensão de que “quanto mais pessoas imunizadas, menos chances de propagação da Covid-19”. A vacinação, indiscutivelmente, é uma forma de preservar a vida. O país vem registrando queda de mortes e casos a partir da intensificação da vacina, o que demonstra sua eficácia imunizadora.

/// A vacinação, indiscutivelmente, é uma forma de preservar a vida. O país vem registrando queda de mortes e casos a partir da intensificação da vacina, o que demonstra sua eficácia imunizadora ///

A permissão para que apenas pessoas vacinadas circulem em ambientes públicos, além de diminuir o risco de casos graves lotando os leitos de internação nos hospitais, passa a ser uma boa estratégia para estimular e ampliar a imunização no Brasil. A iniciativa de adotar o passaporte vacinal atende um princípio básico da saúde pública, no entendimento de que “a proteção de uns depende da proteção de outros e de que não haverá saúde para alguns, se não houver saúde para todos”.

A medida vai consolidar positivamente a campanha da vacinação, contrariando os que insistem em recusar a verdade científica da sua importância no combate à pandemia. Teorias estapafúrdias, evidentemente enganosas, estão sendo desmoralizadas pelos efeitos exitosos da vacina. A população está cada vez mais se conscientizando sobre os benefícios que a imunização em massa representa para a sociedade.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Heróis do dia

O Brasil não cultua seus heróis. Até que os há, mas são esquecidos. Não há, por exemplo, um calendário de heróis, como a igreja católica (assim mesmo, em caixa baixa) faz com seus mártires, transformando-os em santos do dia, devidamente cadastrados no hagiológico (o livro dos santos, como a justiça tem o rol dos culpados). Está faltando um historiador que reúna em catálogo os nomes dos mártires e heróis brasileiros. Pode ser pela ordem alfabética, distribuídos em verbetes. Pode ser pela sequência dos dias, considerados os de seu martírio, ou de sua morte natural - se não tiver sido cruenta -, ou de seu nascimento, se ainda estiver vivo. Pode ser organizada uma lista do “herói do dia”. Será raro o dia em que não terá morrido um herói, haverá dias até em que terão tombado muitos heróis.

Sequer foram rendidos; a repressão entrou atirando para matar, e matou todos os dirigentes do PCdoB, exceto João Amazonas, que estava no exterior por uma feliz coincidência. Quando foi a tragédia da Lapa?

A Guerrilha do Araguaia também é outro episódio farto de mártires, que pode dar um grande aporte ao hagiológico brasileiro. E assim a história da resistência brasileira às ditaduras recentes, seja a de 64 — 84, seja a de 30 — 45, quando o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de Getúlio Vargas e Filinto Müller prendeu, torturou e matou milhares de brasileiros, cassou o direito do voto e estabeleceu a censura à imprensa. Na ditadura de 30 — 45, ser intelectual era crime; são exemplos os casos dos escritores Graciliano Ramos e Monteiro Lobato, que foram

recolhidos aos porões da ditadura Vargas.

Essas duas ditaduras dão folgadoamente um santo, ou herói, por dia. Mas tem mais: o regime forte de Floriano Peixoto, em pleno vigor do Golpe da República, comandado por Deodoro da Fonseca, compadre do Imperador Pedro II. Os compadres não eram bem vistos pelos golpistas da República: Deodoro depôs seu compadre do trono, e Floriano mandou fuzilar um compadre seu (do qual não me lembro o nome; olha aí a necessidade do martirologio) que lhe fazia oposição.

E os mártires da Luta da Abolição? E

/// A tragédia da Lapa foi um desses dias, quando os dirigentes do PCdoB foram massacrados pelas forças da ditadura militar de 64-84, quando estavam reunidos no seu aparelho ///

Zumbi dos Palmares e seus milhares de seguidores, inclusive na morte? Palmares não foi o único quilombo a ser exterminado pela repressão escravagista. Em Minas Gerais, foram massacrados diversos aquilombamentos. Inclusive, por Domingos Jorge Velho, o carrasco de Palmares, que se especializou em exterminar quilombos. Ele arrancava as orelhas dos mártires para receber o prêmio pela execução da vítima. Assim como o hagiológico, dever ser criado o bestialógico

brasileiro, como a santa madre tem, com a listagem dos nomes dos diabos: Filinto, Fleury, Médice etc, antes que a memória dos martirizados delete os nomes de seus torturadores.

A Paraíba deu um grande santo, ou mártir, ou herói, para o hagiológico brasileiro: Zé Moscou, um comunista que foi preso e torturado mais de trinta vezes, o advogado das Ligas Camponesas que processou o Exército Brasileiro. Heróis não faltam; os historiadores é que desertaram da História.

Fotolegenda

Foto: Ortilo Antonio



Perigo e medo

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTEWilliam Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSARui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TVA UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSARenata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEMPABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: 99143-6762

Ministério Público investiga, na PB, desaparecimento de 75 pessoas

Casos ocorreram nos últimos dois anos e estimativas apontam que pode chegar a mil o número de paraibanos sem paradeiro

André Resende
andresendejornaliso@gmail.com

Atualmente cerca de 75 procedimentos estão abertos no Programa de Localização e Identificação de Pessoas Desaparecidas do Estado da Paraíba (Plid-PB), que é vinculado ao Ministério Público do Estado. O dado, porém, é referente somente aos últimos dois anos. Uma estimativa feita pelo Comitê Estadual de Enfrentamento ao Tráfico e Desaparecimento de Pessoas indica que o número pode ser maior, considerado um recorte temporal mais longo, chegando a quase mil pessoas.

A coordenadora do Plid-PB, a promotora Liana Espínola, comentou que os procedimentos em aberto são referentes, geralmente, a uma pessoa que desapareceu. Ela destacou que o programa começou a operar no Estado há pouco tempo, porém, tem feito um trabalho ativo junto aos órgãos competentes e, sobretudo, um trabalho de parceria com uma busca ativa dessas pessoas desaparecidas nos abrigos do Estado.

"O Plid na Paraíba foi implantado há pouco tempo. Há pouco mais de dois anos, a gente partiu do zero. Então, desses dois anos para cá, a gente conseguiu dados dessas 75 pessoas desaparecidas, que seguem com seus procedimentos em aberto. Porém, esse não é um número fechado, é um número estimado", comentou.

A coordenadora do Comitê Estadual de Enfrentamento ao Tráfico e Desaparecimento de Pessoas, Vanessa Lima, destacou que há uma estimativa de registro de mil pessoas consideradas desaparecidas no Estado em um espaço maior de tempo, entretanto, esse dado não é contabi-

lizado oficialmente, tendo em vista que o banco de dados integrado ao sistema do Ministério Público é um fenômeno recente.

"Sabemos que a Polícia Civil tem um dado e o Ministério Público tem um outro. Porém, as informações que temos dão conta que são mais de mil pessoas desaparecidas na Paraíba até então, mas esse número é estimado, até porque nós do Comitê não trabalhamos abastecendo o banco de dados, atuamos sob demanda do Ministério Público", explicou. O comitê é vinculado à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano.

Dados divulgados pelo Plid-PB dão conta que aproximadamente 20% do total de pessoas consideradas desaparecidas no Estado são de crianças e adolescentes. Um número que desperta um alerta por parte das autoridades e reforçam os trabalhos de prevenção por parte, principalmente, do Comitê, que atua juntamente com a conscientização da população acerca do cuidado com as crianças.

Vanessa Lima explica que os casos mais comuns de desaparecimento são de pessoas adultas ou de adolescentes, porém, faz um alerta para que pais e mães de crianças redobrem os cuidados para evitar que pessoas estranhas se aproximem dos filhos.

"O que chega até nós com mais frequência são casos de pessoas com algum tipo de transtorno mental, a maioria adulto ou adolescente. Com criança é bem difícil de vermos essa situação. Mas nós trabalhamos no eixo de prevenção", destacou.

Entre as recomendações feitas por Vanessa Lima estão: ensinar desde cedo a criança



Foto: Arquivo Pessoal

Daniel Alexandre Souza da Silva foi visto pela última vez em setembro de 2020

a saber o nome completo dela, nome dos pais, endereço da casa dela, telefone; orientar a criança a não falar com estranhos, nem aceitar presentes de desconhecidos; monitorar o uso da internet; não divulgar fotos da rotina da criança, como fotos com a farda da escola; ter sempre uma foto atualizada da criança.

"Em caso de desaparecimento, os pais não devem esperar o prazo de 24 horas para fazer o BO. Ele deve ser feito imediatamente. Temos também um recurso para coleta de DNA", concluiu.

A promotora Liana Espínola explicou que as demandas chegam ao Ministério Público, sobretudo, a partir da Polícia Civil, que é a porta de entrada no caso de registro de pessoas desaparecidas. Mas destaca que tem sobressaído também o registro por parte de outras entidades.

"A gente recebe também informações de abrigos, por exemplo. Após esse encaminhamento, a gente faz as buscas ativas em outros abrigos, no próprio

sistema, para tentar classificar ou identificar aquela pessoa como desaparecida. Isso acontece, principalmente, no caso de pessoas idosas", comentou a promotora.

Para que a pessoa seja considerada desaparecida e esteja no banco de dados do Plid precisa, primeiramente, ter um Boletim de Ocorrência registrado constando o desaparecimento daquela pessoa. Posteriormente, a pessoa passa a ser inserida no programa. O banco de dados do Plid na Paraíba integrado ao Sistema Nacional de Localização e Identificação de Desaparecidos (Sinalid), facilitando a troca de informações entre os estados.

Na Paraíba, segundo a Polícia Civil, entre 2018 e 2020, foram notificados 565 casos de desaparecimento, dos quais, alguns chegaram à resolução, com o encontro do corpo de parte das pessoas registradas como desaparecidas. Os casos que não são solucionados, são encaminhados para o Plid-PB.

+ Aflição das famílias

O desaparecimento de uma pessoa não afeta somente as estatísticas no país. Quando uma pessoa some, as verdadeiras vítimas do sumiço acabam sendo as outras que vivem com o desaparecido. A jornalista Neide Donato lida com o caso do seu sobrinho Daniel Alexandre Souza da Silva, que tinha 33 anos, quando foi visto pela última vez em setembro de 2020. Desde então, Daniel, que não tinha problemas com uso de drogas ou qualquer relação com ilegalidades, não foi visto por ninguém.

Todos os procedimentos legais foram feitos pela família, como conta Neide Donato. Registro da polícia, registro no Plid diretamente no Ministério Público e até mesmo o apoio da imprensa, numa ampla campanha de divulgação da foto e das informações de Daniel foi feito no caso. Porém, até o momento, um ano depois do desaparecimento, a família segue sem informações.

"Ele saiu para ir ao supermercado, porque morava com meus pais idosos aqui em João Pessoa e não voltou mais. Conseguimos até com a ajuda de um amigo meu, que achou a última localização do celular dele, no bairro da Torre. Repassamos para a polícia, mas não tivemos sucesso. Sabemos que é complicado quando passa muito tempo, porque as pistas vão desaparecendo", comentou.

O caso de Daniel segue sendo investigado pela Polícia Civil da Paraíba, a maior parte do tempo sob a responsabilidade do delegado Alexandre Fernandes, que chegou a afirmar por várias vezes que equipes da polícia refizeram os passos de Daniel, além de contatos permanentes com as polícias dos estados vizinhos. Entretanto, as pistas não permitiram que as autoridades policiais descobrissem o paradeiro.

A tia de Daniel, Neide Donato, acredita que vai conseguir encontrar o sobrinho, mas entende que a situação é delicada, principalmente porque com o passar do tempo, a pessoa desaparecida pode ter uma aparência que dificulte a identificação. "A gente sabe que uma pessoa em situação de rua, depois de muitos dias, acaba se tornando diferente. As roupas ficam sujas, a própria fisionomia muda, tudo isso torna ela invisível. Vi o caso recente de um homem que passou quase 30 anos morando nas ruas em uma cidade vizinha de sua família e só depois desses anos todos foi localizado", comentou.

A esperança de Neide é de que seu sobrinho esteja em uma cidade próxima de João Pessoa, tendo em vista que a divulgação nos meios de comunicação foi maciça à época. A jornalista se apegou a fé para dar fim a essa espera da família. "Contei muito a história dele como desaparecido, agora eu confio em Deus que um dia vou contar a história dele voltando para casa dos meus pais", concluiu.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PACHECO ADMITE MUDANÇA NO PROJETO DO ICMS: "É IMPORTANTE OUVIRMOS OS GOVERNADORES"

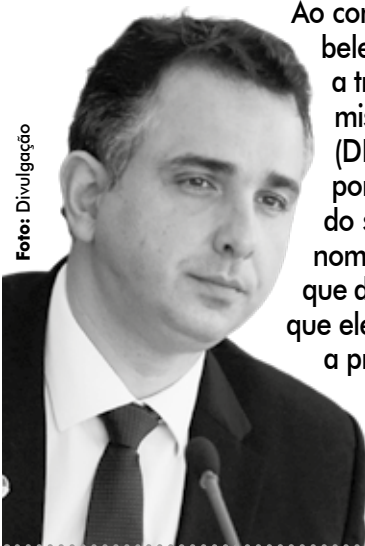


Foto: Divulgação

Ao contrário do que ocorreu na Câmara dos Deputados, onde a votação do projeto de lei que estabelece valor fixo para a cobrança de ICMS sobre combustíveis foi quase de afogadilho, no Senado, a tramitação parece que terá um ritmo mais compassado, com a proposta sendo debatida em comissões e audiências públicas, de acordo com declaração do presidente, senador Rodrigo Pacheco (DEM). Mesmo tendo sido eleito com o apoio da bancada governista da Casa, Pacheco vem se portando com certa independência em relação ao Palácio do Planalto, até porque é cotado dentro do seu partido – que, em breve, estará oficialmente denominado de União Brasil – como um dos nomes da chamada terceira via para disputar a Presidência da República. As suas declarações no que diz respeito à avaliação do Senado sobre a alteração na cobrança do ICMS corrobora a ideia de que ele não pretende seguir a reboque do que almeja o presidente Jair Bolsonaro, que atua para ver a proposta aprovada nos moldes do que ocorreu na Câmara dos Deputados. Uma delas, em particular, certamente soou como música aos ouvidos dos governadores: "Não é possível antever o que vai ser a decisão do Senado em relação a esse projeto, mas, por certo, tratando-se de ICMS, que é um imposto estadual, é muito importante ouvirmos os governadores dos estados para poder fazer a avaliação do projeto", disse em entrevista à imprensa.

NÃO ESTÁ CONVENCIDO

Há outro trecho da declaração de Rodrigo Pacheco que indica que ele ainda não está convencido do resultado que se prevê com a proposta que altera a cobrança do ICMS. O senador disse que pretende "agilizar o máximo possível [à apreciação], se o projeto tiver mesmo essa conotação e eficácia para resolver o preço dos combustíveis".

QUEDA NA ARRECAÇÃO

Será levando em conta a opinião dos governadores na possibilidade de o Senado fazer eventual mudança no texto original. "Obviamente, há o amadurecimento do projeto, considerando inclusive aquilo que os governadores estão apontando, que é uma queda na arrecadação, o que interfere na previsibilidade do orçamento dos estados".

NOVA ESPECULAÇÃO

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, já deu inúmeras negativas quanto à possibilidade de disputar cargo eletivo em 2022. Especulou-se que ele poderia ser candidato a governador, a deputado federal e a senador, na Paraíba. Eis que, agora, surgiu nova especulação: ele estaria propenso a disputar o Senado pelo Rio de Janeiro, reduto eleitoral do clã Bolsonaro. Será?

A OPINIÃO DE ALIADOS

Nas últimas semanas, ao menos três agentes políticos ligados ao ex-prefeito de Campina Grande, Romero Rodrigues (PSD), se posicionaram, favoravelmente, a uma aproximação dele com o governador João Azevêdo: o deputado Manoel Ludgério, a vereadora Eva Gouveia, ambos do PSD, e a senadora Daniela Ribeiro (PP), para quem Romero seria "um excelente vice".

VOTOS INSUFICIENTES

O relatório final da CPI da Covid do senador Renan Calheiros (MDB-AL) apontará crime de responsabilidade por parte do presidente Bolsonaro. Porém, a maioria dos congressistas de oposição afirma que dificilmente isso será levado à frente. Levantamento do Congresso em Foco mostra que apenas 140 deputados apoiam o impeachment. Porém, seriam necessários 352 votos.

2,4 MILHÕES DE FAMÍLIAS ESPERAM O BOLSA FAMÍLIA

"Já são 2,4 milhões de famílias esperando a boa vontade do governo. Isso representa 10 milhões de pessoas que precisam dessa ajuda para sobreviver". Do deputado Frei Anastácio (PT), referindo-se à fila de espera do programa Bolsa Família. "O revoltante é que todas essas famílias possuem pré-requisitos para receber o benefício, mas não são atendidas".

Para Thiago Lins, conversar precocemente sobre o câncer entre a família e amigos é fundamental

Foto: Ortilio Antonio



Thiago Lins,
Diretor do Hospital Napoleão Laureano

“Estamos sem medo, conversando sobre câncer e prevenindo mais”

Diretor-geral do Hospital Napoleão Laureano diz que a sociedade tem que encarar a luta contra a doença com transparência para que todos tenham mais chances de cura

Luiz Carlos
lulaip@gmail.com

“A melhor arma contra o câncer é descobri-lo bem no início, em estágios bem precoces”. A frase do diretor-geral do Hospital Napoleão Laureano, Thiago Lins Almeida, alerta para a necessidade de se vencer preconceitos e levar o tema da prevenção da doença para dentro de casa. “Seja homem ou mulher na idade de risco, é importante todos conversarmos sobre câncer na família, para que todos, sem exceção possamos começar a enfrentar o câncer na sua

prevenção”, acrescenta. Nessa entrevista ao **Jornal A União**, Thiago Lins diz que a Paraíba dispõe de equipamentos de alta tecnologia e recursos humanos especializados para tratar do câncer, com capacidade de realizar prevenção, diagnóstico e as três modalidades terapêuticas como cirurgia, radioterapia e terapias sistêmicas. Ele também enfatiza que é preciso vencer a barreira do preconceito quando se trata de câncer de próstata, porque o custo de não realizar uma simples consulta, exames ou tratamento é muito alto e pode custar a vida. Sobre o

Hospital Napoleão Laureano, Thiago Lins destaca a assistência prestada a pacientes de todos os municípios do Estado, com mais de mil atendimentos diários e que as crises que a instituição enfrenta são causadas pelo alto custo dos tratamentos, caríssimos, que chegam a custar R\$ 15 mil em apenas uma aplicação em um paciente. Diz que “talvez a maior carência seja desmistificar o Hospital Napoleão Laureano. Muitos só o conhecem quando estão enfermos ou cuidam de alguém. É válido conhecer, visitar, compreender e contribuir com os pacientes”.

A entrevista

Qual o alerta que o senhor faria nesse mês da campanha do outubro rosa?

Todos já sabemos que o câncer de mama pode surgir nas mulheres, como, também, nos homens. Entretanto, muitos adiaram e deixaram de priorizar sua consulta médica e os exames de rastreamento, como a mamografia, nestes últimos anos de covid-19 em evidência. É mais que importante alertarmos e retomarmos os cuidados de prevenção contra o câncer de mama. Ele não irá esperar a pandemia acabar. Entraremos no novembro azul, e muitos homens deixaram de realizar suas consultas no urologista. Seja homem ou mulher na idade de risco, é importante todos conversarmos sobre câncer na família, para que todos, sem exceção possamos começar a enfrentar o câncer na sua prevenção.

O que a mulher não pode deixar de fazer é o exame de rotina?

A mulher sempre deve realizar atividade física diária, manter uma boa nutrição e realizar suas consultas e exames de rotina. Deve também buscar equilíbrio emocional e ser feliz. A mastologista e a ginecologista devem ser as principais parceiras desta mulher nos seus cuidados de rotina. Estas especialistas a orientarão sobre o autoexame de mamas, como também da indicação para mamografia ou

ultrassonografia ou ressonância das mamas, quando necessárias.

A medicina já consegue domar com eficiência o câncer, especialmente o de mama?

A melhor arma contra o câncer é descobri-lo bem no início, em estágios bem precoces. Neste primeiro cenário, as chances de cura são altíssimas, através de tratamentos mais simples. Em outro ponto, a evolução dos tratamentos nos últimos anos foi fantástica e continua a acontecer. Apenas em 2021, já tivemos a décima terceira atualização do manual mundial para tratamento de câncer de mama. Estamos vivenciando a transformação do câncer de mama em uma doença crônica, como hipertensão e diabetes, como também aumentando o número de mulheres curadas. A doença antigamente tida como “metastática paliativa com alto risco de complicações”, pode sim ser revertida, controlada e mesmo operada para sua eliminação.

Que avanços o senhor destacaria hoje na luta contra o câncer?

A mamografia está mais precisa, a ressonância possui melhor acurácia. A terapia endócrina evoluiu para uso prolongado da medicação tamoxifeno, para 10 anos, e também dos inibidores de aromatase, para 7 anos, com excelentes resultados para

evitar o retorno da doença. A adição de terapias inteligentes (alvo molecular e imunoterapia), também prolongam a expectativa de vida com qualidade de vida para dezenas de pacientes metastáticas. O bloqueio combinado contra a proteína HER2 e novas drogas (entansine e deruxtecan) aumentaram ainda mais sua capacidade de controle da doença e sobrevida, com qualidade de vida. No perfil chamado triplo negativo, a imunoterapia e o bloqueio da mutação BRCA são ferramentas promissoras. Além de tudo isso, estamos conversando mais sobre câncer, sem medo, esclarecendo e prevenindo mais.

Como o senhor destacaria o papel do Hospital Laureano nessa luta?

O Hospital Napoleão Laureano completará 60 anos em 2022. É o primeiro, o maior e o melhor complexo hospitalar contra o câncer capaz de realizar prevenção, diagnóstico e as três modalidades terapêuticas como cirurgia, radioterapia e terapias sistêmicas. Temos cuidados paliativos, unidade de pesquisa clínica, centro de estudos e teremos um biobanco. Ele é o Cancer Center da Paraíba. Ele assiste os 223 municípios do Estado, sendo mais de mil atendimentos diários. Imagine se o hospital não existisse? O Hospital Laureano é um patrimônio dos paraibanos e para os paraibanos.

Por que o Hospital Laureano enfrenta tantas crises, apesar de ser referência e receber recursos de várias instituições, governos, e até mesmo de voluntários?

Precisamos entender o relatório de governança anual do Hospital Napoleão Laureano e seus custos, disponível no site da instituição. As máquinas modernas, como PETCT e Ressonância, são compradas em dólar, sua atividade requer equipe especializada contratada, sua manutenção e reparo também não são baratos. Também não há tratamento filantrópico, seja cirurgia, radioterapia ou quimioterapia, tudo precisa ser comprado: luz, gases, gasolina, etc. Durante a pandemia do covid, até o decatron ficou mais caro. E não usamos uma única unidade, são dezenas e centenas por dia ou semana. Existem tratamentos quimioterápicos que uma aplicação para um único paciente custa 15 mil reais, enquanto o tratamento para mieloma múltiplo e leucemias podem alcançar 45 mil reais por mês para um único paciente. Imagine isto na proporção de mil atendimentos por dia. Fica fácil entender que o custo é muito maior que os recursos e doações. Além disso, muitos dos altos recursos recebidos por emendas parlamentares são para uso específico da finalidade destinada e não podem mudar seu propósito. Por exemplo, não podemos

comprar quimioterapia com esse tipo de recurso

Qual a maior carência do hospital? Recursos financeiros, humanos ou equipamentos?

Talvez a maior carência seja desmistificar o Hospital Napoleão Laureano. Muitos só o conhecem quando estão enfermos ou cuidam de alguém. É válido conhecer, visitar, compreender e contribuir com os pacientes. Não queremos ninguém doente, preferimos que todos conheçam o hospital como voluntários e doadores. Podemos ampliar este acesso para físicos, paisagistas, culinária, contadores de história e muitos outros, há oportunidade de contribuir, e aprender sobre vida, para todos.

Estamos no outubro rosa e em seguida virá o novembro azul. Os alertas são os mesmos?

Os alertas são semelhantes para prática diária de atividade física, boa nutrição e o autocuidado. Entretanto, os homens são mais resistentes à consulta médica e realização de exames complementares. Os homens aumentam o risco de câncer de próstata sempre com o aumento da idade. Por isso esse cuidado deve ser também progressivo, e não esquecido. Além disso, há o risco de câncer de pulmão e de câncer digestivo, os quais também devem sempre ser investigados pelo médico.

O que o senhor diria para o homem que ainda enfrenta o preconceito em relação ao tratamento da próstata?

É preciso ultrapassar esta barreira do preconceito, sim. Nenhum médico obrigará o paciente a realizar um exame, cirurgia ou quimioterapia. Por isso, conversar precocemente sobre o câncer entre a família e amigos é fundamental. O preço de não realizar a consulta, os exames e o tratamento é muito alto, pode custar a vida, desconstruir famílias e interromper os planos do paciente. Mesmo com medo, receio ou preconceito, é melhor realizar apenas uma vez a cada doze meses.

Hoje qualquer tipo de câncer é tratado no hospital?

Todos os tipos e subtipos de câncer podem ser tratados no hospital. Temos cintilografia óssea, biópsia guiada por tomografia, medicina nuclear com PETCT, bloco cirúrgico, UTI adulto e infantil, são 142 leitos, unidade de emergência 24 horas, equipe de hematologia e pediatria, cuidados paliativos e um novo salão para quimioterapia. Todos serão muito bem recebidos se precisarem de nossos cuidados. Importante salientar que o acesso ao Hospital Napoleão Laureano é realizado pelo sistema de regulação da Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa, e não pelo próprio hospital.



Pessoas mais conectadas e dependentes do celular

No dia a dia, o aparelho é utilizado como mecanismo de auxílio na vida pessoal e como ferramenta de trabalho

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

O primeiro aparelho celular chegou ao Brasil no início da década de 1990, há cerca de 30 anos. Na época, ele continha apenas sete dígitos em sua tela e pequenos alertas do sistema. O modelo era um Motorola PT-550 e ficou conhecido como “tijolão” devido ao seu peso – o apelido acabou pegando entre outros modelos mais antigos. Anos e evoluções digitais depois, atualmente existem diversos modelos de telefones móveis que se adequam às necessidades dos indivíduos e possuem cada vez mais recursos.

No dia a dia, há quem utilize o celular como mecanismo de auxílio na vida pessoal, como ferramenta de trabalho e quem precise do aparelho para as duas coisas. A idosa de 64 anos, Luiza Paiva, empreende e usa o celular – e as redes sociais – para divulgar seu trabalho e entrar em contato com seus clientes. Entretanto, além disso, a tecnologia também serve como forma de aproximação da família que se distribui por outros estados brasileiros.

“Acordo, olho a hora e as notificações, passo um tempo olhando as redes sociais e vídeos, converso com amigos e familiares, assim é a minha rotina diária com o celular”, disse. A necessidade de Luiza em estar conectada surgiu a partir do momento em que percebeu os benefícios que o on-line trariam ao seu negócio e também para estar em contato com as pessoas que gosta. As ligações são formas da idosa se sentir mais próxima das irmãs que moram em outros estados e regiões e a internet encurtou distâncias.

As ferramentas do celular como câmera, calculadora e relógio também são funcionalidades que

potencializam a utilização do aparelho, bem como os aplicativos de serviços. Apesar de ter dificuldades em fazer compras e baixar aplicativos que seriam úteis para si, Paiva ressalta que o celular lhe proporciona inúmeros benefícios, “como manter contato com as pessoas, conhecer lugares, lojas, adquirir algo que precise como comida, objetos ou serviços”, listou.

Assim como Luiza Paiva, a jovem, de 25 anos, Bianca Feliciano conta que utiliza o celular como parte funcional de seu trabalho, mas que a maior parte do tempo em que está usando o aparelho é

///Acordo, olho a hora e as notificações, passo um tempo olhando as redes sociais e vídeos, converso com amigos e familiares, assim é a minha rotina diária com o celular ///

com o acesso às redes sociais. Conectada quase 24 horas por dia, o celular acaba sendo uma “mão na roda” durante a rotina. “Utilizo para saber a hora que o ônibus vai passar pela parada, para organizar os cronogramas semanais com meus compromissos, etc. Antigamente era tudo em agenda de papel, hoje consigo organizar por uma agenda digital no notebook e melhor ainda, pelo celular”, explicou.

O maior problema no relacionamento de Bianca com o celular é justamente a dificuldade de ficar off. “Às vezes precisamos de um tempo para esfriar a cabeça, mas

simplesmente não consigo deixar de lado. A minha mente acaba que não descansa em momento algum. Estou sempre conectada. Me forço a largar para dormir, senão acabo perdendo horas e horas nas redes sociais sem ver o tempo passar”, comentou a jovem.

Para Bianca, a praticidade que o celular proporciona é um dos fatores mais importantes. Com o acesso às funcionalidades na palma da mão, fica fácil incluir os compromissos dentro da rotina de trabalho de 10 a 12 horas por dia. “Não preciso enfrentar filas de bancos ou dar telefonemas para agendar uma consulta médica. Posso fazer compras pelo aplicativo num supermercado. Acredito que como tudo se otimizou em aplicativos, tudo ficou ao alcance da minha mão e atendendo a realidade que eu levo”, justificou.

Na contramão de quem utiliza o celular em quase todos os momentos do dia, seja para as atividades da vida pessoal ou da profissional, a bióloga Grace Barbosa, de 34 anos, tenta moderar os acessos. “Na maior parte do tempo, utilizo o celular para suas funções mais elementares: ligar e enviar mensagens, mas também me benefico da praticidade dos demais aplicativos”, explicou.

Sem possuir redes sociais, além das recentes contas profissionais, Grace acredita que essa é uma das razões que consegue limitar o tempo de acesso ao celular. “Me reservo de tanta exposição que essas redes promovem [e também] não gosto de jogos eletrônicos, nem tenho nenhum instalado em meu celular, mais um fator que contribui para a redução no tempo de uso”, observou a bióloga.



Para Bianca, a praticidade que o celular proporciona é um dos fatores mais importantes



O jornalista Lucas Campos ressalta que a pandemia intensificou os trabalhos home office e a necessidade de estarmos sempre conectados



Luiza Paiva usa o celular para divulgar seu trabalho e entrar em contato com seus clientes



Para a psicóloga Mariana Farias, é importante delimitar o tempo de uso diário do aparelho

Os riscos do uso exagerado do celular

O jornalista e UX designer, Lucas Campos, afirma que alguns autores do UX já falam de um estado em que o nível de conexão entre homens e máquinas chegou em um ponto em que o on-line já faz parte do que as pessoas são e que é impossível reverter essa associação, “ainda mais agora que a pandemia intensificou os trabalhos home office e a necessidade de estarmos sempre olhando WhatsApp, email, reuniões de vídeos, etc”.

Parte essencial do conceito de utilização dos celulares e demais tecnologias, mas não somente nisso, o UX design tem ganhado cada vez mais força no mercado de trabalho. “UX é a abreviação do termo User Experience, ou experiência do usuário. Esse segmento do design atua com foco em proporcionar ao usuário a melhor experiência de uso durante a aquisição e interação com um produto”, explicou o jornalista e UX designer, Lucas Campos.

De acordo com Campos, o UX tem um impacto no mercado no momento em que se dispõe a tornar a experiência do consumidor e usuário em algo agradável, “de forma que ele passe mais tempo utilizando o serviço e tenha mais interesse em consumir as novidades referentes ao produto ou marca”. E é por conta disso que essa área do Design está tão vinculada à experiência com as redes sociais, aplicativos e tecnologias, de forma geral.

O aparelho celular, junto com a internet, se tornou artigo quase indispensável na vida das pessoas, mas é preciso ter cuidado. Apesar do ponto considerado irreversível por alguns pesquisadores, o equilíbrio nas interações com as tecnologias é o caminho possível para evitar danos à saúde a partir

da utilização do celular como a nomofobia.

Nomofobia é o nome dado ao medo irracional e/ou exagerado de ficar sem um aparelho móvel, que pode ser tanto o celular, quanto um tablet ou o próprio computador/notebook. Segundo a psicóloga Mariana Farias, essa fobia pode ser considerada uma forma mais agravada da dependência do celular porque o uso contínuo do celular ativa o Sistema de Recompensa Cerebral (SRC). “A partir da ativação do SRC, há a liberação da dopamina, proporcionando sensações imediatas de prazer e satisfação. Esse estímulo constante é o que gera a dependência, um processo similar à dependência química”, explicou.

Dessa forma, o uso descomedido do telefone móvel pode prejudicar a concentração e a atenção em atividades, pode diminuir o rendimento no trabalho e nos estudos, está associado a formas de isolamento social, interfere na qualidade do sono e também “há uma maior chance de desenvolver transtornos psiquiátricos como ansiedade e depressão”, observou a psicóloga.

E, para evitar esse tipo de consequência, é necessário manter a atenção na forma de utilização do celular e de outras tecnologias também. De acordo com as orientações de Farias, é importante delimitar o tempo de uso diário do celular, diminuir a quantidade de estímulos utilizando um aplicativo por vez para uma determinada função, por exemplo. Outra dica é mudar de posição sempre que for possível e manusear o celular mais alto, na altura dos olhos, “para não sobrecarregar a coluna cervical e alongar braços, dedos, mãos e punhos para evitar a tendinite”, completou a psicóloga.



É preciso intervir antes do feminicídio, que é o ápice de uma série de outras violências que não foram denunciadas

Violência doméstica: apenas 10% dos casos são denunciados

Estudos apontam que diariamente ocorrem casos de agressões, mas nem sempre as vítimas acionam a polícia

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Apenas 10% dos casos de violência doméstica chegam às delegacias, e somente quando eles evoluem para feminicídios é que a polícia descobre que agressões anteriores nunca foram denunciadas.

A informação é da subcoordenadora estadual das Delegacias

de Atendimento à Mulher (Coordeam), Sileide Azevedo. Segundo ela, estudos apontam que diariamente ocorrem casos de violência doméstica, mas nem sempre as vítimas acionam a polícia. "Isso é o que faz termos mais casos num dia que em outros. Não é que não haja violência diariamente, é que as vítimas daquele dia não acionaram a polícia", esclareceu.

Após a flexibilização de diversos setores, o avanço da vacinação e a redução das restrições, números de feminicídios e agressões a mulheres voltaram a apresentar índices que seriam compatíveis a um cenário anterior à covid-19. Mesmo assim, o que chega à Polícia Civil ainda está distante do que realmente acontece. "Não é possível entender, por exemplo, se

há dias específicos da semana que registram mais violência porque a maioria das vítimas não procura ajuda e não acessa o serviço por alguma circunstância", pontuou a gestora da Coordeam.

Neste sentido, Sileide Azevedo defende que é preciso intervir antes do feminicídio, que é o ápice de uma série de outras violências que não foram denunciadas. Para ela,

se foi constatado que quase 100% das vítimas nunca procuraram a delegacia, isso implica que elas sofreram violência por um tempo, mas não tiveram acesso aos espaços de denúncia. "Quanto mais tiverem acesso, menos mortes serão registradas, porque vai haver intervenção e vai quebrar essa corrente que encerra nessa situação grave e irreversível", finalizou.

+ "A sociedade já não admite mais isso"

Para a coordenadora estadual das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, Renata Matias, atualmente é mais fácil detectar casos de feminicídio do que antes porque o entendimento sobre a violência doméstica já está mais claro para a população, já que a Lei Maria da Penha tem 15 anos e a qualificadora (que alterou o código penal incluindo o crime de feminicídio) é de 2015. "A Lei Maria da Penha tinha nove anos quando veio a qualificadora do feminicídio e já existia o trabalho de informar o que era violência doméstica. O desafio era desnaturalizar essa violência porque todo mundo sabia que existia, mas era jogado para debaixo do tapete", explica a delegada.

A Coordeam pertence à Polícia Civil da Paraíba e é responsável pelo acompanhamento das situações de violência doméstica. Com relação aos feminicídios, é comunicada sobre a investigação conduzida pela Delegacia de Crimes contra a Pessoa.

A maioria das mulheres assassinadas geralmente nunca procurou ajuda e hoje a campanha da Polícia Civil é voltada ao encorajamento das denúncias destas mulheres.

De acordo com Sileide Azevedo, a

qualificadora do feminicídio veio trazer destaque para uma situação que já existia, mas que não havia uma legislação específica. "O crime era chamado de homicídio, mas quantas mulheres não morriam e ficavam na invisibilidade? E muito mais nessa condição, dessa relação íntima de afeto entre vítima e agressor, acabava ficando invisível para a sociedade. Hoje a sociedade já não admite mais isso", declarou. Nem toda morte de mulher pode ser definida como feminicídio, mas existem características que aceleram a conclusão do inquérito.

A doutrina jurídica faz a distinção entre o feminicídio e feminicídio: o primeiro é a morte de mulher dentro da relação de violência doméstica ou em razão do gênero. É um crime com traços específicos pois o autor lesiona a mulher em locais para desfigurá-la como a face, órgãos genitais e seios. É entendido como um crime de ódio voltado a descharacterizar a figura feminina.

E o feminicídio, por sua vez, é o assassinato de uma mulher por outras razões como tráfico de drogas ou assalto, por exemplo, e não tem ligação com a violência doméstica e familiar nem com a condição dela de mulher.

Gatilho emocional e histórico familiar

Conforme a psicóloga e terapeuta de família e casal, Roberta Machado, existem várias razões que fazem uma convivência aparentemente "normal" ter mudanças tão bruscas de comportamento. Elas partem das questões psicológicas acerca da formação e desenvolvimento dos valores do indivíduo. Assim, há pessoas aparentemente tranquilas que tendo questões mal resolvidas ou situações traumáticas, passam por uma situação de gatilho em que ela não contava.

Os gatilhos emocionais, ao chegar no indivíduo, fazem ele simplesmente reagir sem pensar. "Essa situação remonta a uma outra situação de vida seja com experiências com familiares entrando num modo emocional e a pessoa não dá conta de usar a razão, só reage. São determinadas posturas que depois vemos que nem precisávamos ter", explica a profissional.

E em relação à mulher que, mesmo sofrendo, não consegue sair desta relação, a terapeuta acrescenta que isso pode ser justificado por padrões

de comportamento desenvolvidos pela família. Ou seja, o histórico familiar dela faz com que ela apenas repita de forma inconsciente o que já aconteceu com a mãe, irmãs ou avós. E mesmo que não queira ter um parceiro violento, acaba conhecendo alguém assim. "A depender também da estrutura psíquica tem suas questões tão fragilizadas que não dá conta disso e fica protelando. Fica tentando sair, mas no fundo pode não conseguir", esclareceu.

Esses valores e padrões comportamentais podem estar associados a ingestão de bebidas alcoólicas, ciúmes e desentendimentos. Tais problemas, se não tratados e diante dos "gatilhos" podem levar a violência. Esse problema na pandemia chamou a atenção de vários profissionais pois ficou praticamente obrigatória a convivência de muitos casais.

"A pandemia pelo tempo que manteve as pessoas juntas fez com que cada um perceba quem aquela pessoa que ela vive de fato é", concluiu Roberta Machado.

DENÚNCIAS

■ São 14 Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deam's), localizadas em João Pessoa (unidades Sul e Norte), Bayeux, Mamanguape, Campina Grande, Guarabira, Santa Rita, Picuí, Monteiro, Queimadas, Patos, Cajazeiras, Souza e Cabedelo. Existe ainda o Núcleo de Atendimento à Mulher, em Esperança.

■ O plantão é não somente para situações de flagrante, mas para denúncias de violência doméstica ocorridas a qualquer hora. A Deam funciona todos os dias e, na capital o plantão da Central de Polícia (Deam Sul) atende 24h. Se não tiver Deam na região da vítima, ela pode procurar a delegacia de polícia mais próxima para solicitar a medida protetiva.

■ Também estão disponíveis os números:

- 197 (Disk Denúncia - ligações anônimas);
- 190 (Polícia Militar - no momento em que a agressão está acontecendo);
- 180 (Central de Atendimento à Mulher);
- 123 (violações de direitos humanos).

Casos de transtornos mentais têm aumentado, diz psiquiatra

Segundo a especialista, existem vários fatores que afetam, temporária ou permanentemente, a saúde mental do indivíduo

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A Organização Mundial de Saúde (OMS) ensina que saúde mental é o estado de bem estar no qual a pessoa é consciente de suas próprias possibilidades, pode enfrentar as tensões comuns da vida, trabalhar de acordo com suas capacidades, desfrutar do descanso e lazer, colaborando para o crescimento de sua comunidade. Não se trata de um conceito, mas uma noção de saúde mental para a qual contribuem elementos de diversas dimensões da realidade humana. Por outro lado, alguns fatores podem interferir nessa tranquilidade, colocando a saúde mental sob ameaça. As discussões sobre saúde mental nunca estiveram tão em evidência.

A psiquiatra Vilma Mendoza, professora de Psiquiatria da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), afirmou que os casos de transtornos que afetam a saúde mental têm aumenta-

Vários aspectos indicam que algo está colocando em risco a saúde mental de uma pessoa



Foto: Pixabay

Foto: Arquivo pessoal



“Sempre que a harmonia e o equilíbrio positivo se rompem, haverá um risco para a saúde mental”

Vilma Mendoza
Psiquiatra

do e explicou que vários aspectos indicam que algo está colocando em risco a saúde mental de um indivíduo.

Ela afirmou que quando alguém se sente desconfortável, incapaz de lidar com as demandas comuns, quando

sua tristeza não é congruente com os motivos ou surja sem eles, já há indícios de que algo não vai bem. Além disso, quando a vida se transforma em uma constante aflição, quando se está sempre preso a uma expectativa ansiosa,

quando se afasta do mundo para viver uma realidade não compartilhada, quando não consegue ser feliz nem contribuir para a felicidade dos demais, certamente a saúde mental está sob ameaça.

A especialista relatou

que existe um amplo leque de condições físicas, sociais, econômicas, familiares, psicológicas que afetam temporária ou permanentemente a saúde mental. Doenças físicas que provocam muito sofrimento ou que colocam

em risco a vida do indivíduo, situações sociais e políticas de insegurança, condições de risco ou carência financeira. Além disso, conflitos familiares, problemas laborais, solidão e abandono também podem influenciar.



Ações de prevenção e como evitar que a saúde mental seja afetada

A prevenção se dá em distintos níveis. Pode ser no sentido de prevenir o aparecimento do transtorno, de proporcionar uma melhor evolução clínica daqueles já instalados ou para que as sequelas prejudiquem o mínimo

possível a vida do indivíduo. Nessa perspectiva sempre é possível realizar ações de prevenção.

“Mas, se tomamos como base a promoção da saúde mental que foi objeto da Carta de Ottawa, significa criar con-

dições individuais e do meio ambiente que permitam um bom desenvolvimento psicológico e psicofisiológico o que, em última análise, significa melhorar a qualidade de vida das pessoas”, afirmou Vilma Mendoza.

E o que fazer, então, para reduzir os riscos? A psiquiatra explicou que o caminho é melhorar a qualidade de vida e isso significa assegurar direitos de cidadania como segurança, educação e saúde. Também proporcionar as condições de

desenvolvimento da capacidade de cada um, promover espaços de reflexão sobre os rumos tomados pela sociedade e pelas escolhas individuais e, sobretudo, manter relações pessoais saudáveis de confiança e confiança.

“Mesmo com o tratamento, é muito difícil enfrentar a depressão”

Alguns quadros psicóticos são mais difíceis de cura, embora hoje exista à disposição um grande arsenal de tratamento que pode assegurar, de razoável a excelente controle, facilitando a vida social do indivíduo. No entanto, apesar do tratamento que contribui para a melhora, existem outros aspectos que atrapalham a tentativa de recuperar a qualidade de vida, a saúde mental e, muitas vezes, essa dificuldade começa na própria pessoa.

Ainda é um tabu, por exemplo, admitir que se tem problemas que afetam a saúde mental, e essa, conforme Vil-

ma Mendoza, é uma questão histórica. “O desconhecido sempre foi temido e, de certa forma, a sociedade sempre tentou excluir aquilo que representava a desrazão (sic)”.

A funcionária pública Aparecida Lima, 51, relatou que havia sido diagnosticada com depressão há alguns anos, e seu quadro se tornou ainda mais preocupante desde que começou a pandemia. “Na verdade, é uma somatização de várias situações, como a perda da minha mãe, além de outros problemas. E eu posso afirmar que, mesmo com o tratamento, é muito difícil en-

frentar a depressão. É um dia de cada vez”, declarou.

Durante a Idade Média, segundo Vilma Mendoza, a doença mental foi atribuída à possessão diabólica, sintomas psíquicos foram considerados fraqueza de caráter, falta de fé ou falta de força de vontade. “Felizmente, depois de década de 90, do século passado, passamos a entender melhor o cérebro, a saúde e a doença mental como uma tessitura entre o biológico, o psicológico e o social”, comentou.

Entretanto, ela confirmou que existe ainda muito preconceito, estigma, exclusão

em torno das pessoas que apresentam algum tipo de problema mental. Em alguns casos, até o próprio paciente se isola. Esse isolamento, segundo a médica, pode ser consequência da própria enfermidade ou uma estratégia de proteção contra a exclusão.

Tratamento

Houve um notável avanço no tratamento das doenças mentais com a moderna terapia medicamentosa. “O conhecimento que adquirimos sobre o cérebro possibilitou que um tratamento que havia sido praticamente ‘satanizado’

há alguns anos, a eletroconvulsoterapia, fosse resgatada e agora aplicada sob anestesia com resultados muito exitosos”, relatou.

A ECT, como é chamada a técnica, utiliza eletrochoques para induzir convulsões em pacientes portadores de algumas patologias psiquiátricas. Mas, esse não é o único meio de acompanhar e tratar os pacientes. As abordagens psicoterapêuticas, principalmente a psicanalítica e a cognitivo comportamental, representam instrumentos fundamentais para o tratamento, sozinhas ou em conjunto com a medicação.

Quadros depressivos e ansiosos foram mais frequentes na pandemia

Não existem estatísticas exatas em saúde mental e, no que diz respeito a crianças acometidas de transtornos psiquiátricos, menos ainda, segundo a psiquiatra Vilma Mendoza. Em 2019, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), registrou que 226 mil paraibanos haviam recebido o diagnóstico de depressão, mas a especialista ressaltou que é preciso ampliar muito mais os dados sobre os transtornos mentais na população.

Embora sem números exatos, ela apontou que o problema mais comum e que,

inclusive, afetou mais pessoas durante a pandemia, é a depressão. “Os quadros depressivos e os ansiosos são, de longe, os mais frequentes e, nessa pandemia, estamos observando um aumento substancial do número de casos”, constatou.

Algumas disfunções, segundo a especialista, são mais diagnosticadas e outras, de fato, aumentaram muito. “Vivemos um momento muito particular de nossa história. Vimos que somos muito vulneráveis. Basta um vírus para varrer a vida humana da face da terra”, notou.

Numa análise do atual cenário, a especialista afirmou que a humanidade perdeu quaisquer resquícios de sentimento de segurança, trata mal o planeta e pouco a pouco vai transformando-o em um lugar pouco acolhedor. O hiperconsumo, segundo ela, vai tomando o lugar das tradições no processo de identificação.

E o sujeito – disse – vê apenas duas possibilidades: ou não consegue essa identificação e é excluído, se sente desarraigado, ou se submete a todas as pressões possíveis que agridem seu corpo ou sua mente. “Caso não sejamos capazes de firmarmos

novos pactos com a vida, a possibilidade é que aumente o número de casos, mas eu

continuo otimista e não perco a confiança na inteligência humana”, completou.

Para manter uma boa saúde mental

- Não se isole;
- Reforce os laços familiares e de amizade;
- Diversifique os seus interesses;
- Mantenha-se intelectual e fisicamente ativo;
- Consulte o seu médico ao perceber sinais ou sintomas de perturbação emocional.

Fonte: Associação de Apoio aos Doentes Depressivos e Bipolares (Adeb)



Foto: Instagram @matogrossoparaiba



À esquerda, a igreja de São José, padroeiro da cidade; à direita, vista da capela do Cruzeiro

Mato Grosso atrai turistas do Nordeste com as vaquejadas

Município conta com três parques para a derrubada do boi, que atrai multidões nos meses de janeiro, junho e setembro

José Alves
zavieira2@gmail.com

O município de Mato Grosso, situado no Sertão da Paraíba, tem como uma das maiores atrações turísticas as vaquejadas. Lá existem três parques de vaquejadas que atraem multidões nos meses de janeiro, junho e setembro. Parcialmente paradas desde o início da pandemia do coronavírus, esses eventos segundo o secretário de Educação do município, José Ronaldo Silva, deverão voltar a ser destaque a partir de janeiro de 2022, após a vacinação da população brasileira. As vaquejadas de Mato Grosso atraem turistas do Rio Grande do Norte, Sergipe, Alagoas, Ceará e até de Minas Gerais. O público-alvo são as pessoas que veem as vaquejadas como diversão e como uma atividade que faz parte da cultura regional.

A maior força econômica do município continua sendo o comércio de variedades, com a existência de dezenas de lojas ao estilo R\$ 1,99. Na época em que essas lojas foram lançadas no município em 2014/2015, elas fizeram tanto sucesso que os empresários da cidade expandiram o negócio para João Pessoa e Campina Grande onde foram abertas centenas de lojas. Logo após o sucesso delas na capital, eles estenderam os preços dos

produtos, ou seja passaram a vender objetos a partir de R\$ 1,99 até R\$ 99,90.

A maioria dos lojistas do segmento não mora mais em Mato Grosso, mas sempre marcam presença no município nos meses de dezembro e janeiro ou nos períodos de festas. Mesmo a maioria desses empresários morando em João Pessoa, eles são proprietários de casarões ou fazendas no município onde costumam passar os feriados e frequentar as festas populares da cidade.

No que diz respeito às festas existentes na cidade, uma das maiores e mais frequentada pelos moradores e turistas é a Festa dos Lojistas. Geralmente para esta festa que acontece no mês de julho, são contratadas bandas e artistas nacionais a exemplo de Xand Avião e Wesley Safadão, entre outros. Por este motivo, a Festa dos Lojistas ganhou fama e se transformou na festa mais popular da cidade, atraindo um público maior do que o do São João. Outra festa bastante prestigiada pelos sertanejos em Mato Grosso, é a festa do padroeiro da cidade São José, que acontece no dia 19 de março.

Ainda no que diz respeito à economia da cidade, a agricultura e a pecuária também são atividades ativas, mas em menor patamar do que o comércio de variedades. Na culi-

nária, os pratos que fazem mais sucesso são o famoso baião de dois (rubacão) e o arroz-doce, além da tapioca com diversos recheios e sabores e das pamonhas e canjicas.

O secretário de Educação disse que 95% das ruas do município são calçadas e que o atual prefeito é Raimundo José de Lima (mais conhecido como Doca Lima), eleito pelo partido Republicano. “Como boa parte dos moradores de Mato Grosso é lojista, eu costumo dizer que essa é a cidade das caminhonetas Hilux e dos carros importados, porque em períodos de festas e longos feriados os empresários que em sua maioria mora em João Pessoa, estão sempre marcando presença na cidade com seus carros potentes”, observou ele, informando que lá a maior parte da população, a exemplo de outras cidades paraibanas pertence à classe média baixa.

Na educação, Ronaldo Silva disse que o município conta com nove escolas, sendo sete instaladas na zona rural. “A maior delas é a Escola Maria de Lourdes instalada no centro da cidade que atende alunos do Ensino Fundamental I e II. O município também dispõe de uma creche e de uma Escola do Ensino Médio que pertence à Rede Estadual de Ensino. Quanto à saúde, o município conta com o Centro de Saúde que atende a população.



Capela é ponto de visitação

Um dos pontos turísticos mais visitados pelos turistas que chegam à cidade de Mato Grosso é a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, instalada no Sítio do Cruzeiro. “A capela toda construída em madeira, atrai principalmente católicos que vão reverenciar a estátua da santa em agradecimento por terem alcançado alguma graça”, disse Ronaldo.

Ele contou que o empresário Arione Diniz, dono da rede de Óticas Diniz em todo o país, comprou uma propriedade no município de Mato Grosso, onde construiu uma barragem no Açude Exu. “A barragem muito bonita, acabou se transformando em um ponto de visitação turística. Outros pontos bastante visitados por quem chega a Mato Grosso são as Serras da Mala e Serra do Moleque. Ambientes propícios para a prática

de trilhas. A entrada da cidade, segundo o secretário de Educação do município, com o nome da cidade colocado em um grande “M” confeccionado em madeira, também é um ponto onde os visitantes sempre param para fotografar. Já a Praça do Povo, sempre bem iluminada e arborizada é considerado o cartão postal da cidade. Ambiente onde a população geralmente se reúne nos finais de tarde. “Os moradores costumam se reunir na praça para bater papo. Nos períodos de festas populares a exemplo do São João, entre outros eventos, a praça fica totalmente tomada pelos habitantes”

Os moradores costumam se reunir na praça para bater papo. Nos períodos de festas populares a exemplo do São João, entre outros eventos, a praça fica totalmente tomada pelos habitantes

informando que a cidade dispõe de um estádio de futebol e um ginásio poliesportivo onde os moradores disputam torneios e campeonatos de diversas modalidades esportivas.

Emancipação aconteceu em 1994

O município de Mato Grosso, teve sua origem após a construção de uma pequena casa por um senhor conhecido como Manuel João, numa data desconhecida. A partir dessa construção, o local acolheu toda a família dele, que predomina naquela cidade até os dias atuais. Daí em diante, foram construídas muitas outras residências, e no ano

de 1977 o território foi passado à condição de distrito, e somente em 29 de abril de 1994, deu origem ao município de Mato Grosso.

O nome, foi escolhido em razão de uma extensa mata fechada, constituída de árvores grandes, com destaque para a oiticica, que cobria o local onde foram construídas as primeiras casas.

Município fica a 413 quilômetros de JP

Mato Grosso é um município do Sertão da Paraíba, localizado na região geográfica imediata de Catolé do Rocha/São Bento. Se situa a 413 quilômetros de João Pessoa e os habitantes se chamam matogrossenses. De acordo com o IBGE (Instituto Bra-

sileiro de Geografia e Estatística), em 2021 a população de Mato Grosso foi estimada em pouco mais de 3 mil habitantes. A área territorial é de 85,3 km². O município tem como cidades vizinhas Riacho dos Cavalos; Lagoa, Paulista e Jericó.



Barragem no Açude Exu é um dos locais mais bonitos de Mato Grosso



Estreia de Chico Buarque na literatura completa 30 anos

Foto: Leonardo Aversa/Divulgação

Paraibanos analisam 'Estorvo', primeiro romance do cantor e compositor carioca que está entre os mais estudados do país

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Primeiro romance do cantor e compositor carioca Chico Buarque, a obra intitulada *Estorvo*, que lhe rendeu o Prêmio Jabuti de Literatura como a melhor do gênero, no ano de 1992, completa três décadas do seu lançamento neste ano.

O escritor e crítico literário Rinaldo de Fernandes, que é professor titular de Literatura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), fez um balanço "muito positivo" da repercussão desse trabalho, apesar de transcorridos 30 anos da publicação. "O livro já foi e ainda é muito estudado em universidades e está entre as obras de ficção mais significativas da literatura brasileira contemporânea", ressaltou ele.

Rinaldo de Fernandes, que também é colunista do jornal de literatura *Rascunho*, da cidade de Curitiba (PR), lembrou outros aspectos que contribuem para a relevância da obra. "O livro *Estorvo* tem grande importância para a produção romanesca de Chico e para a própria literatura brasileira. Quando lançado, a obra gerou muita expectativa. Houve os que apostaram que o romancista se equipararia ao compositor, que um daria continuidade ao outro. Mas são coisas diferentes. Nas letras, Chico é mais claro, estabelece uma comunicação mais fácil com o seu público; nos romances, especialmente em *Estorvo*, há mais nebulosidade, as coisas são mais densas, a linguagem é mais cerrada. À transparência do compositor contrapõe-se a opacidade e/ou densidade do romancista. Mas é uma densidade que não impediu a popularidade dos romances de Chico", explicou ele.

Por ter marcado a estreia do cantor e compositor no gênero romance, Rinaldo fez uma análise a respeito de se *Estorvo* já possui, ou



não, alguma característica literária que ainda hoje, eventualmente, ainda permanece na atual obra do autor. "O traço mais importante de toda a produção de Chico Buarque, tanto na prosa quanto na poesia, é a força da palavra. Chico é um grande artista da palavra. Sabe extrair dela a música e o sentido mais exato, sabe criar imagens extraordinárias", observou o crítico literário.

"Nos romances, o desempenho com a palavra é também notável. Mas do ponto de vista técnico, de estrutura narrativa, *Estorvo* é singular, nenhum dos romances posteriores a ele trouxe um personagem apático, que deambula feito um autômato, na condição radical de quem se abstrai da realidade. É um livro complexo, com inúmeras camadas interpretativas", acrescentou Rinaldo de Fernandes.

O escritor e professor universitário também disse que constata determinadas qualidades que considera importantes e interessantes no livro. "A obra possui a sobriedade do estilo e a técnica narrativa, na qual se destaca o ângulo com que as situações vividas pelo protagonista, algumas delas absurdas (ou até hipotéticas), são flagradas. É um livro compacto, intenso do início ao fim", afirmou o paraibano.

Na análise de Rinaldo, o autor Chico Buarque conseguiu evoluir,

no ato da escrita de romances, com o passar do tempo. "Creio que se consolidou no gênero. É hoje um dos mais importantes romancistas da Língua Portuguesa, já com uma considerável recepção crítica", afirmou ele, que também não vê problemas em um cantor e compositor empreender pela área da literatura. "Chico Buarque se sobressaiu muito bem em todos os gêneros que praticou até aqui. Isto decorreu do seu talento. Não há outra explicação", disse o professor.

A propósito, Rinaldo de Fernandes é o organizador do livro *Chico Buarque, o Romancista*, lançado recentemente pela Editora Garamond, reunindo 18 ensaios escritos por doutores e pós-doutores vinculados a universidades brasileiras e estrangeiras e um jornalista, que analisa as seis obras no gênero já publicadas pelo cantor e compositor: além de *Estorvo* (1991), *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003), *Leite derramado* (2009), *O Irmão Alemão* (2014) e *Essa Gente* (2019). "É o primeiro livro, no Brasil, a fazer uma abordagem, sob diferentes perspectivas, de todos os romances de Chico Buarque e no qual os autores tentam responder à pergunta a respeito de que valores, significados e formas alicerçam as obras".

O poeta e escritor Sérgio de Castro Pinto confessou que se sur-

preendeu quando leu *Estorvo* na época em que foi lançado. "O que chamou minha atenção foi o domínio da técnica narrativa de Chico Buarque. Infelizmente, a condição de compositor de Chico termina ofuscando o bom romancista que ele é. A partir de *Estorvo*, Chico começa a cumprir um percurso ascensional", analisou o autor.

"Gosto mais do Chico Buarque compositor, mas isso não significa que vou relegar o romancista que ele é. Chico é um ficcionista e isso não é uma coisa circunstancial, aleatória. Ele é um bom leitor e deve ler a teoria da literatura. Se não, deve ser como eu, um leitor voraz e veraz, como gosto de dizer, de outras obras. O livro organizado por Rinaldo de Fernandes também é importante porque mostra as obras de romance de Chico Buarque e as coloca no seu devido lugar", afirmou Sérgio de Castro Pinto.

'Showman'

O romance *Estorvo* é narrado em primeira pessoa e a história transcorre constantemente no limite entre o sonho e a vigília, projeções de um desespero subjetivo e crônica do cotidiano. Tudo começa quando alguém toca insistentemente a campainha, o olho mágico altera o rosto atrás da porta e o narrador inicia uma trajetória

Segundo Rinaldo de Fernandes, "nas letras, Chico é mais claro, estabelece uma comunicação mais fácil com o seu público; nos romances, especialmente em 'Estorvo', há mais nebulosidade, as coisas são mais densas, a linguagem é mais cerrada"



Imagem: Cia. das Letras/Divulgação

obsessiva, pela qual depara com situações e personagens estranhamente familiares. E o olho mágico que filtra a face do visitante misterioso talvez seja a melhor metáfora da visão deformada com que o narrador, e o leitor com ele, seguirá sua odisséia.

Em depoimento para o documentário *Chico: Artista brasileiro*, filme de Miguel Faria Jr. que estreou em novembro de 2015, o músico revelou ter sido após crise de criação que durou um ano que o levou a incursionar na literatura, o que resultou na publicação de *Estorvo*, o seu primeiro romance, pela editora Companhia das Letras, em 1991. "Eu imaginava que o escritor não só era recluso enquanto escrevia como depois continuava recluso. Mas hoje em dia o escritor tem que ser *showman* também", declarou Chico Buarque, na ocasião, acrescentando que também pensou em usar um pseudônimo para escrever.

+ Cantor e compositor carioca vai lançar antologia de contos

Chico Buarque agora está estreando em mais um gênero literário. Anos de Chumbo e outros contos é o título do seu novo livro, cujo formato impresso está em pré-venda, ao preço de R\$ 59,90 (e-book: R\$ 29,90), pela editora Companhia das Letras, e será lançado no próximo dia 22.

"Se confirmar o talento de Chico em todos os gêneros que pratica, certamente o seu livro de contos será significativo. É uma marca do autor – ser relevante e até revelador nas obras que publica. Tenho boas expectativas em relação a esse novo livro dele", disse o escritor e crítico literário

Rinaldo de Fernandes, que também revelou estar com um novo projeto literário, um romance. "Ano que vem devo publicá-lo. Estou burilando algumas cenas dele, mas já está praticamente pronto", afirmou o autor.

O poeta e escritor Sérgio de Castro Pinto também acredita que Chico Buarque "será bem-sucedido" como contista. "Quem é romancista, como Chico, domina a técnica e sabe que para escrever conto precisa cumprir alguns requisitos, como o texto mais conciso, o clima de tensão, a unidade de tempo e o número reduzido de personagens,

porque senão a coisa fica solta", disse ele.

No texto de apresentação da Companhia das Letras sobre Anos de Chumbo e outros contos, o autor Chico Buarque "põe seu conhecido domínio da linguagem a serviço da concisão da forma. O resultado é arrebatador". A editora ainda informa que a obra contém "alusões ocasionais à barbárie do presente e o autor ergue um labirinto de surpresas, em que o sexo, a perversidade, o desalento e o delírio são elementos constitutivos da trama".

"Imersos na elogiada atmosfera da ficção de Chico

Buarque, caracterizada pela agudeza da observação e a oposição frequente entre o poético e o cômico, os oito contos que formam este volume conduzem o leitor pela sordidez e o patético da condição humana", registra, ainda, a editora, acrescentando que os temas abordados nas 168 páginas do novo livro de Chico Buarque são os seguintes: Uma jovem e seu tio; Um grande artista sabotado; Um desatino familiar; Uma moradora de rua solitária; Um passeio por Copacabana; Um fã fervoroso de Clarice Lispector; Um casal em sua primeira viagem e Um lar em guerra.



Imagem: Cia. das Letras/Divulgação

'Anos de Chumbo' é a investida na forma breve da narrativa do romancista e músico

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Evilázio, o socrático

Numa enciclopédia de futebol amador paraibano, não poderia faltar um verbete sobre o professor Evilázio. Sua ausência seria absurda e inaceitável, de tal modo comparável à supressão de nomes como Einstein, Darwin ou Newton de qualquer enciclopédia científica.

Trata-se de um jogador que marcou história nos campeonatos amadores. Meio de campo clássico, inteligente, que criava jogadas extraordinárias. Um tipo de jogador em extinção.

Mas aqui estou interessado em sua carreira como treinador de categorias de base. É incontável o número de jovens e crianças que já foi treinado por ele. Alguns chegaram a jogar em times profissionais do nosso Estado e do Brasil. Comecei a jogar futebol de campo na escolinha do Professor Evilázio – como a maioria de meus amigos. Lá aprendemos fundamentos básicos como técnicas de chute, cabeceadas, domínio de bola, conhecimentos táticos e éticos. Uma das exigências para participar da Escolinha do Professor Evilázio era ter bom rendimento escolar.

Ter passado pela Escolinha do Professor Evilázio, ou por um de seus times que disputavam os campeonatos paraibanos de base, virou sinônimo de excelência futebolística. Isso é tão verdadeiro que quando um jogador faz uma jogada estabana, daquelas que enfeiam o futebol nos campos dos bairros dos Funcionários II e região vizinha, é comum ouvirmos frases do tipo: “Esse aí não passou pela Escolinha de Evilázio!” ou “manda ele para a

/// É incontável o número de jovens e crianças que já foi treinado por ele. Alguns chegaram a jogar em times profissionais do nosso Estado e do Brasil ///

sem ambições financeiras. Poderia estar “rico” hoje se tivesse uma mentalidade empresarial e se tratasse seus jogadores como mercadorias. Um caso raríssimo de amor ao esporte, num mundo cada vez mais dominado pela lógica capitalista. Vocês precisam conhecê-lo: é uma pessoa simples, calma, inteligente e que leva uma vida frugal.

Já faz muito tempo que sempre que o vejo recordo de Sócrates. Desde a primeira vez que vi um desenho do rosto de Sócrates, num livro que meu pai lia quando eu era criança, achei-o muito parecido com o do professor Evilázio. O formato da cabeça, a serenidade e a sabedoria guardavam incrível semelhança!

Não consigo mais desassociá-los. Assim como Sócrates, Evilázio optou por uma vida sem luxos, baseada em suas convicções éticas. Na virtude, ambos fizeram história. A de Evilázio ainda não foi registrada em livros ou câmeras cinematográficas. Certamente estão em falta nos Funcionários novos “Platões” e Xenofontes. Isso não impede que suas ideias continuem a ser transmitidas pelos meios tradicionais. Através da oralidade e da experiência, em cada novo jogo de pelada, em cada encontro entre gerações diferentes; enquanto houver jogadores.

Escolinha de Evilázio, só ele mesmo pra dar jeito!”.

Evilázio já soma mais de 30 anos de carreira como treinador. Esqueci-me de dizer que ele possui formação acadêmica na área de educação física, mas é um cara

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Angústia do ódio

Ao tentar analisar a identidade da natureza humana diante da própria sobrevivência, percebe-se que sua circunstância a conduz para uma consciência histórica de mundo. Isso demonstra uma esperteza para superar conflitos. E o pensamento humano tende a manter o passado numa memória e condiciona a colocá-lo nos grupos da sociedade atual, evidenciando com isto, a aparente certeza da sua razão. Imaginar seu objetivo é fazer com que uma consciência venha a explorar outras convicções que estão paralisadas num processo histórico, e essas ideologias – consideradas estáticas – são comumente oprimidas por serem consideradas como alienadas. Diante disso, geralmente um novo princípio se impõe a certos conceitos imateriais que estão ultrapassados diante de uma ideologia dinâmica e transformadora, que concordam com sua ação de sofrimento. Essa análise, isto é, conviver com o sofrer, demonstra uma função ainda não orientada pela capacidade que o indivíduo tem em gerar suas habilidades de entendimento da própria dor e conhecimento de si mesmo. Esses conflitos questionam qual é o pertencimento do indivíduo na construção da própria consciência humana no convívio social e na própria sobrevivência diante de um sofrimento.

Se há um sentido em que o homem procure as respostas para suas perguntas, muitas vezes a angústia apresenta-se como “sentido sem sentido”. Há um objetivo em perguntar por que se angustia, mas geralmente encontra-se o propósito sem o sentido da resposta. A angústia está em encontrar uma aplicação à realidade exposta para sua condição existencial. E a evolução do conhecimento humano é caracterizado por momentos em que suas particularidades interferem com os seus conceitos de conduta e ética, e impõem suas características através do seu convívio social. Essa negociação entre encontrar uma solução para o seu entendimento é ingerida pela angústia de sua própria história, sacrificando seus valores morais em aquisição de uma compreensão de mundo. Percebe-se a cada dia, que o indivíduo deixa se seduzir pelo charme do individualismo e materialismo, de forma a tornar a angústia um reconhecimento às falhas e erros que surgem da própria condição histórica da natureza humana. E a sua essência está em alimentar o próprio vazio, por meio do seu ódio, que proporciona com isso uma lembrança permanente de sua própria agonia em encontrar o eu interior adoecido em mentiras e falhas existenciais.

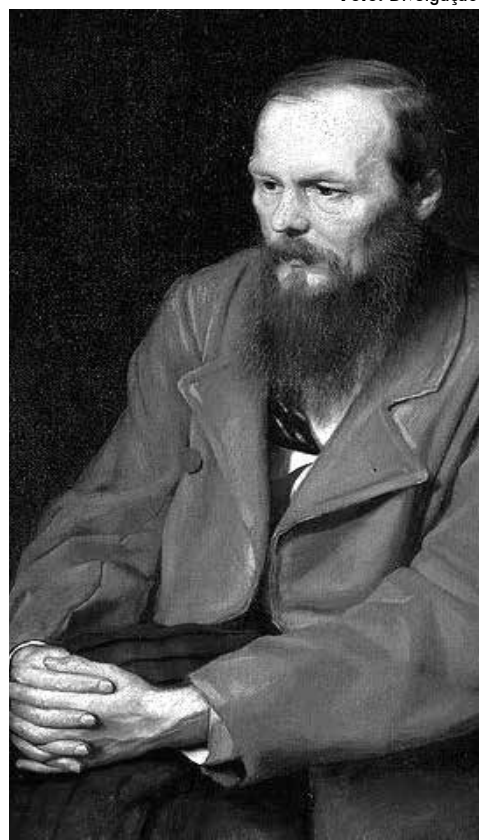


Foto: Divulgação
“Beleza da compaixão salvará o mundo”, afirmou o filósofo russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881)

A cultura e as ideologias formam a consciência do indivíduo, que tende a planejar o futuro a partir dos momentos de angústia que criou, através de sua existência com o mundo, a fim de encontrar uma solução para a sua sobrevivência. O indivíduo é atraído por sua recordação de seu passado e os seus desesperos, que o envolvem para as quais não encontra soluções, encontrando a liberdade com o sentido de aprisionamento para a indignação que o destrói. Diante dessa dor, o indivíduo é escravizado não apenas pelo trabalho. Ele é dominado pelo seu projeto de vida, construído no passado, refletindo as lembranças de que um dia lhe pertenceram diante de uma realidade existida. Apesar de alguma escolha lhe direciona a opressão de liberdade, nisso, existe a condição dele está alienado pela condição numa realidade social que lhe impõe ao vazio do “estar-aí”. Isso lhe conduz à condição de que tudo não existe limites e é permitido o “nada”.

Na atual sociedade do ódio, será que aos domínios de uma interpretação nas convicções que intervêm, nas relações sociais, podem colocar a inteligência para revelar os conceitos perversos que algumas mentes de ódio determinam... como necessidade de uma recusa para sobrepor suas maldades? Então, esse domínio de consciência conduz o indivíduo

para satisfazer suas intenções de ódio que a realidade impõe como ilusão para a sua doentia sobrevivência. Numa sociedade adoecida no terror e na demência, transcender os domínios da consciência sensível para o bem tornou-se uma questão ilusória, porque é complexo entendermos a mente humana, independente das contribuições da psicanálise, antropologia, filosofia da arte e filosofia da mente. De forma mais intensa, percebe-se que a maldade se instalou como uma necessidade da sobrevivência, que tem como sustentação o fundamento de suas incertezas, e comprova essa irracionalidade por meio de suas sedutoras mentiras e de sua péssima saúde mental, a fim de manipular os indivíduos como perversos que destroem uns aos outros para delimitar – a maldade – a sua cruel sobrevivência. A convivência com essa patologia pode gerar o desafio de construir a harmonia entre a própria razão e as incertezas que impede a condução para instalar o mal e pensá-lo. A necessidade de conter o ódio e a violência, o indivíduo deve possuir um autodomínio sobre suas falhas existenciais diante do convívio social, isso pode ser construído no ato de compaixão a si mesmo.

Diante da angústia do ódio, a arte contribui e reconstrói a beleza dos afetos e o sentido estético da existência. Sabe-se que o filósofo russo Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821-1881) afirmou que a “beleza da compaixão salvará o mundo”. Isso foi escrito no seu livro *O Idiota* (1869). Essa tese também foi reapresentada no seu romance *Os irmãos Karamazov* (1879). Dostoiévsky contextualizou essa frase quando o ateu Ipolit pergunta ao príncipe Mysnki, como “a beleza salvaria o mundo”? O príncipe nada diz, mas vai junto a um jovem de 18 anos que agonizava. Diante dessa cena - em resposta ao ateu Ipolit - com extrema sensibilidade, o príncipe Mysnki demonstra compaixão e amor até o jovem morrer. Diante desse exemplo, Dostoiévsky nos diz: “beleza da compaixão é o que nos leva ao amor compartilhado com a dor; o mundo será salvo hoje e sempre enquanto houver essa atitude.

■ Sinta-se convidado à audição do 340º Domingo Sinfônico, deste dia 17, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças dos romântismos francês e russo dos séculos 19 e 20.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Jogo da morte

Quem havia me dito que a vida é um jogo, foi a terapeuta Dra. Nely Jatobá, uma mulher de muito conhecimento e que segue o caminho de Karl Marx até hoje. Eu não acredito que a vida é um jogo perdido, porque se um sai ganhando, não existe o fim do jogo. Aliás, mundo, velho mundo.

Eu vi a série *Round 6*, esse assombro mundial, fiquei assustado e atento. Num jogo, a melhor coisa é não se dispersar. Se você rolou o feed das redes sociais e viu a loucura, provavelmente já viu a série sul-coreana e está sabendo sobre esse fenômeno da Netflix. Eu disse fenômeno?

Round 6 é a série que tomou conta dos sedentos por novidades. É a produção de maior audiência da plataforma de streaming em mais de 90 países. No Brasil, não poderia ser diferente. Aqui as pessoas indicam sem medo do magnífico Mark Zuckerberg. Afinal, nós somos o país do dois pra lá, dois pra cá.

Uma pesquisa (e todas as pesquisas são odientas, porque elas nunca definem o jogo) aponta que a série já impactou mais de 165 milhões de pessoas. Bem mais. E a coisa extrapola e deixa o espectador em pânico. Eu pelo menos não tenho mais idade para suportar tamanha competição. A morte não é o tema, mas é o que define o jogo: quem vai morrer ou quantos vão sumir a cada *round*.

Eu li que nas redes sociais, os atores viram os números de seguidores aumentar em questão de segundos e tem até atriz do elenco, a HoYeon Jung, que está sendo comparada a Juliette. Tá vendo, a vida é um jogo, Juliette ganhou, continua ganhando, não se sabe se ela aguenta mais um *round*.

Na história, um grupo de 456 pessoas endividadas (que não conhecem Santa Edwige, protetora dos endividados) e precisando de dinheiro são chamadas para participar de um jogo de sobrevivência – ou ganha, ou morre. Imagina se juntasse o número de pessoas endividadas no Brasil? Esquece.

Os desafios, que até então parecem bobos por se tratarem de jogos de crianças, são, na verdade, disputas sangrentas que se revelam nada fáceis de serem concretizadas. É bem cruel. Mas aqui ou ali a gente percebe amabilidades entre as personagens – algumas.

No final, o participante que sobrar ganha o equivalente a R\$ 200 milhões. Não adianta chorar. 90 milhões em ação, pra frente Brasil, salve a vacinação. Tergiversei?

É muito fácil, em um mundo pandêmico que ficará assim por muitos anos, porque a doença já estava na cabeça, quando o coronavírus chegou ou quando a crise social atingiu grande parte dos países, se identificar com personagens que chegariam a situações extremas por um valor (vale lembrar que, até o primeiro desafio, os participantes não sabem que morrerão caso não consigam cumprir as tarefas). Jogo é jogo.

O tal valor, lembra a ilusão da mega sena acumulada, quando na verdade nada está acumulado, ninguém tira. É tudo mentira. Vejo milhares de pessoas nas filas das lotéricas, mas nunca ganham. Morrem na ilusão. Mas aí é uma morte lenta e desesperadora.

Além do mais, temas como o valor da amizade, a que ponto a ganância pode levar uma relação e uma pitada de crítica social estão presentes o tempo todo em *Round 6*.

Certas passagens/imagens do jogo lembram muitas coisas, homens e mulheres no mesmo risco da sorte, lentamente destruídos.

Fotografias paradas mostram também a loucura que o dinheiro proporciona. E há, em algumas imagens, uma densidade que mede a curvatura da tristeza humana e animal como um qualquer instante desconhecido e é impossível de descrever, para ser exato.

A curvatura sombria começa nas primeiras imagens e termina depois no coração, órgão principal da inteligência e do choro. O resto, é o resto, mas não quiser ver *Round 6*, espere “*Round 7*”.

A vida não é uma fonte.

Kapetadas

1 - Só duas parcelas sociais não estão nem aí: as grandes fortunas e os grandes miseráveis.

2 - Quem se arma até os dentes tem muito mais chances de morrer desdentado.

3 - Som na caixa: “Tire isso da cabeça, põe o resto no lugar”, Rita Lee.

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Uma ideia na cabeça e um simples celular nas mãos

Foto: Divulgação

Um assunto a ser analisado em tese, não apenas pela confusão que vem sendo feita nos últimos tempos, é o de se produzir Cinema ou Audiovisual. O que nos levaria a refletir melhor sobre aquela máxima “cinemanovista” de Glauber Rocha, quando imprime a frase: “Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”, que fora tão alardeada nos anos 1960. Mas, a que “câmera” ele se referia?

Outro dado não menos pertinente é o de revermos a fórmula Cinética e os estudos sobre “dinâmica dos movimentos”. Rebobinemos os mecanismos reais como “cruz de malta” (ou “grifa”) e “obturador”, que dão dinâmica ao quadro a quadro das imagens cinematográficas, dando-lhes a tão conhecida mobilidade (narrativa visual) no cinema.

Um outro recurso dentro da Física, não muito conhecido, Cinemática (de origem grega κίνημα), nos diz respeito aos movimentos dos objetos. Todo esse “cientificismo” nos leva, de imediato, à mecanicidade de uma conhecida arte que tão bem conhecemos: Cinema. A rigor, são essas as bases da Cinematografia.

Existem fundamentos e etimologias que, por sua natureza, mesmo que se considerem algumas metonímias em curso, em sentidos mais amplos, precisam ser respeitados. E considerada por cientistas uma “geometria do movimento”, a Cinemática (proveniente que é dessa geometria), pelos valores de proposição e velocidade mecânicas, seria uma espécie de irmã siamesa do próprio Cinema.

Em livro que escrevi, resultado da tese de mestrado na UnB – publicado em 2002 com o título *Cinema e Televisão: Uma relação antropológica* –, traço os perfis dife-



Uma simples gravação com câmera digital não significa fazer cinema

renciados que definem os expedientes da Linguagem em ambos os media. Específico as verdadeiras expressões do que sejam Cinema e Televisão.

Agora somos pegos com outra questão bastante curiosa, a das expressões Cinema e Audiovisual. São propostas obviamente parecidas, enquanto recursos artísticos, no uso de imagens em movimento e de som. Embora que, a rigor, têm algumas especificidades bem particulares. Note-se que, cinema nasceu “mudo”. Mas, como Técnica e Arte, com o tempo cinema passou a abrigo essencialmente o audiovisual. Então, o questionamento que se faz é o seguinte: o audiovisual, também como técnica, comporta de fato a complexidade (cinética) do cinema?

Realmente, essa a indagação que suscitaria uma séria reflexão, diante da confusão que se tem feito, havia muito tempo, desde que se tem utilizado dos recursos audiovisuais inovadores do Analógico, em início dos anos 1960, advindos dos ensaios espaciais. Tecnologia mais utilizada pelos meios de comunicação a partir

da década de 1970, seguida pela Digital e seus atuais *megapixels* e *full-frames*, matematicamente ilimitados...

Retomei este assunto, em razão de algumas desavisadas expressões que existem atualmente no meio do audiovisual brasileiro; não só no paraibano. E que reflete um crasso desconhecimento terminológico, entre o que seria fazer Cinema ou Audiovisual. Mais ainda, quando hoje assistimos a uma espécie de euforia dos tantos videomakers (não cineastas), que de pires na mão, não só de seus celulares, buscam os parcos recursos dos editais de fomento à cultura audiovisualizada.

Gente, é necessário se entender o que representa de fato fazer Cinema e o que é um simples registro Audiovisual; são alvitre realmente distintos... Em sala de aula, não só na UFPB, discuti tanto esse assunto com alunos, mas ainda entendo que nos carece de mais alteração. De oportuno, retornarei ao tema. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexantos.com.br.



APC faz parceria com o Teatro Alfenim

A Academia Paraibana de Cinema (APC), que ultimamente tem desenvolvido algumas parcerias com entidades da cena cultural paraibana, firmou mais uma com o grupo de teatro Coletivo Alfenim. O encontro foi realizado esta semana de forma híbrida, segundo a diretoria da APC, e faz parte de sua política de interação com outras formas de artes.

Informou o prof. João de Lima, ainda este mês a Academia Paraibana de Cinema reunirá formalmente sua diretoria, para retomar algumas medidas administrativas, de acordo com o previsto nos estatutos da entidade.

Em cartaz

ESTREIAS

AMARRAÇÃO DO AMOR (Brasil. Dir: Caroline Fioratti. Comédia. 12 anos). Lucas (Bruno Suzano) e Bebel (Samya Pasotto) é um casal apaixonado que decide oficializar a união para todos. Mal sabem eles que a religião vai ser um ponto de discórdia entre suas respectivas famílias. Enquanto o pai da noiva, Samuel (Ary França), luta para fortalecer as tradições judaicas dentro de casa; Regina (Cacau Protásio), mãe de Lucas, se esforça para que seu filho leve para sua futura família as tradições da umbanda. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 16h20 - 20h50.

HALLOWEEN KILLS: O TERROR CONTINUA (Halloween Kills. EUA. Dir: David Gordon Green. Terror. 16 anos). Depois de quatro décadas se preparando para enfrentar Michael Myers, Laurie Strode (Jamie Lee Curtis) acredita que, enfim, venceu. Minutos depois de deixar o assassino queimando, Laurie vai direto para o hospital com ferimentos graves de vida ou morte. Mas quando Michael consegue escapar da armadilha de Laurie, sua vingança e desejo por um banho de sangue continua. Enquanto Laurie luta contra a dor, ela tem que se preparar mais uma vez para se defender de Michael e consegue fazer toda a cidade de Haddonfield se juntar para lutar contra o monstro. Mulheres se juntam e formam um grupo de vigilantes que vão atrás de Michael e acabá-lo de uma vez por todas, garantindo o retorno de um Halloween tranquilo e paz na cidade. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 13h45 (dub.) - 16h15 (dub.) - 18h45 (dub.) - 21h20 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h15 - 16h45 - 19h10 - 21h25; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 19h40; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h20 - 16h20 - 18h20 - 20h20; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h20 - 16h20 - 18h20 - 20h20; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 19h40.

O ÚLTIMO DUELO (The Last Duel. EUA. Dir: Ridley Scott. Drama histórico. 14 anos). Disputa entre o cavaleiro Jean de Carrouges e o escudeiro Jaques Le Gris, acusado de ter vio-

lado a esposa do cavaleiro. A luta, estabelecida pelo próprio rei da França, Carlos VI, marca o grande drama de vingança e crime do século 14, que tem a esperança de ser resolvido somente após o combate. Baseado no romance homônimo de Eric Jager. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 14h30 (dub.) - 17h40 (leg.) - 20h45 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h50 - 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 16h50 - 19h45; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h50 - 19h45.

CONTINUAÇÃO

007 - SEM TEMPO PARA MORRER (007 - No Time to Die. No Time to Die. EUA. Dir: Cary Fukunaga. Thriller, Ação e Aventura. 14 anos). Depois de sair do serviço ativo da MI6, James Bond (Daniel Craig) vive tranquilamente na Jamaica, mas como nem tudo dura pouco, a vida do espião 007 é agitada mais uma vez. Felix Leiter (Jeffrey Wright) é um velho amigo da CIA que procura o inglês para um pequeno favor de ajudá-lo em uma missão secreta. O que era pra ser apenas uma missão de resgate de um grupo de cientistas acaba sendo mais traiçoeira do que o esperado, levando o agente inglês 007 ao misterioso vilão, Safin (Rami Malek), que utiliza de novas armas de tecnologia avançada e extremamente perigosa. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h15 - 17h45 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 17h15; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h40; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h40.

FÁTIMA - A HISTÓRIA DE UM MILAGRE (Fatima. EUA. Dir: Marco Pontecorvo. Drama histórico. 12 anos). Em 1917, Lúcia, uma pastora de apenas 10 anos, e os seus dois primos mais novos, Jacinta e Francisco, têm visões de Virgem Maria, que lhes surge com uma mensagem de paz. As suas revelações inspiraram dezenas de milhares de fiéis que se deslocaram até Fátima, na esperança de testemunhar um milagre, mas não agradaram a Igreja e o Governo de Portugal, que tentaram forçá-los a recontar a sua história. O que se viveu em Fátima mudou para sempre as suas vidas. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h40

(exceto sáb. e dom.) - 18h20; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h30 (exceto sáb. e dom.) - 18h15; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 14h40; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h40.

PATROLHA CANINA: O FILME (Paw Patrol: The Movie. EUA. Dir: Callan Brunker. Animação. Livre). O filhote Ryder e seus amigos têm um grande desafio: impedir o novo prefeito da cidade, Humdinger, de causar muitos problemas. Juntos e equipados com muita tecnologia, a Patrulha Canina luta para salvar os moradores da Cidade da Aventura. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 14h (somente sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 14h10 (somente sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h30 (somente sáb. e dom.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h40; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 14h40.

VENOM: TEMPO DE CARNIFICINA (Venom: Let There Be Carnage. EUA. Dir: Andy Serkis. Aventura, Terror e Fantasia. 14 anos). Depois de um ano dos acontecimentos do primeiro filme, Eddie Brock (Tom Hardy) está com problemas para se acostumar na vida com o symbiote Venom. Eddie tenta se restabelecer como jornalista ao entrevistar o serial killer Cletus Kasady, também portando um symbiote chamado Carnage e que acaba escapando da prisão após sua execução falhada. Baseado no vilão dos quadrinhos da Marvel. CENTERPLEX MAG 4: 16h30 (dub.) - 18h45 (leg.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 15h - 17h30 - 19h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 13h30 (dub.) - 16h (dub.) - 18h30 (dub.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (3D): 14h (dub.) - 16h30 (dub.) - 19h (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h30 - 18h - 20h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (3D, dub.): 14h - 16h30 - 19h - 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 16h - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h30 - 18h - 18h30 - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h - 18h - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h55 - 16h50 - 18h45 - 20h40; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h55 - 16h50 - 18h45 - 20h40; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h - 18h - 20h.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

A União e seus colonistas

Leio *A União* todos os dias, de cabo a rabo, pois é o único jornal impresso ainda em circulação no Estado. Sou dos que se habituaram ao papel e não sente atrativo nenhum para ler na telinha. Coisas do hábito, coisas da formação.

Primeiro corro as notícias, repasso as reportagens, vejo os serviços, sublinho uma ou outra manchete em negrito, testando a criatividade da titulação, e começo a refletir a partir do editorial, para, depois, em tempo lento e já dado ao prazer de coisas mais livres, ler os colonistas que dialogam com a realidade, filtrando suas linguagens pelo olhar subjetivo da percepção, da inteligência, da imaginação e da sensibilidade.

Na edição de 13 de outubro do corrente ano, me vi às voltas, já no *Primeiro Caderno*, com Gonzaga Rodrigues, Clóvis Roberto e Ricco Farias, cada um registrando, a seu modo, opiniões, ideias, informações e valores, dentro da pauta plural do bom jornalismo.

Gonzaga fez a crônica para provar que só “o passado existe”, naquele estilo cheio de acentuações literárias, típico do escritor que tem, na leitura (embora não descarte a vivência), uma das fontes essenciais da criação. Fala-nos da nova edição da revista do IHGPB, destacando um artigo do historiador patoense, José Mota Victor, sobre a presença dos paraibanos na Guerra do Paraguai, e, por tabela, traz à tona o problema metafísico da imortalidade.

Ler Gonzaga é sempre bom. Sua crônica tem o poder de transmutar o efêmero no duradouro; o seu jeito de apalpar as oferendas da vida colhe, aqui e ali, aquele fruto da mais genuína didática poética; seu estilo, entre coloquial e elegante, serve à variedade de qualquer expectativa e ao sortilégio de qualquer leitura. Nele, a literatura e o jornalismo se fundem num amplexo a que não faltam o sentido estético, que à arte preside, e o apelo moral a que se destina, no jornal, o conhecimento do mundo.

Em *Pedra de chão*, Clóvis Roberto evocou os campinhos de pelada dos bairros pobres e periféricos, nos permitindo refletir acerca da realidade e da fantasia que permeiam o universo do futebol. Transcrevendo versos de João Cabral de Melo Neto e tentando operar o milagre da bola na perspectiva de sua esfera simbólica, de sua espessura lúdica, de seu trânsito concreto e imaginário, fez a crônica circular entre os azeiros do artigo e do ensaio, sempre, no entanto, caucionada pela força lírica que move sua mirada singular sobre fatos, seres e coisas.

Ricco Farias, que não é cronista, embora seja um fino poeta, que eu sei, nos deu seu recado acerca da vida política e suas derivações. No boxe de entrada, noticiou os processos escusos da Fundação Palmares e a truculência bolsina de seu presidente, Sérgio Camargo. Fechou o parágrafo com estas palavras do próprio irmão, Wadico Camargo, ditas a *Revista Fórum*: “Tenho vergonha de ser irmão desse capitão do mato”.

Não leio o velho jornal sem passar pela coluna *Uniforme*. Leve, informativa, crítica, inteligente, irônica, bem medida e bem pensada, arguta nas escolhas temáticas e bem distante da idiotice da objetividade do jornalismo convencional.

Como o dia 13 foi numa quarta-feira, no caderno de *Cultura*, compareceram Vitória Lima e Luiz Augusto de Paiva. Ela escreveu sobre os 80 anos de Waldemar José Solha; ele, sobre as benfeitorias da babosa e de sua saudade de Chimbica, cachorrinha de estimação.

São dois estilos bem diferentes, mas agradáveis de se ler. Em Vitória, pesaram as referências shakespearianas, seu refinado gosto artístico, seu esmero e seu amor à beleza estética. Tudo, numa escrita clara, concisa, carregada de sugestões cognitivas, bem peculiar a quem se deu toda a vida ao espaço mágico da sala de aula. Em Luiz Augusto Paiva, o que contou mesmo foi o miúdo dos assuntos ventilados, a graça, a perspicácia, o humor e a ironia com que traqueja seus motivos, quase sempre captados sob o império do riso e da carnavalização.

Li ainda Georgina Luna, Geraldo Varela, Iago Sarinho, guardando informações a respeito do *marketing* e dos esportes, tudo a compor, na trivialidade do dia a dia, nas comportas ordinárias do cotidiano e na solidez repousante da rotina, as possibilidades incontornáveis dos acontecimentos e dos objetos do mundo.

Isto, só numa quarta-feira!

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambaí [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344-5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaíra (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypcio [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Vocalista da Nação Zumbi faz um tributo ao 'Rei do baião'

Em investida solo, Jorge Du Peixe lança 'Baião Granfino', álbum com a participação da paraibana Cátia de França

Danilo Casaletti
Agência Estado

Em 1971, a gravadora RCA Victor lançou o LP *O Cantor Jovem de Luiz Gonzaga*. Na capa, uma foto em que o "Rei do baião" aparece sem seu chapéu de vaqueiro e sua capa de couro, em frente a um arranha-céu espelhado. No repertório, músicas de Edu Lobo, Dori Caymmi, Nelson Motta, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Nonato Buzar, entre outros compositores de duas gerações após a sua.

Uma das faixas do álbum era uma regravação de 'Asa Branca', a toada que foi seu grande sucesso em 1947, com participação de seu filho, Luiz Gonzaga Jr., que despontava naquele momento com um dos nomes do Movimento Artístico Universitário, o MAU. A música que fechava o disco era a melancólica 'Bicho, Eu Vou Voltar', de autoria de seu antigo parceiro Humberto Teixeira. A letra falava em uma promessa de retorno às paradas de sucesso, respeitando a geração de Tom (Jobim), Caetano, Gil, Chico (Buarque).

Era uma tentativa da gravadora de aproximar Gonzaga a uma geração que, após a "Era do rádio", na qual ele foi um dos destaques, havia se

ligado na bossa nova, na MPB e na Tropicália – e, posteriormente, no pop/rock nordestino que traria Alceu Valença, Zé Ramalho, Elba Ramalho, entre outros. O curioso é que todos esses gêneros beberam da fonte – e das músicas – do mestre nascido em Exu, no Sertão pernambucano, provando que Gonzaga era não apenas um ídolo do passado, mas uma ponte para o futuro.

Essa mesma conexão aparece agora no álbum *Baião Granfino*, que o cantor e compositor Jorge Du Peixe, vocalista da banda pernambucana Nação Zumbi, acaba de lançar, em investida solo. Com 11 faixas compostas e cantadas por Gonzaga e parceiros, 20 músicos participantes, o álbum chega às plataformas digitais pelo selo Babel.

A ideia do tributo nasceu do encontro de Du Peixe com o produtor Fábio Pinczowski em 2017, quando o cantor participou do programa Clubversão, da HBO, cantando o clássico 'Manhã de Carnaval' (Luiz Bonfá/Antônio Maria) na companhia do baterista Wilson das Neves (1936-2017).

A intenção de ambos – Pinczowski assina a produção musical do álbum – era pegar a célula harmônica do baião

de Gonzaga e usá-la em diferentes variações, sobretudo contemporâneas. Assim, 'Qui Nem Jiló', por exemplo, parceria de Gonzaga e Teixeira de 1950, ganhou uma versão *african pop* com uma pegada também de hip hop, na definição de Du Peixe.

Dentro do ambiente em que a Nação e Du Peixe se criaram, está 'Rei Bantu', composição assinada por Luiz Gonzaga e Zé Dantas lançada em 1950. A canção é um maracatu, mesmo ritmo que, no início de década de 1990, Chico Science (1966-1997) e a Nação eletrificaram e levaram para o mundo, que fala das origens africanas nas quais o gênero está fincado, assim como também o baião de Gonzaga. Na criação de Du Peixe, 'Rei Bantu' ainda ganhou toques de maxixe. Os músicos Pupillo (bateria, ex-Nação), Mestrinho (sanfona), Swami Jr (violão) e Carlos Malta (pifanos) participam da faixa.

A faixa 'O Fole Roncou', que tem participação especial da cantora paraibana Cátia de França, pre-

serva sua vocação rock'n'roll. "Luiz Gonzaga não tinha medo da guitarra. Ia para cima. Essa música é rock, é *soul*, funk. É muito louco isso. Tanto ele quanto Jackson do Pandeiro eram destemidos nesse sentido", diz Du Peixe.

A participação de Cátia, de 74 anos, considerada a primeira guitarrista mulher da Paraíba, e talvez o nome mais esquecido – ou injustiçado – da chamada Geração Nordest-

tina dos anos 1970, tem uma relação afetiva com a memória de Du Peixe, que a assistia tocar em shows ao ar livre em Recife na adolescência.

O nome da artista foi sugerido primeiramente por Pinczowski para fazer coro em algumas faixas. "Eu disse, pera aí: agora você levantou uma bola que eu vou chutar. Quero ela cantando comigo! Ela topou na hora. Eu fiquei muito feliz. Quando tudo isso passar (a pandemia) vou comer uma galinha à cabidela com a Cátia", afirma Du Peixe.

A integração dos dois na faixa é total. No final da gravação, Cátia diz, entre risadas. "Rapaz, eu ouvia Luiz Gonzaga com Elba cantando essa música e me arrepiava. Isso é eterno!"

Das menos conhecidas do repertório de Gonzaga, estão o bolero

'Acácia Amarela' e a toada 'Cacimba Nova'. Du Peixe diz que se emocionou ao gravar a segunda, que fala de paisagens do Sertão e conta histórias de vaqueiros. Da primeira, ele destaca o coro formado por Maria Beraldo, Naolana Lima e Livia Nestrowski.

Para Du Peixe, Gonzaga é "familiar". Além da música, sempre presente em sua infância e adolescência, ele lembra de uma cena que lhe marcou: a comoção das pessoas quando o corpo do artista chegou ao aeroporto de Recife – Du Peixe era funcionário da extinta companhia aérea Vasp – para depois ser transportado para Exu, onde foi enterrado.

"A pandemia trouxe muita saudade para as pessoas. O disco é um mergulho nas emoções e nas paisagens de Gonzaga. É mais do Brasil para o Brasil. E isso é importante nesse momento escuro em que estamos vivendo, com o país sendo administrado dessa forma. Precisamos acabar com isso o quanto antes – e arte é um caminho", diz Du Peixe, que segue à frente da Nação Zumbi e deve lançar um novo álbum no próximo ano.



No disco, faixa 'O Fole Roncou' conta com a cantora Cátia de França, que preserva sua vocação rock'n'roll



Imagem: José de Holanda

Foto: José de Holanda/Divulgação

Projeto de Du Peixe usa a célula harmônica do baião de Gonzaga em diferentes variações, sobretudo de modo contemporâneo

Conheça a voz por trás do Nobel de Literatura deste ano

Dirce W. do Amarante
Agência Estado

O prêmio Nobel de Literatura deste ano colocou em destaque os refugiados, exilados ou deslocados, que emergem da obra do escritor tanzaniano Abdulrazak Gurnah, um professor aposentado de Inglês e de Literatura Pós-colonial na Universidade de Kent, na Inglaterra.

Gurnah é o sexto escritor africano a ganhar o Nobel de Literatura, se consideramos que o primeiro foi conferido, em 1957, ao escritor franco-argelino Albert Camus. De lá para cá, houve mais quatro vencedores: o nigeriano Wole Soyinka, em 1986, o egípcio Naguib Mahfouz, em 1988, e dois sul-africanos, Nadine Gordimer, em 1991, e J. M. Coetzee, em 2003. No Nobel de Literatura, a Academia Sueca ainda caminha lentamente em termos de diversidade cultural, mas

parece traçar um caminho sem volta.

A notícia da premiação de Gurnah traz à tona algumas questões interessantes. O escritor é apresentado, por exemplo, como professor universitário, de modo que a sua vida acadêmica e a sua atividade artística caminham lado a lado. A propósito, o tema de seus romances e contos, que tratam dos "efeitos do colonialismo" de forma "intransigente e compassiva", como destacou a Academia Sueca, parece incorporar elementos da teoria pós-colonial discutidos pelo professor na sua cátedra. Vale lembrar que, na área literária, esse campo de pesquisa se consolidou como uma extensão do estudo das chamadas "novas literaturas em inglês", desenvolvidas no final dos anos 1970, nos países que faziam parte da comunidade britânica, tais como a Tanzânia, terra natal do escritor.

No Brasil, pelo menos no âmbito das avaliações acadêmicas na área de Humanas, as atividades artísticas de docentes e discentes ainda são vistas com certa desconfiança no meio, como se elas estivessem apartadas das pesquisas desenvolvidas ou discutidas no âmbito das universidades. De modo que um Prêmio Nobel concedido a um profes-

sor cuja ficção é fruto também de sua pesquisa poderia acender novamente a discussão a esse respeito.

Uma outra questão que surge dessa premiação é a da língua escolhida pelo escritor, o inglês, a língua do colonizador, e não o suaíli, a língua também falada em seu país. Por vezes, opta-se por escrever na língua do colo-

nizador para que o "recado" seja ouvido mais facilmente e por um maior número de pessoas. Feita essa escolha, pergunta-se, contudo, onde ficariam as especificidades de cada cultura expressas justamente na língua?

Para a filósofa francesa Barbara Cassin, por exemplo, é preciso compreender como as diferentes línguas produzem mundos diferentes, comunicam esses mundos e inquietam umas às outras. Portanto, afirma Cassin, a escolha de língua que não seja "universal" seria "um gesto filosófico e também, talvez hoje sobretudo, um gesto político", que implica uma pergunta: "Qual tipo de mundo, qual 'globalização' nós queremos? Resposta: há dois que não queremos, que podemos caracterizar assim: nem totalmente em inglês, nem nacionalismo ontológico". Como atuar nesse entrelugar? Talvez a obra de Gurnah

possa dar uma grande contribuição a esse debate.

Por fim, o Nobel ao escritor africano, cuja obra ainda é inédita em português, pelo menos no Brasil, acabará lançando luz sobre a figura do tradutor, uma vez que será através dele que a obra de Gurnah será conhecida por uma boa parcela dos leitores. Mas o tradutor é muitas vezes um deslocado: quase sempre seu nome e trabalho são "excluídos" dos debates sobre a obra que ele ajudou a construir em outra língua e cultura. Contudo, é ele, como afirma a artista chilena Cecilia Vicuña, outra deslocada, radicada nos Estados Unidos, o primeiro a dar boas-vindas aos estrangeiros, porque "o papel do tradutor é ser o comunicador entre os mundos, por isso a cultura atual o suprime", conclui a artista. Essas questões só vieram à tona em razão da escolha pela diversidade da Academia Sueca.



Obra do tanzaniano Abdulrazak Gurnah trata dos "efeitos do colonialismo"

Foto: Divulgação

Políticos já se articulam para criar federações partidárias por causa das ameaças da inclusão da chamada cláusula de desempenho. Siglas pequenas discutem alianças para formação de entidades. Página 14



Foto: Agência Brasil

Fotos: Agência Câmara



O deputado federal Julian Lemos quer uma reforma ampla que alcance todos os segmentos do serviço público



O texto do projeto está pronto para ser votado, mas não parece ser prioridade para o presidente Arthur Lira



Para Gervásio, há problemas no setor público, mas a PEC 32 não parece ser a melhor maneira de resolvê-los



Efraim Filho vê a reforma com muitos problemas, inclusive com a desvalorização dos servidores públicos

Paraibanos querem reforma administrativa ampla e justa

Deputados federais não aceitam o texto atual por causa de privilégios para algumas categorias de servidores

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

A reforma administrativa está entre a série de propostas não populares do poder executivo. O texto está pronto para ser votado no plenário da Câmara dos Deputados. No entanto, não parece ser a prioridade do presidente, Arthur Lira (PP-AL), que pretende colocar a PEC dos precatórios na frente. A demora pode ser a falta de votos necessários para a aprovação.

A proposta foi aprovada no último dia 24 de setembro pela Comissão Especial da Reforma Administrativa, por 28 votos a favor e 18 contra. Entre os pontos mais polêmicos, o texto aprovado manteve os instrumentos de cooperação com a iniciativa privada e preservou os benefícios de juízes e promotores, como as férias de 60 dias.

Entre os deputados da bancada federal Paraibana, como Pedro Cunha Lima (PSDB), a PEC não deve ser aprovada sem afetar todos os cargos. "Reforma administrativa que não mexer com deputado, senador, juiz, promotor, procurador...

Ameaça

Em uma das mudanças, a estabilidade no serviço público ficará restrita a carreiras típicas de Estado

não tem meu voto", escreveu em suas redes sociais.

O deputado federal Julian Lemos (PSL) usa do mesmo argumento que Pedro para se colocar contra a PEC. "Eu sou a favor de uma reforma administrativa que seja incluída em todos os segmentos, de cima para baixo, não adianta fazer uma reforma baseado naquele que recebe menos. Tem que incluir todo o segmento do funcionalismo público".

Já o deputado federal Gervásio Maia (PSB), vice-líder da oposição, apesar de admitir problemas no serviço público, acredita que a re-

forma não é a melhor proposta para solucioná-los. "O ideal é um debate para solução das deficiências do serviço público. A PEC 32 não busca isso, procura eliminar a figura dos servidores concursados".

O deputado Efraim Filho (DEM) também se manifestou contra a Reforma. "O texto da Reforma não agrada. Desvaloriza o servidor e por isso voto contra", disse.

A alegação do parlamentar é que, caso a PEC seja aprovada, pode causar perda da qualidade do serviço público. "A gente sabe que na hora que você elimina os servidores, substituindo por servidores indicados pelo político de plantão, você perde a qualidade em relação aos quadros de pessoal. A PEC 32 traz tudo isso, desmonta essa conquista da constituição e abre espaço para a privatização do serviço público", ressaltou Gervásio Maia.

Em uma das mudanças, a estabilidade no serviço público ficará restrita a carreiras típicas de Estado. Uma lei complementar futura vai definir quais se enquadram nessa categoria, e os entes federativos poderão regulamentar o tema pos-

teriormente. Os profissionais das demais carreiras serão contratados por tempo indeterminado ou determinado.

As formas de ingresso no serviço público serão os concursos e as seleções simplificadas, estas para vagas por tempo determinado. Só será efetivado no cargo quem, depois de aprovado no concurso, alcançar resultados em avaliações de desempenho e de aptidão durante período de experiência obrigatório como fase final do certame.

O deputado completou ainda ressaltando que, ao contrário do que é prometido com a reforma, o serviço público poderá custar mais aos cofres públicos. "Você vai ter um serviço público custando mais caro, com iniciativa privada ganhando dinheiro, e você vai ter uma perda na qualidade. Vai tirar o que entra pela porta da frente, para colocar o que entra pela janela, indicado por algum político", concluiu.

Segundo o Ministério da Economia, a reforma traria menos gastos para o país. No site do governo, sob o título: "Reforma Administrativa: uma necessidade do país", há 11

motivos que defendem essa afirmação.

Entre as afirmações, está a argumentação de que os servidores públicos comprometem muito dos gastos com despesas obrigatórias. "Em 2019, 94,9% de todo o valor arrecadado pelo Governo Federal foi comprometido com despesas obrigatórias. Nesse grupo, o segundo maior gasto é com a folha de pagamento dos servidores públicos, ficando atrás somente dos gastos com previdência".

Além disso, o texto ressalta que no Brasil, a despesa com funcionários públicos é elevada em relação aos padrões internacionais. "Enquanto a média da OCDE é de 9,9% do PIB, no Brasil esse percentual é de 13,4%".

Por outro lado, o serviço público tem um papel importante na economia. Na Paraíba, ao todo, cerca de 35,5% das pessoas ocupadas no Estado são servidores. Dos 683,8 mil trabalhadores no Estado, 243,3 mil são de órgãos públicos, segundo o Cadastro Central de Empresas (CEMPRE) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Enquete mostra que a população também não apoia a proposta

A Proposta também não é bem vista pela população. Segundo uma enquete realizada pela Câmara dos Deputados, 91% dos que participaram discordam totalmente da PEC da Reforma administrativa e apenas 2% responderam que concordam totalmente com a proposta. Além disso, 6% respondeu que discorda com a maior parte, 1%

concorda com a maior parte, e menos que 1% ficou indeciso.

Ao todo, 232.861 pessoas participaram da enquete. Entre os comentários sobre os "pontos positivos" mais curtido, na pesquisa, está a seguinte fala: "não há pontos positivos, pois ao retirar a estabilidade dos servidores procuraram aumentar o cabide de empregos por

apadrinhamento políticos que já existe no país". Já o comentário negativo mais curtido diz: "Favorece o apadrinhamento, sucateia o estado".

Sobre a PEC

A ameaça é de que os servidores públicos possam ter alguns benefícios vedados, como licença-prêmio, aumen-

tos retroativos, férias anuais superiores a 30 dias, adicional por tempo de serviço, adicional ou indenização por substituição não efetiva, redução de jornada sem redução de remuneração (salvo por saúde), entre outros.

Enquanto a divulgação realizada pelo Governo Federal enfatiza que as novas leis administrativas só afetarão os

novos contratados, alguns pontos no textos não ficam claros se podem alcançar os atuais servidores.

A proposta altera 27 trechos da Constituição e introduz 87 novos, sendo quatro artigos inteiros. As principais medidas tratam da contratação, da remuneração e do desligamento de pessoal.

Partidos já se articulam para criar federações partidárias

Ameaçadas pela chamada cláusula de desempenho, siglas pequenas discutem alianças para formação de entidades

Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil

Pedro Venceslau
Agência Estado

A confirmação de que federações partidárias poderão disputar as próximas eleições reacendeu as negociações em torno da construção de alianças. Partidos pequenos, ameaçados pela chamada cláusula de desempenho - mecanismo que tem o objetivo de restringir o funcionamento de siglas que não alcancem porcentual mínimo de votos na eleição para a Câmara - são os principais interessados. Entre as tratativas mais avançadas, PV e Cidadania podem caminhar juntos em 2022.

A federação prevê a união de dois ou mais partidos para formar um bloco durante a eleição e no exercício dos mandatos; necessariamente, a aliança deve vigorar por quatro anos no Congresso e nos Legislativos de todo o país. As legendas devem atuar no Congresso, Assembleias, Câmaras Municipais e eleições dentro

desse período como se fossem um único partido. As siglas poderão, porém, manter seus símbolos, programas e procedimentos internos.

O presidente nacional do Cidadania (que conta com 7 deputados federais), Roberto Freire, e o presidente do PV (4 deputados), José Luiz Penna, já se reuniram esta semana para discutir a união das duas agremiações.

“Para o Cidadania vale a pena (formar uma federação). A gente tentou a Rede, mas ela aparentemente desistiu”, disse Freire ao Estadão. Na avaliação dele, as federações devem ser o embrião da criação de novos partidos.

“É uma forma de fazer a transição após o fim das coligações. A federação funciona como um partido por toda a legislatura, e tem uma eleição no meio. É preciso que haja muito mais convergências. É diferente de uma coligação meramente eleitoral”, afirmou o dirigente do Cidadania.

A decisão do Congresso - que derrubou o veto do presidente Jair Bolsonaro para impedir as federações - representou uma derrota para o Palácio do Planalto e foi comemorada especialmente pelo PCdoB. Hoje com 8 deputados, a legenda se empenhou diretamente na articulação política em torno da aprovação original da medida e derrubada do veto. Tradicional coligado do PT, o PCdoB teria enormes dificuldades de superar sozinho a cláusula de desempenho, não à toa chamada também de cláusula de barreira.

Nos bastidores, as lideranças do PCdoB já discutem qual seria a melhor aliança à esquerda para o partido em 2022: PT, PSB, PDT ou PSOL.

As sondagens, por enquanto, foram feitas de maneira informal. “Eu vejo com naturalidade que o PCdoB converse com PSB, PT, PSOL, PDT, Rede e Cidadania”, disse o deputado Orlando Silva (PCdoB-SP). Mas há resistências entre esses partidos.



O presidente do Cidadania, Roberto Freire, negocia com a direção nacional do PV a criação da federação



PSB vai realizar estudo nos estados para tomar decisão sobre a proposta

Foto: Agência Estado



Carlos Siqueira, presidente do PSB, afirmou que é contra as federações partidárias

“Vamos fazer um estudo sério e ver estado por estado se convém ao PSB formar uma federação. Essa é uma decisão séria, já que serão 4 anos juntos - duas eleições de forma verticalizada. É muito complicado”, afirmou Carlos Siqueira, presidente do PSB. Ele se diz pessoalmente contra as federações, mas liberou a bancada do partido do Congresso, que votou para derrubar o veto.

No caso do PSOL, a direção da sigla vai começar esse debate só após a posse da nova direção, no fim do mês, mas os dirigentes dizem que

não têm pressa. O partido avalia que tem força suficiente em São Paulo e Rio de Janeiro para superar a cláusula de barreira no ano que vem. Reservadamente, lideranças da legenda dizem que o PSOL tem um perfil diferente e menos pragmático que o PCdoB, mas não descartam a hipótese de formar uma federação com a sigla comunista.

Criada na reforma eleitoral de 2017, a cláusula de desempenho impede que partidos com menor expressão eleitoral tenham acesso a fundos públicos de financiamento

e tempo gratuito de rádio e TV. Ela determina um número mínimo de votos que o partido deve obter nas eleições para deputado federal. Assim, após o fim das coligações, a federação partidária autoriza a soma dos votos obtidos por cada legenda da aliança para superar a barreira, mas essa aliança necessariamente deve durar quatro anos.

Procurada, a assessoria da Rede (um deputado federal) informou que o tema será debatido na próxima reunião do Elo Nacional, como eles chamam a executiva partidária.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Viagra natural de Bananeiras foi estudado até na Europa

A banana é uma fruta tropical rica em carboidratos, vitaminas e minerais, fonte de energia, previne doenças cardíacas, é boa para digestão e se converteu em melhor amiga do homem de meia idade, a partir do fenômeno observado em um camarada chamado Jeje, natural de Bananeiras, Brejo da Paraíba, ocorrência contada pelo jornalista e memorialista Rubens Nóbrega, no seu livro “Histórias da gente” que acabei de ler neste domingo. A partir da narrativa do sexólogo frugífero, passei a compor imediatamente o folheto “Viagra natural de Bananeiras foi estudado até na Europa”. Acredito que noventa por cento dos meus leitores já sabe o que significa o vocábulo “frugífero”. Mas, em respeito à minoria, obrigo-me a esclarecer que frugífero é a pessoa que tem as frutas como base de sua dieta, regime alimentar do tal Jeje de Bananeiras. Esse caboclo com mais de setenta anos se mantinha sexualmente dinâmico, diariamente assíduo e aplicado na cama com sua esposa, dona Ciça, feliz testemunha ocular e vaginal da banana de Jeje e suas potencialidades.

Conforme o memorialista Nóbrega, a banana cultivada no sítio de Jeje é por ele

consumida em doses cavaleares e muare foi estudada em todos os seus fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais por técnicos e cientistas da Universidade Federal da Paraíba e do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, chegando-se à conclusão de que “a banana de Jeje tinha mais potássio e mais vitamina A e E do que qualquer outra no planeta, apresentando-se bem maior e mais grossa do que todas as outras variedades”. A prefeita, dona Martha Ramalho, apressou-se em fixar oficialmente os direitos de produção e uso da marca, porque a fama da banana de Jeje correu o mundo e foi parar nos grandes laboratórios farmacêuticos da Europa e Estados Unidos, interessados em industrializar o “viagra natural” de Bananeiras. O próprio Jeje foi objeto de pesquisas e testes científicos internacionais, onde se confirmaram as virtualidades da vigorosa banana.

O cavalheiro ou a dama que quiser saber sobre a conclusão desse episódio gastronômico sexual que adquira o livro de Rubens Nóbrega ou espere o lançamento do folheto “Viagra natural de Bananeiras foi estudado até na Europa”, onde eu começo afirmando que o caju é o melhor

amigo do homem que bebe e a banana é a melhor amiga do varão que gosta de “fazer amor”, como diria a senhorita recatada e romântica, ou do macho que aprecia copular, conforme definição do canalha Ameba, comentarista também presente no citado folheto. Aliás, essa brochura (nada a ver com falta de ereção), pode ser classificada no gênero cordel de gracejo, ou seja, o folheto voltado para o mundo do riso, onde se escancara a ironia e a espíritosidade do povo nordestino por meio dessas histórias rimadas e picantes da literatura de cordel. Sendo que este cordelista, reconhecido profissionalmente por força de lei federal, não se detém apenas no campo do cordel de gracejo. Sou orgulhoso autor, por exemplo, do folheto “A verdadeira história das pedras de Ingá”, onde misturo arqueologia com putaria, acompanhado desse mestre das ciências ocultas e apagadas, o poeta Vavá da Luz, xerife do Ingá do Bacamarte e pessoa altamente astuta, desse povo que dá beliscão em fumaça. Diferente dos estudos clássicos das civilizações antigas, em geral chatíssimos, meu folheto permite até comentários desairosos sobre a imemorial

rivalidade entre as cidades de João Pessoa e Campina Grande:

Veja bem o estratagema
De Campina e João Pessoa
Pra saber quem é mais besta,
Quem mais lorota apregoa.
Um chama o outro “matuto”,
Pra deixar o outro “puto”
Diz que tem mar e lagoa.

Campina Grande entoa
Ser “Rainha do Nordeste”
Quanto à tecnologia.
Diz ser cidade da peste
No comércio de cigano
E ainda todo ano
Faz a sua apologia

Ao baião reverencia
No “maior São João do mundo”.
Com mania de grandeza,
Afirma ser oriundo
De enraizada matriz
E esmerados ardis
Quer ser chamada de alteza.

Essa parte foi inspiração do indecente Ameba, elemento mais mascarado de que Rubens Nóbrega quando o Vasco é campeão.

Mulheres continuam longe da liderança nas empresas

Mais de 60% das firmas listadas na Bolsa não possuem sequer uma pessoa do sexo feminino em cargo de direção

André Jankavski
Agência Estado

Apesar da discussão de uma maior participação das mulheres em cargos de liderança ter aumentado nos últimos anos, ainda há um grande caminho a se percorrer para alcançar algo próximo de uma igualdade. Até mesmo nas empresas de capital aberto, que são as empresas com maiores níveis de governança corporativa no Brasil. De acordo com um levantamento inédito realizado pela B3, 61% das empresas listadas na Bolsa não possuem sequer uma mulher ocupando cargo nas diretorias executivas.

No caso do conselho de administração, a participação feminina é um pouco maior e chega a 55%. Para a pesquisa, foram consideradas 408 empresas que tinham ações negociadas na Bolsa até junho de 2021.

Porém, o problema fica ainda mais evidente quando se é analisada a penetração relativa das mulheres em cargos de liderança. Apenas 11% das companhias listadas possuem duas ou mais representantes femininas em cargos diretivos. No caso dos conselhos, somente 6% das companhias possuem três ou mais mulheres atuando como conselheiras.

A própria B3 se encaixa nesse número. A empresa que opera a Bolsa tem Ana Carla Abrão Costa, Claudia Farkouh Prado e Cristina Anne Betts como conselheiras, mas o colegiado inteiro conta com 11 integrantes. Ou seja, as mulheres têm uma fatia de 27% dentro do conselho. No caso da diretoria executiva, são duas mulheres e oito homens.

Uma delas é Ana Buchaim, diretora executiva de pessoas, marca, comunicação e sustentabilidade. Segundo ela, a companhia possui metas internas para aumentar a representatividade das mulheres e afirma que não é simplesmente virar uma chave para que essa igualdade comece a ser mais visível. "É importante ter o conhecimento da companhia e olhar os dados não como uma foto, mas como uma evolução ao longo do tempo", diz ela.

De fato, a B3 consegue se posicionar em um nível acima da grande maioria das empresas listadas no Novo Mercado, nível que exige regras mais altas de governança corporativa, quando se analisa a diversidade no conselho de administração. São apenas 13 as empresas que possuem três ou mais mulheres como conselheiras, o que chega a 7% do total, apenas um ponto percentual acima da média do geral.

Para ocupar cargos de liderança, o perfil do homem branco continua em alta nas empresas, mesmo com as discussões sobre diversidade avançando



Foto: Pixabay

Participação feminina na direção das empresas que atuam no Brasil ainda é pequena e demonstra poucas alterações nos últimos anos, apesar das discussões em torno da igualdade de gênero

+ Visão ainda atrasada

Para Valéria Café, diretora de vocalização e influência do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), existem centenas de mulheres que poderiam ocupar essas cadeiras, inclusive com formações específicas da própria organização. O problema, no entanto, é que existem vieses inconscientes na maioria das lideranças que não os faz buscar pessoas diferentes do seu próprio perfil. Desta maneira, o perfil do homem branco continua em alta mesmo com as discussões de diversidade avançando.

"As pessoas precisam se perguntar: será que não existem mulheres para compor o meu conselho e minhas diretorias? E que tenham experiências diferentes? E que sejam de etnias diferentes? É importante que essas lideranças possuam esse novo olhar", afirma Valéria. Por enquanto, essa visão continua atrasada no Brasil: em países europeus como França e Noruega o percentual de participação das mulheres em conselhos é de mais de 44%.

Otimismo

Marília Rocca, que hoje é presidente da subsidiária brasileira da empresa de cosméticos Hinode e atua como conselheira desde 2012, enxerga o copo meio cheio. Ela diz que nunca recebeu tantos telefonemas pedindo por indicações de mulheres tanto para ocupar cargos em conselhos quanto em diretorias executivas. Marília, atualmente, senta em uma das cadeiras do conselho do Banco Santander. "As coisas estão melhores do que antes, mas é necessário que haja um movimento para que existam mais mulheres ocupando cargos na mesma empresa", afirma Marília, que cita o 30% Club, que é uma campanha global liderada por grandes executivos para aumentar a penetração da diversidade corporativa para, pelo menos, 30%.

Para Flávia Mouta, diretora de emissoras da B3, trata-se de um movimento sem volta. Ao mesmo tempo, ela admite que os números mostram que existe um caminho grande a ser percorrido. "Não dá mais para fugir dessa história e nem acredito que esses números possam ser vistos com pessimismo, pois é um retrato de hoje. Mas temos um caminho a percorrer para que, de fato, tenhamos um mercado mais plural", afirma Flávia.

Ações sobre violação dos direitos humanos triplicam

Wesley Galzo
Agência Estado

A pandemia de covid-19 produziu efeitos intensos de deterioração da qualidade de vida dos brasileiros. Prova disso é que o número de casos na Justiça relacionados a violações de direitos humanos teve um salto sem precedentes na série histórica que acompanha, desde 2014, a evolução das disputas nos tribunais. Em 2020, o número de novas ações para ter acesso a direitos fundamentais triplicou em relação ao ano anterior: foram 64.978 registros em tribunais do país, um aumento de 342% na comparação com os 18.992 processos de 2019.

Os dados são da pesquisa "Justiça em Números 2021", do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com base nas informações repassadas por todas as instâncias, incluindo o Superior Tribunal Militar.

Entraram na lista ações relacionadas a direitos de migrantes, refugiados, minorias étnicas e indígenas, ao acesso à comunicação, alimentação, moradia e anistia política. A alta no número de casos foi puxada por demandas de assistência social, que correspondem a 71% dos registros, com 46.303 ações computadas.

Moradora de Planaltina, no Distrito Federal, Eliene Aparecida de Freitas Jesus é mãe solteira de cinco filhos, dois deles com

deficiência física, e está entre as pessoas que precisaram acionar a Justiça para ter acesso a benefícios sociais garantidos por leis, segundo ela, fundamentais para sobreviver à crise econômica causada pela pandemia. Ela é mãe da Maria Isabela, de 2 anos e 6 meses, que desde o nascimento tem uma prótese biológica no coração por causa de erros médicos e complicações na gestação.

Logo que a filha nasceu, Aparecida acionou o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para solicitar o Benefício de Prestação Continuada (BPC) garantido a idosos e pessoas com deficiência. Após três tentativas, o pedido foi negado devido a erros cadastrais. Com o agravamento da pandemia, a saída encontrada foi recorrer ao Tribunal de Justiça do Distrito Federal - segunda instância do Poder Judiciário.

Benefícios negados

O caso da Maria Isabela figura entre as duas categorias de direitos humanos definidas pelo CNJ que mais tiveram ações novas na Justiça: assistência social e pessoas com deficiência - este último com 4.173 registros, o equivalente a 9% da primeira colocada. Fecham a lista de casos mais recorrentes os de benefícios negados a pessoa idosa (2.934), intervenção nos estados/municípios (2.729) e alimentação (2.346).

Em relação aos tribunais

que recebem essas demandas, a Justiça Federal - que é acionada em casos que envolvam o Governo Federal - é a líder disparada. O Tribunal Regional da 4ª Região (TRF-4), responsável pelos estados do Sul do país, recebeu 34.675 ações de direitos humanos no último ano. O segundo colocado TRF-2, que engloba o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, teve 6.665 casos.

Em setembro de 2020, o presidente do CNJ, ministro Luiz Fux, criou o Observatório dos Direitos Humanos no Judiciário, com o objetivo de garantir a proteção a esses direitos. Dentre as principais competências do grupo está a iniciativa de "municar a atuação do Poder Judiciário na formulação de políticas, projetos e diretrizes destinados à tutela dos direitos humanos".

Frei David, fundador da Educafro e militante histórico do movimento negro, integra o colegiado. Para ele, o crescimento acentuado do número de casos de direitos humanos está ligado à atuação do presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia. "O que fez crescer esses dados foi a postura determinada do Governo Federal de combater direitos", disse ele.

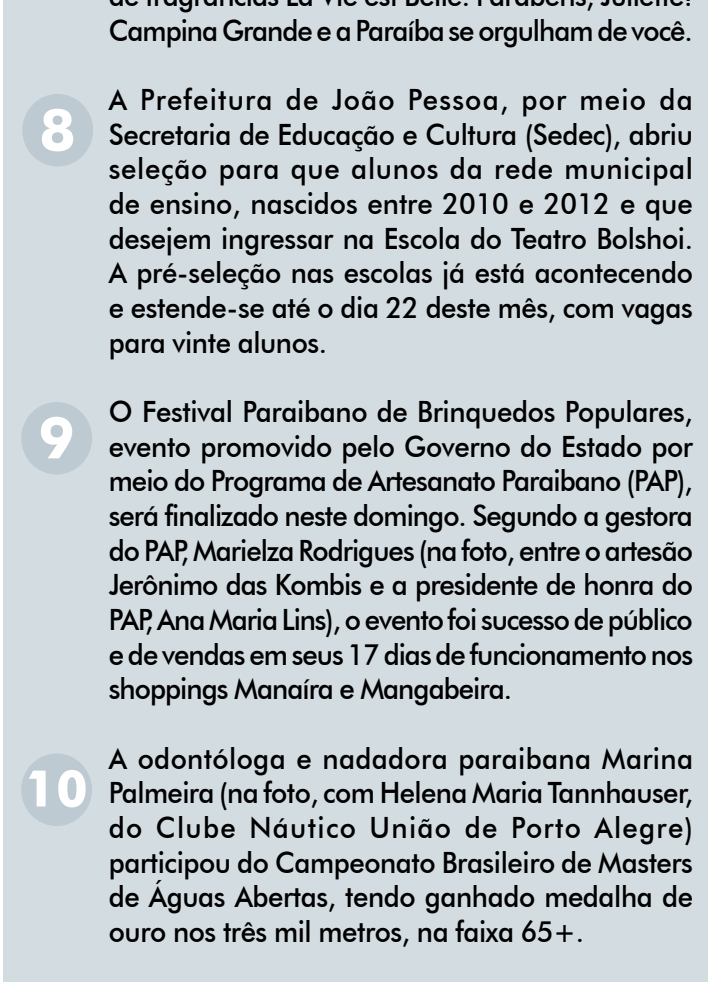
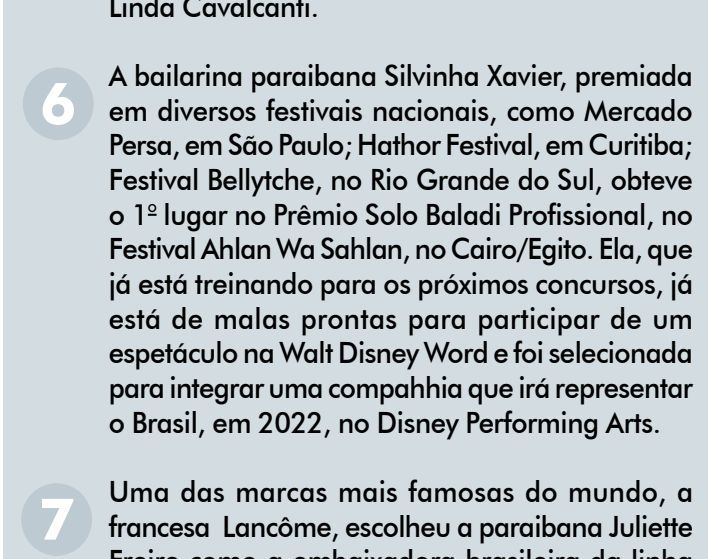
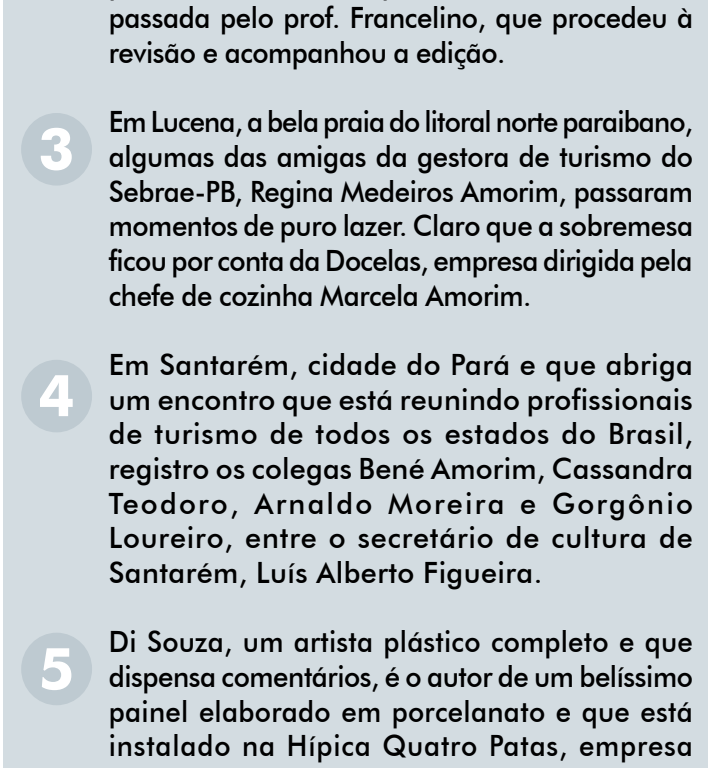
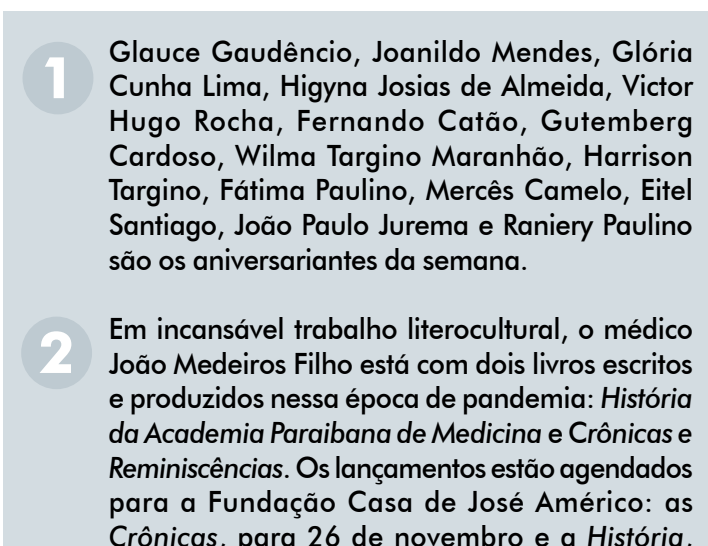
Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

COMUNICADO DE ABANDONO DE EMPREGO

De conformidade com as normas vigentes, SOLICITO que o Sr. ADRIANO SOARES DE LIMA, portador da STPS nº. 32451, Série 0023/PB, PIS 127.87511.44.0, funcionário da empresa UTI INJEÇÃO ELETRÔNICA, SUSPENSÃO, FREIO E MOTOR LTDA-ME sob CNPJ nº. 05.549.625/0001-20 situada à Rua Feliciano Dourado, 912 - Torre - João Pessoa/PB da qual sou o Representante Legal, compareça ao nosso Departamento pessoal no prazo de 72 horas. Esgotando esse prazo, o caso será incursão na letra "T" do artigo 482 da Consolidação das Leis do Trabalho, configurando abandono de emprego, o que importará em seu desligamento desta empresa. João Pessoa, 14 de outubro de 2021

José Luciano Gadelha Fontes Filho
(Representante Legal)



1

4

6

8

10

2

3

3

4

5

6

7

8

9

10

1 Glauce Gaudêncio, Joanildo Mendes, Glória Cunha Lima, Higyna Josias de Almeida, Víctor Hugo Rocha, Fernando Catão, Gutemberg Cardoso, Wilma Targino Maranhão, Harrison Targino, Fátima Paulino, Mercês Camelo, Eitel Santiago, João Paulo Jurema e Raniery Paulino são os aniversariantes da semana.

2 Em incansável trabalho literocultural, o médico João Medeiros Filho está com dois livros escritos e produzidos nessa época de pandemia: *História da Academia Paraibana de Medicina* e *Crônicas e Reminiscências*. Os lançamentos estão agendados para a Fundação Casa de José Américo: as *Crônicas*, para 26 de novembro e a *História*, para 17 de dezembro próximo. A notícia nos foi passada pelo prof. Francelino, que procedeu à revisão e acompanhou a edição.

3 Em Lucena, a bela praia do litoral norte paraibano, algumas das amigas da gestora de turismo do Sebrae-PB, Regina Medeiros Amorim, passaram momentos de puro lazer. Claro que a sobremesa ficou por conta da Docelas, empresa dirigida pela chefe de cozinha Marcela Amorim.

4 Em Santarém, cidade do Pará e que abriga um encontro que está reunindo profissionais de turismo de todos os estados do Brasil, registro os colegas Bené Amorim, Cassandra Teodoro, Arnaldo Moreira e Gorgônio Loureiro, entre o secretário de cultura de Santarém, Luís Alberto Figueira.

5 Di Souza, um artista plástico completo e que dispensa comentários, é o autor de um bellissimo painel elaborado em porcelanato e que está instalado na Hípica Quatro Patas, empresa localizada em Cabedelo, dirigida pela empresária Linda Cavalcanti.

6 A bailarina paraibana Silvinha Xavier, premiada em diversos festivais nacionais, como Mercado Persa, em São Paulo; Hathor Festival, em Curitiba; Festival Bellytche, no Rio Grande do Sul, obteve o 1º lugar no Prêmio Solo Baladi Profissional, no Festival Ahlan Wa Sahlan, no Cairo/Egito. Ela, que já está treinando para os próximos concursos, já está de malas prontas para participar de um espetáculo na Walt Disney World e foi selecionada para integrar uma companhia que irá representar o Brasil, em 2022, no Disney Performing Arts.

7 Uma das marcas mais famosas do mundo, a francesa Lancôme, escolheu a paraibana Juliette Freire como a embaixadora brasileira da linha de fragrâncias La Vie est Belle. Parabéns, Juliette! Campina Grande e a Paraíba se orgulham de você.

8 A Prefeitura de João Pessoa, por meio da Secretaria de Educação e Cultura (Sedec), abriu seleção para que alunos da rede municipal de ensino, nascidos entre 2010 e 2012 e que desejem ingressar na Escola do Teatro Bolshoi. A pré-seleção nas escolas já está acontecendo e estende-se até o dia 22 deste mês, com vagas para vinte alunos.

9 O Festival Paraibano de Brinquedos Populares, evento promovido pelo Governo do Estado por meio do Programa de Artesanato Paraibano (PAP), será finalizado neste domingo. Segundo a gestora do PAP, Marielza Rodrigues (na foto, entre o artesão Jerônimo das Kombis e a presidente de honra do PAP, Ana Maria Lins), o evento foi sucesso de público e de vendas em seus 17 dias de funcionamento nos shoppings Manaira e Mangabeira.

10 A odontóloga e nadadora paraibana Marina Palmeira (na foto, com Helena Maria Tannhauser, do Clube Náutico União de Porto Alegre) participou do Campeonato Brasileiro de Masters de Águas Abertas, tendo ganhado medalha de ouro nos três mil metros, na faixa 65+.



Sertão concentra quase metade do rebanho bovino da Paraíba

Municípios de Sousa e Cajazeiras possuem a maior quantidade de cabeças de gado do Estado, com 46% do total

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

O Sertão paraibano redescobriu o rebanho bovino após quase uma década desde que o Estado registrou uma forte redução na criação do gado. A região corresponde a quase metade do total da Paraíba que, até o ano passado, era de 1,3 milhão de cabeças, um crescimento de 39% em relação a 2012.

Os dados são da Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM) divulgada pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) no mês passado. A força da pecuária sertaneja no Estado se mostra na pujança do rebanho

/// Estamos passando pela seca do Cariri, no Brejo, o que não é diferente com o Sertão. Mas a gente, do Sertão, ao longo dos anos, vem convivendo melhor com a seca ///

de dois municípios sertanejos: Sousa, que é dona do maior rebanho com 153,8 mil cabeças; e Cajazeiras, com 110,9 cabeças de gado. O rebanho expressivo nas duas cidades faz a região do Sertão dona do maior número de gado na Paraíba, com 617,5 mil cabeças, ou seja, quase 46% do rebanho bovino da Paraíba.

O clima semiárido, o solo seco e as poucas chuvas são parte de um cenário que desafia permanentemente os pecuaristas sertanejos do Estado. Tiburtino Filho, tem 60 anos e desde pequeno, após herdar do pai a missão, trabalha com a pecuária na cidade de Aparecida, na região de Sousa. Em seu relato, o clima sertanejo tem oferecido me-

nos dificuldades do que a própria situação do mercado.

“Estamos passando pela seca do Cariri, no Brejo, o que não é diferente com o Sertão. Mas a gente, do Sertão, ao longo dos anos, vem convivendo melhor com a seca. Nos últimos 10 anos, nós sofremos muito com a pastagem. Isso acaba fazendo com que a gente gaste mais com insumos, porque a ração do gado vem de outros estados”, conta o pecuarista. Seu Tiburtino, contudo, enaltece as vantagens da região em que vive e salienta as qualidades do lugar. “Por outro lado, as várzeas de Sousa, que vem de São João do Rio do Peixe, ajudam demais nesse manejo da água e ajudam os produtores”, comenta.

As intempéries impostas pelo clima e as dificuldades econômicas que o país enfrenta dificultam, mas não impedem o sertanejo de persistir na terra. Seu Tiburtino Filho explica que diante das dificuldades, os pecuaristas da região de Sousa buscam soluções.

“Eu costumo dizer que o diferencial de Sousa é o trabalho que tem sido feito de silagem, por conta disso o custo diminuiu um pouco, porque permite que a gente compre os insumos para o gado em grande quantidade e armazene para irmos usamos por um tempo maior”, acrescentou.

Nos períodos de longa estiagem, a região ainda recebe apoio do Governo do Estado, por meio da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), vinculada à Secretaria do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (Sedap), no auxílio de agricultores para a estocagem de sorgo voltado à alimentação do rebanho. Os cuidados vão desde a não utilização de produtos químicos na plantação até a orientação na confecção de silos de superfície para armazenar a ração do rebanho.



Pecuaristas estão conseguindo vencer as dificuldades impostas pelo clima para melhorar o rebanho do Estado

Foto: Senar-PB



Estado investe no melhoramento genético do gado

Especificamente sobre a criação de gado bovino, a Paraíba se destaca com a produção de quatro raças: Gir, Sindi, Guzerá e Pardo Suíço. Entre todas, o Estado tem um trabalho concentrado de melhoramento da Sindi. O cruzamento com outras raças tem como objetivo o aumento da produção de leite que normalmente uma vaca produz, assim como pela quantidade de carne que é aproveitada no gado de corte.

O destaque da Paraíba na pesquisa do melhoramento do gado bovino tem reconhecimento nacional. O presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Sindi, Ronaldo Bichuette, elogiou o padrão do rebanho que o Estado atingiu, um estágio que contribui para a melhoria da qualidade da pecuária na região. Ronaldo Bichuette revelou sua satisfação em conhecer os trabalhos de pesquisas

de melhoramento genético desenvolvidas pelo Governo do Estado, por meio da Empresa de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer).

“Faz justiça em ser um rebanho melhorador da genética Sindi para vários plantéis do Nordeste e de todo Brasil. A pesquisa e o trabalho de seleção levaram ao longo do tempo a pecuária nacional ao protagonismo reconhecido mundialmente e a evolução do setor é contínua. Ações como essas merecem todo apoio e não devem parar nunca, pois são necessárias e fundamentais”, comentou.

O secretário da Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido da Paraíba, Bivar Duda, reforçou que a pesquisa para melhoramento genético do rebanho bovino é uma meta constante na gestão estadual. “A gestão do go-

vernador João Azevêdo tem como base o melhoramento da agropecuária estadual. O melhoramento genético, por exemplo, é reflexo disso, tanto que o Estado está criando o seu próprio programa de melhoramento genético, é uma questão que o governo acredita muito. Se você alia pesquisa, com a questão da ração, da terra, vamos ter uma melhoria grande”, comentou.

Na Paraíba, a Estação de Alagoinha, localizada no Brejo paraibano, é um centro de excelência na área de estudos das raças zebuínas leiteiras. Desde o ano de 1996, uma equipe de especialistas estuda a raça Sindi. O foco é a produção de leite, com os cruzamentos com as raças taurinas, principalmente a Jersey. O destaque paraibano no melhoramento genético reflete também a pujança do setor para a economia estadual.

Continua na Página 18

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Ainda há sensação de que estamos sem rumo para enfrentar a crise

Os nossos atuais indicadores econômicos e sociais estão gerando preocupação em todos aqueles que tentam compreender o desfecho do que nos parece ser uma situação desgovernada e sem rumo definido. Neste sentido, faremos seguidamente uma reflexão sobre alguns dos aspectos que espelham parte dos nossos problemas.

Fomos positivamente surpreendidos quando encerramos o ano de 2020 com uma queda no PIB – Produto Interno Bruto, em 4,1%, segundo o IBGE, contrariando as previsões iniciais de renomadas instituições como FMI – Fundo Monetário Internacional e o Fórum Econômico Mundial, que projetavam uma redução próxima a 10%. É certo que isto não aconteceu somente no Brasil, mas também em vários outros países mundo afora, no entanto, temos nosso mérito neste contexto.

Já ouvi questionamentos de colegas economistas, comparando este fato em que fomos “competentes” para reduzirmos as perdas na queda do PIB, mas estamos agora sendo incapazes ou “incompetentes” para

também surpreendermos positivamente no combate à inflação. O Banco Central projetava em janeiro de 2021, uma inflação de 3,32% e após realizar mais de uma dezena de reajustes na previsão do índice, estamos com uma projeção de que encerraremos o ano com uma alta nos preços na ordem de 8,59%, ou seja, aproximadamente três vezes mais do que se anunciou no início do ano.

E como disse há pouco, este é um problema econômico que é sentido pela população porque mexe com o bolso, principalmente dos mais necessitados. Quem vai semanalmente ao supermercado, ao depósito de gás de cozinha, ao posto de gasolina ou pagar a conta de energia elétrica, sabe muito bem as consequências sociais que estamos vivendo.

A pergunta frequente que se faz é: por que está acontecendo todo este descontrole? O que temos de concreto em termos de políticas públicas e estratégias de gestão para enfrentarmos estes problemas? A quem compete a responsabilidade de formular soluções que sejam eficazes e gerem resultados

em curto, médio e longo prazos?

De forma sumarizada, posso opinar na direção do que imagino ser minimamente possível para explicar todas as questões que fiz referências. As políticas públicas não necessariamente devem ser gestadas apenas no âmbito federal. Tanto os estados como os municípios podem fazer sua parte. É imprescindível a não terceirização das responsabilidades.

Encontrar soluções tão necessárias e urgentes, requer iniciativas em âmbito local, no município onde tudo acontece, bem como em nível estadual, por serem entes federativos com maior poder financeiro e de formulação de políticas e estratégias mais impactantes e capazes de gerar resultados em uma maior abrangência territorial.

Da esfera federal, onde se concentram as maiores fatias dos recursos financeiros, bem como o maior empoderamento nos aspectos legislativos e judiciários que embasam, legitimam e monitoram as formulações e aplicações das políticas públicas com

abrangência nacional, esperamos iniciativas céleres, competentes, responsáveis e exequíveis.

Para este time de atores e autores, não podemos prescindir da iniciativa privada e da representação da sociedade organizada. Esta sincronia é o que nos faz falta. Temos dificuldade em estabelecer as produtivas conexões, mas precisamos quebrar estes paradigmas. Não podemos formular boas soluções, que gerem resultados eficazes, sem ouvir os que produzem e os que pensam estrategicamente. As políticas públicas tendem ao equívoco quando formuladas apenas em gabinetes sem a consulta aos que a ela serão conectadas. Para ser mais específico, refiro-me aqui as questões relacionadas ao desenvolvimento econômico, social e sustentável.

As alternativas precisam surgir estabelecendo as conexões entre as diversas instâncias e esferas do poder público, interligadas com as forças produtivas, planejadas como se estivéssemos elaborando uma carta de navegação para chegarmos, com segurança, ao porto desejado.



Setor da agropecuária foi o que mais cresceu na Paraíba, 17,20%, segundo a Secretaria de Trabalho do Ministério da Economia

Agropecuária gera empregos e mantém a vida no interior

Dados do Novo Caged mostram que o setor cresceu na Paraíba durante a pandemia e possui 15 mil vínculos ativos

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

107% sobre igual período do ano passado.

Na Paraíba, metade da produção agropecuária é proveniente da agricultura familiar. O secretário da Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido da Paraíba, Bivar Duda, reforçou a importância da produção feita por mais de 200 mil famílias, trabalho que alavanca o setor paraibano.

“Na questão da agropecuária tem um incremento que se coloca nas propriedades rurais familiares, porque o agricultor não vive só da criação de gado. Ele tem sua plantação, suas culturas. O gado leiteiro e de corte acaba sendo um incremento da sua produção, usando tanto para sua sobrevivência, quanto para venda”, comentou.

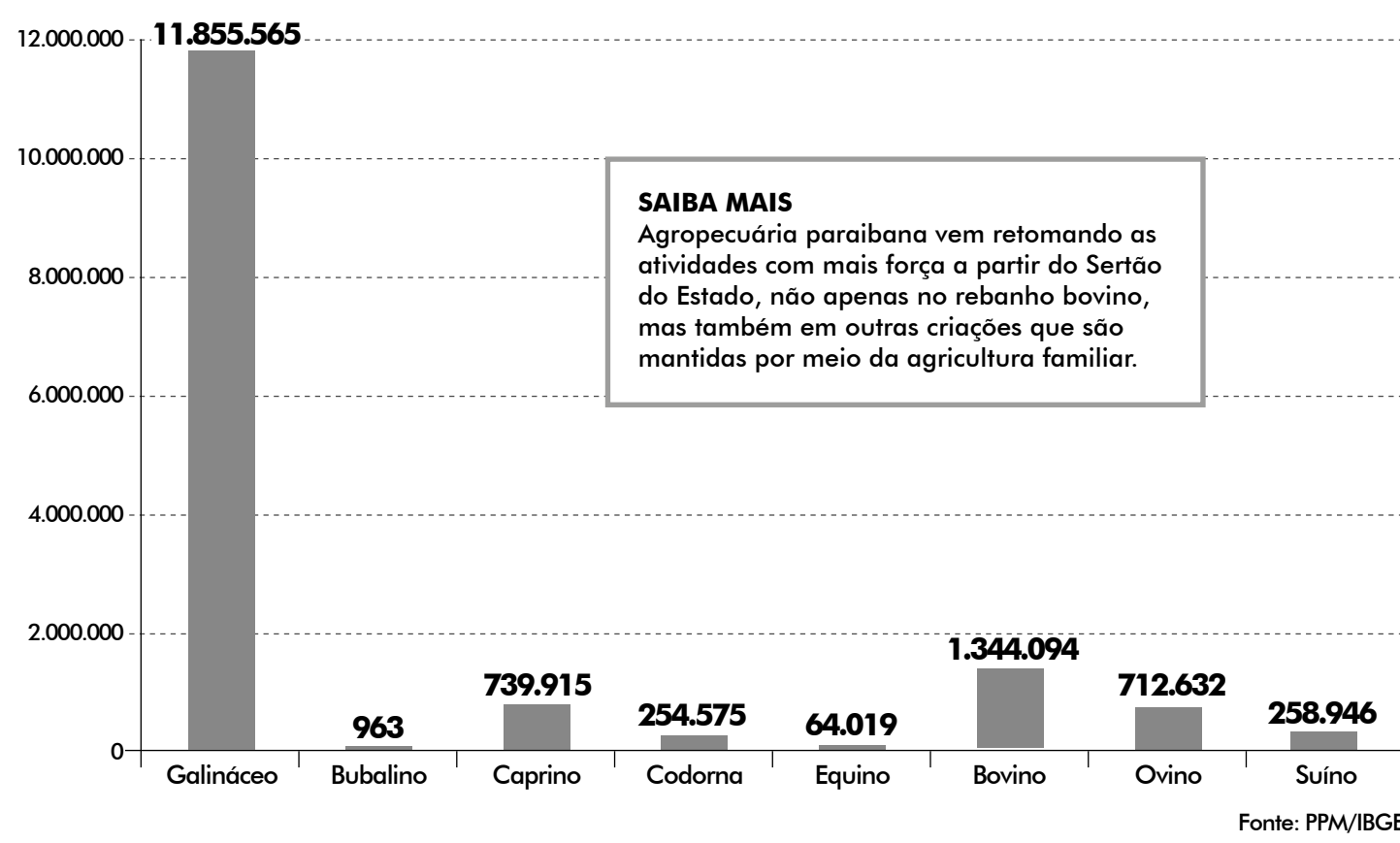
Entre os cuidados do Governo do Estado com as criações está a vacinação contra a febre aftosa de bovinos e bubalinos, que garante um rebanho protegido e liberado para qualquer tipo de comercialização. Por conta dessa ação, a Paraíba possui o certificado de “Estado livre da febre aftosa com vacinação”, fornecido pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE).

A criação de gado na Paraíba também tem sido responsável pela manutenção de empregos, indispensável em um período de dificuldade econômica como o atual. Conforme dados divulgados no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), divulgados pela Secretaria de Trabalho do Ministério da Economia, referentes a agosto de 2021, o setor de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura apresentou um crescimento de 2.272 empregos formais.

O setor foi o que mais cresceu na Paraíba no período, com um aumento de 17,20%. O estoque de empregos, que é a quantidade total de vínculos celetistas ativos, é de 15.480 no Estado. O resultado na Paraíba acompanha uma tendência no Brasil que, segundo Novo Caged, tem batido recordes e mostrado o melhor resultado desde 2011. Apenas no primeiro semestre deste ano, a agropecuária teve um saldo positivo de 176.674 postos de trabalho com carteira assinada, um crescimento de

“Na questão da agropecuária tem um incremento que se coloca nas propriedades rurais familiares, porque o agricultor não vive só da criação de gado. Ele tem sua plantação, suas culturas. O gado leiteiro e de corte acaba sendo um incremento da sua produção, usando tanto para sua sobrevivência, quanto para venda”

COMPOSIÇÃO DOS REBANHOS NA PARAÍBA - 2020



SAIBA MAIS

Agropecuária paraibana vem retomando as atividades com mais força a partir do Sertão do Estado, não apenas no rebanho bovino, mas também em outras criações que são mantidas por meio da agricultura familiar.

+ Setor recebeu 42% dos financiamentos do BNB

Qualquer setor econômico precisa de um suporte financeiro, sobretudo nos momentos de crise. Com o setor da agropecuária na Paraíba não é diferente. Um levantamento feito pelo Banco do Nordeste (BNB), a pedido do Jornal **A União**, mostrou que do volume total de financiamentos aprovados pela instituição bancária, cerca de 42% foram destinados a agricultores ou pecuaristas na Paraíba.

Para o macro setor da pecuária

nos municípios da Paraíba, considerando todos os portes de clientes - desde o agricultor familiar até os grandes produtores rurais -, bem como empresas com finalidade de existência no setor rural, foram aplicados pelo Banco do Nordeste recursos na ordem de R\$ 271,8 milhões em 2019, de R\$ 312,6 milhões em 2020 e em 2021, até o mês de agosto, R\$ 270,9 milhões.

De acordo com o gerente executivo do BNB na Paraíba, Keke

Rosberg, as linhas de crédito rurais do Banco do Nordeste podem ser utilizadas tanto para a pecuária como para a agricultura, mas também contemplam o mercado da aquicultura no Estado. Ao todo, são pelo menos três linhas de crédito destinadas ao setor, que somadas a duas outras linhas relacionadas à inovação no campo, estabelecem uma cartela de opções aos produtores.



Criação de gado tem assegurado alimentação e renda para o pequeno produtor, além de ter gerados empregos este ano

Estado se destaca em outros rebanhos

Ainda de acordo com a pesquisa do IBGE, o crescimento do rebanho também foi registrado na criação de caprinos (6,9%), ovinos (6,5%) e suínos (5,5%) quando comparados aos números de 2019. Além do rebanho bovino, que é o maior entre os animais de criação, o Estado conta com 11,8 milhões de galináceos, 739 mil caprinos, 712 mil ovinos, 258 mil suínos, 64 mil equinos e

963 bubalinos. Por sua vez, a cidade de Monteiro ostenta o maior rebanho caprino da Paraíba.

Com relação ao tamanho

Municípios de Sousa e Cajazeiras lideram no tamanho das criações de ovinos e suínos

dos rebanhos ovino e suíno, Sousa e Cajazeiras aparecem novamente no levantamento do IBGE, liderando com o maior número de cabeças por município, sendo 75 mil ovinos em Sousa e 23,9 mil suínos em Cajazeiras.

Na criação de galináceos, duas cidades se destacam: Campina Grande possui 1,3 milhão de cabeças; seguida de perto por Guarabira, que aparece na lista com 1,2 milhão.



Foto: Divulgação

Formada em Física, Clarissa Siqueira começou a estudar a matéria escura no final da graduação, realizou as pesquisas de mestrado e doutorado em cima do tema e chegou a estudar no Instituto Max Planck, na Alemanha; atualmente, faz pós-doutorado no Instituto de Física de São Carlos, em São Paulo

Paraibana tenta desvendar mistério da matéria escura

Clarissa Siqueira participa de projeto de observatório de raios-gama que busca captar sinais e compreender fenômeno espacial

Renato Félix
Márcia Dementshuk
Assessoria da SEC&T

O Universo infinito nunca foi tão pequeno. Através dos séculos, o ser humano olhou para o céu na tentativa de compreendê-lo. Da percepção de que a Terra gira em torno do Sol (e não o contrário) até hoje, passando pelas visitas dos astronautas à Lua, muita coisa se descobriu. Ainda assim, continua existindo o desconhecido, elementos que os cientistas ainda não conseguem explicar. É o que eles chamam de matéria escura, regiões do espaço em que (ainda) não é possível dizer do que são feitas, qual partícula elementar a compõe. Pelo mundo, físicos procuram decodificar os sinais captados no céu por potentes telescópios que tentam decifrar esse mistério. Uma grande colabo-

ração internacional em andamento é o Cherenkov Telescope Array (CTA), um conjunto de mais de 100 telescópios de raios-gama que estão sendo instalados em dois pontos do globo. Dessa colaboração, faz parte uma paraibana: a física Clarissa Siqueira, de 37 anos.

Essa colaboração internacional começou na década passada. “A gente espera que ela finalize o processo de construção até o fim dessa década e que comece a buscar por sinais a partir da próxima década”, conta Clarissa, hoje baseada no Instituto de Física de São Carlos, em São Paulo. “Esses telescópios olham para diferentes regiões do céu e tentam captar sinais de raios-gama vindos da galáxia e extra-galácticos também. É como se a gente estivesse escaneando diferentes regiões de energia no céu. Nossa galáxia está embebida em um halo de matéria

escura. A gente tem simulações que mostram como seria essa distribuição da matéria escura na nossa galáxia. E a gente espera que no centro da galáxia exista uma concentração maior de matéria escura”.

O CTA será o mais sensível observatório de raios-gama em altas energias, e terá seus mais de 100 telescópios baseados nos hemisférios norte (em La Palma, nas Ilhas Canárias) e sul (no Chile). Promete ser dez vezes mais sensível que os equipamentos em atividade hoje.

“Ele vai ser um dos maiores experimentos na área no mundo”, conta ela. “O hemisfério sul, aliás, é bem interessante para buscar por sinais. Principalmente quando a gente olha para o centro da galáxia. É uma localização bem importante”. São mais 1,5 mil cientistas envolvidos, mais de 150 institutos, de 25 países.

Trajetória em um meio “masculino”

Clarissa se interessou pela física enquanto estudava para o vestibular. Ela entrou na UFPB em 2008, começando na Licenciatura em Física, à noite. Depois, mudou para o bacharelado, sempre conciliando com o trabalho. Com o professor Carlos Pires, ela concorreu a uma bolsa de iniciação científica, já na área de física de partículas. No final da graduação, ela começou a estudar a matéria escura, e sua carreira seguiu por esse tema.

O mestrado também foi na área: a matéria escura no contexto de super simetria. Assim como o doutorado. O doutorado-sanduíche, pela Capes, foi na Alemanha – nove meses no Instituto Max Planck (batizado com o nome do físico alemão). Hoje, Clarissa trabalha com detecção indireta de matéria escura. “É buscar por sinais de matéria escura por exemplo em regiões específicas do céu – tipo o centro da galáxia, galáxias esféricas anãs... A gente olha para esses objetos astrofísicos e busca por sinais diferentes do que a gente espera de ruído. Então, se

a gente observa um sinal que está diferente desse ruído, a gente pode dizer que é uma matéria escura”.

O período na Alemanha foi um divisor de águas. “Realmente definiu qual era a linha de pesquisa que eu ia seguir”, recorda. Ela passou na seleção para um pós-doutorado no Instituto Internacional de Física, em Natal, para trabalhar com o professor Farinaldo Queiroz, também da Paraíba, que ela havia conhecido no Max Planck. Foram dois anos de trabalho, sempre focados na matéria escura.

“Na sequência, vim pra cá, pra São Paulo, pro Instituto de Física de São Carlos, como pós-doutoranda para trabalhar com o professor Vítor de Souza, que é justamente da colaboração da qual hoje eu faço parte, que é o CTA”. Ela é financiada por uma bolsa de pós-doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp), faz parte de um projeto de extensão liderado pelos professores Farinaldo Queiroz (IIP/UFRN) e Elisama Lima (IFBA-Barreiras), que

tem feito divulgação científica na área de astropartículas, o Ensino de Partículas e Astropartículas (EPA).

Há inclusive um e-book, “Cosmos”, que também é acessível em Braille, com áudio-descrição e libras (disponível aqui: <https://cosmosbrasil.wixsite.com/ufrn/ebook-livros>). E Clarissa ganhou o prêmio de melhor tese na área de física de partículas e campos pela Sociedade Brasileira de Física (SBF), em 2019.

Clarissa foi uma das poucas mulheres de sua turma. “Na parte teórica são pouquíssimas mesmo”, diz. No Max Planck, era a única mulher entre mais de 30 homens. “Aqui também: fui a primeira mulher a entrar no grupo de física de partículas da UFPB, em 2010. Eles nunca tinham tido uma estudante”, lembra. “É difícil, às vezes. Mas logo depois que entrei, entrou também uma grande amiga minha, Mayra. A gente se juntou e fez nosso grupinho de mulheres. Depois entrou uma professora, Maria Luísa Cescatto, de física nuclear, então virou um grupinho de três”.



Ingrediente da evolução do universo

“A gente tem o que a gente chama de matéria ordinária, que basicamente é descrita pelo modelo padrão de física de partículas. Tudo o que a gente consegue enxergar, tudo o que é palpável”, explica Clarissa. “Só que existem problemas que a gente não consegue explicar a partir da física que a gente conhece hoje”.

É o caso da matéria escura, que basicamente os cientistas não sabem o que é. “A gente só consegue observar efeitos gravitacionais dela. Por exemplo, em cálculo de curva de rotação de galáxias, que seria a velocidade das estrelas ao redor da nossa galáxia”, diz ela. “A gente percebe que elas estão girando com a velocidade maior do que o esperado”. A física newtoniana (de Isaac Newton) não consegue explicar isso. “E era pra explicar”, afirma. “Quando isso começou a ser observado, na década de 1930, começou a se pensar: ‘Será que existe algo adicional? Será que existe uma massa que a gente não consegue enxergar através da luz?’”.

A matéria escura também é observada como ingrediente essencial para que o universo evolua como ele evoluiu, para que as galáxias se formem no tempo correto. “Olhando para essas coisas, a gente sempre observa que existe algo faltando ali, existe uma massa que a gente não consegue enxergar”, pondera.

A perspectiva dos cientistas é de que a matéria escura seja uma partícula elementar. “A gente tem diversos experimentos ao redor do mundo buscando por essa partícula de matéria escura. A gente não sabe qual a característica dessa partícula ainda. Não sabe qual é a massa dela”, diz Clarissa. “A gente observa essas evidências, que são puramente gravitacionais, e a partir daí a gente pode extrair características de como essa partícula deve ser: neutra, estável, fracamente interagente... Mas são características genéricas. A gente propõe modelos e cenários que conseguem explicar tudo isso e que possam ser testados pelos experimentos atuais”.

A ciência pode, no futuro – quem sabe? – próximo, ter alguma resposta para isso. Mas, por enquanto, esses experimentos reverberam de alguma maneira em ações aqui na Terra mesmo. “Claro que a gente está falando de física fundamental e o impacto dela é de muito longo prazo, na verdade”, diz a física. “Claro que quando você, por exemplo, constrói experimentos cada vez mais sensíveis, você gera novas tecnologias. Eu já vi que a tecnologia usada para experimentos de matéria escura já foi usada para melhorar a tomografia. Você acaba tendo uma resposta indireta para a sociedade – e isso, é claro, é extremamente interessante”.

Foto: Gabriel Pérez Díaz/IAC



Física paraibana integra o projeto CTA, o mais sensível observatório de raios-gama em altas energias do mundo

Os mistérios da Caatinga

Equipe da UEPB desenvolve pesquisa para levantar informações sobre o bioma tipicamente brasileiro, cujo potencial ainda é pouco conhecido

Alexandra Tavares

lekajp@hotmail.com

A Caatinga é um bioma exclusivamente brasileiro, rico em biodiversidade, concentrada, sobretudo, no Nordeste, mas, segundo o biólogo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Etham Barbosa, pouco se sabe sobre essa região natural. “Não se conhece nem 30% do seu potencial”, frisou. Quanto mais se aprofundam os estudos nesse bioma, mais

são as chances de se fazer descobertas farmacológicas, identificar espécies únicas da fauna e da flora, melhorar a qualidade de vida da população e bem-estar do planeta. No município paraibano de Picuí, situado na mesorregião da Borborema, estudiosos realizam pesquisas na Reserva Ecológica Olho D’água das Onças, uma Unidade de Conservação (UC) privada, situada na Caatinga.

Um desses estudos está sendo realizado pela equipe da UEPB, que está levantando dados sobre a área. O objetivo é criar o Plano de Manejo da área. O trabalho teve início no primeiro semestre deste ano, e a primeira etapa deve ser concluída até o final de dezembro com a elaboração do protótipo do plano. O passo seguinte será identificar algumas lacunas que possam surgir no levantamento e aprofundar as informações. O professor Etham Barbosa, que é coordenador do curso de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da UEPB, instituição de onde partiu a iniciativa do projeto, enfocou que a conclusão deste trabalho deve ocorrer no primeiro semestre de 2022.

Ele explicou que o Plano de Manejo é uma exigência legal para a criação, funcionamento e execução de uma área de preservação de qualquer bioma brasileiro. Para elaboração desse dispositivo, os profissionais precisam fazer uma série de levantamentos da região, como o estudo da fauna, flora, solo, clima, perturbações ecológicas existentes na região e as interações positivas e negativas mantidas com áreas adjacentes.

A obtenção de dados, feito também com a contribuição de profissionais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e do IFPB de Picuí, ajuda a definir qual tipo de Unidade de Conservação a Reserva Ecológica Olho D’água das Onças pode ser classificada.

“Precisa-se saber o uso final da região para que se determine o planejamento dela, os seus usos, pois cada Unidade de Conservação tem um uso específico. Isso aí é uma decisão ainda a ser tomada em Picuí, se a área vai continuar, por exemplo, como uma Estação Ecológica ou se ela vai ser uma Reserva Particular do Patrimônio Nacional, que talvez seja a melhor classificação para a Reserva Ecológica Olho D’água das Onças. Mas nada está definido”, detalhou Etham.

É justamente o Plano de Manejo que vai prevê os usos do local. Segundo o professor, atualmente, a Reserva Ecológica Olho D’água das Onças é uma Estação Ecológica com uma licença temporária concedida pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema).

O biólogo Etham Barbosa falou ainda sobre a importância da iniciativa de sustentabilidade envolvendo a Caatinga paraibana. “Queria ressaltar a importância do proprietário dessa reserva em destinar uma área para preservação da Caatinga. Sabemos que esse é um dos biomas brasileiros que estão sob forte pressão antrópica (ação do homem sobre o meio), tendo baixa dedicação de proteção no país”.

“Essas áreas estão muito fragmentadas por construção de rodovias, povoados, plantações, tornando-se inviáveis para manter o potencial genético da Caatinga”

■ Exploração sustentável e desenvolvimento

O biólogo e professor da UEPB, Etham Barbosa, afirmou que preservar a Caatinga brasileira, por meio da implantação de uma Unidade de Conservação, é uma eficiente estratégia para se conservar o potencial biológico e ambiental do bioma. A ação possibilita a exploração sustentável do lugar por meio de práticas como ecoturismo, descoberta e produção de fármacos, de produtos naturais, a contemplação da beleza paisagística, gerando uma rede de desenvolvimento na região.

O professor enfocou que mais de 50% do território da Caatinga no país estão degradados, trazendo preocupação para os ambientalistas e estudiosos. E o pouco que resta desse bioma não se apresenta de forma contínua, mas são recortes presentes em alguns estados.

“Essas áreas estão muito fragmentadas por construção de rodovias, povoados, plantações, entre outras ações. E toda vez que vão ficando menores, esses fragmentos se tornam inviáveis para manter o potencial genético da Caatinga. Se não for conservada, poderemos ter o desaparecimento dessas áreas contínuas”, explicou.

■ Saiba Mais

O Plano de Manejo é um documento técnico, previsto no Artigo 2º, da Lei nº 9.985/2000. A coordenadora de Estudos Ambientais da Sudema, Maria Christina Vasconcelos, afirmou que a ferramenta estabelece o zoneamento e as normas que devem presidir o uso de uma Unidade de Conservação, bem como o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da área.



UCs precisam ter Plano de Manejo

A coordenadora de Estudos Ambientais da Sudema, Maria Christina Vasconcelos, explicou que a elaboração desses Planos de Manejo não se resume apenas à produção do documento técnico, mas sim à execução do programa, para que se possa promover a gestão efetiva da Unidade de Conservação (UC). Segundo ela, o Plano deve ser criado pelo órgão gestor da UC ou por meio de parceria e/ou Termo de Cooperação com outros entes, sendo a participação do órgão gestor fundamental.

Após a finalização, o Plano deve ser encaminhado para o Instituto Chico Mendes, a fim de análise e posterior aprovação. “O Plano de Manejo deverá ser revisado pelo proprietário

e encaminhado para o ICMBio a cada três anos”, acrescentou.

Ela explicou que esse dispositivo é primordial para a gestão efetiva de uma Unidade de Conservação (UC). “Pois, a partir do objetivo e diagnóstico da UC, é possível apresentar o zoneamento e as normativas, buscando meios para conciliar o uso dos espaços e garantir a conservação ambiental”, destacou.

Segundo ela, todas as UCs devem possuir seu Plano, que deve abranger a área da unidade, sua zona de amortecimento, contemplando ainda, caso exista, os corredores ecológicos, incluindo medidas que promovam sua integração à vida econômica/social das comunidades vizinhas.

Estima-se que menos de 30% do potencial da Caatinga sejam conhecidos. Por isso, a relevância da pesquisa, que deve levantar informações sobre fauna, flora, clima e solo, abrindo possibilidades para importantes descobertas farmacológicas



Foto: Ivan Stoni/Santos FC

Vagner Guimarães,
campeão mundial e vice-campeão europeu de jiu-jitsu

Na 'boca' do mundo

Além do sucesso como atleta nos Estados Unidos, na condição de professor já graduou mais de 40 faixas-pretas em solo paraibano

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Aos 42 anos de idade, o paraibano Vagner Guimarães Cruz, o Boca, bicampeão brasileiro e vice-campeão europeu, conquistou, na semana passada, o Campeonato Mundial de Jiu-Jitsu, nos Estados Unidos. A competição foi o ponto alto de uma sequência de conquistas recentes em disputas no país norte-americano. Resultados que são fruto de anos de dedicação e trabalho dentro do universo das lutas. Uma história que começou lá atrás, em 1994, aos 14 anos de idade e cujas sementes seguem sendo semeadas de João Pessoa, sua terra natal, para o mundo.

Boca é um nome amplamente conhecido no jiu-jitsu brasileiro e isso não é pouco, afinal, foi no Brasil que essa modalidade ganhou adaptações que a tornaram uma das mais populares do planeta. Na Paraíba, ele já é uma espécie de sinônimo da luta marcial, pois, só no Estado, já foi responsável pela graduação de mais de 40 faixas-pretas, muitos desses, espalhados pelo mundo, em continentes como a Ásia, Europa e América do Norte onde, hoje, o próprio reside.

Como tudo começou

Em 1994, Boca conheceu e começou a treinar jiu-jitsu na academia de Luiz Barbosa, uma das primeiras de João Pessoa e que ficava localizada no Espaço Cultural. Com bom desempenho no esporte, apenas quatro anos depois, ele abriu a sua primeira academia, no bairro dos Bancários, em João Pessoa. Desde então, iniciou sua trajetória como lutador, mas, principalmente, como professor ou, melhor dizendo, sensei.

Muito antes da visibilidade que as artes marciais possuem, hoje, a partir dos grandes eventos internacionais de Artes Marciais Mistas (MMA em inglês), Boca já havia iniciado sua trajetória no esporte. Naquela época, o "Vale Tudo" era o principal espaço para combates, pois não havia grandes competições de jiu-jitsu e o próprio MMA, ainda era incipiente.

"Na época, o jiu-jitsu era muito mais voltado para o vale tudo, que é o antigo MMA. Nesse período, ainda

cheguei a fazer seis lutas, venci quatro e perdi duas. Naquele tempo, era basicamente um desafio de estilos de luta, algo muito pessoal e diferente do que se tem hoje. Na medida em que fui me profissionalizando e passei a treinar fora da Paraíba, eu realmente optei pelo jiu-jitsu de kimono e deixei o vale tudo de lado.

Em 2003, treinando com o campeão mundial de jiu-jitsu, Fernando Tererê, em São Paulo, Boca se graduou como faixa-preta. Nesse período, a sua academia, em João Pessoa, já estava aberta e ele optou por retornar à Paraíba em vez de dar seguimento à carreira como atleta. No entanto, como o movimento, ele criou uma linha de intercâmbio direto entre a capital paraibana e as principais academias do esporte no Brasil, país referência da modalidade. Se abdicou de sua carreira, por outro lado, possibilitou o surgimento e desenvolvimento de muitas outras.

"Nesse período treinando fora, eu poderia ter seguido a carreira, mas como eu já tinha a academia em João Pessoa decidi retornar e focar nela. Foi nele, após essa abertura com nomes como Fernando Tererê, Eduardo Teles, André Galvão que levamos para João Pessoa para nos treinarem, que vimos uma grande evolução no nosso jiu-jitsu".

Com o desenvolvimento da academia em João Pessoa e bons resultados de atletas formados nela, Boca recebeu o primeiro convite para dar aulas fora do Brasil. Em 2007, ele foi para a Polônia. Na década seguinte, o paraibano rodou por diversos países da Europa e Ásia, abrindo portas para si e para outros paraibanos. Hoje, professores formados na academia de Boca, estão espalhados por países como os Emirados Árabes, Malásia, Canadá e nos EUA.

"Foi quando eu passei a ter essa experiência fora do Brasil que percebi que o melhor caminho para a nossa academia, era fortalecer essa relação com outros países e desenvolver o jiu-jitsu nessas localidades. Hoje, temos professores espalhados em diversos países. Posso dizer, com muito orgulho, que aquela pequena academia que entre idas e vindas se mantém nos Bancários, em João Pessoa, já foi responsável por mudar muitas vidas", afirmou Boca.



Fotos: Reprodução/Instagram

O paraibano Vagner Guimarães Cruz, o Boca, conquistou recentemente o Campeonato Mundial de Jiu-Jitsu nos Estados Unidos



Ida para os EUA e novas oportunidades

Em 2011, durante as disputas do campeonato europeu, em Lisboa, Portugal, Boca descobriu que seria pai pela primeira vez - hoje tem dois filhos. Nos anos seguintes, já com os compromissos de pai, ele passou a intensificar suas viagens para ministrar cursos fora do Brasil. Dando aulas em países como Bélgica, Alemanha, Holanda, Polônia e Bósnia, ele conseguiu recursos para manter sua academia e a família, além de formar inúmeros atletas na Europa.

Em 2018, ele decidiu dar um novo passo e se mudar para os Estados Unidos com a esposa e os dois filhos. A mudança, em definitivo, ocorreu em 2019, um ano antes da pandemia da covid-19 ser deflagrada. Inicialmente morando em Atlanta, ele passou a dar aulas em uma academia que lhe foi apresentada pelo também brasileiro Bruno Frassetto, campeão mundial que já residia no país norte-americano.

Nos meses seguintes, Boca e a família passaram por outras cidades e regiões dos EUA, como a Califórnia, até se mudarem para a Flórida, onde hoje residem. Na costa oeste estadunidense, ele encontrou um novo local de trabalho, a White House Boxing and BJJ e a possibilidade de voltar a competir.

"Estou hoje dando aulas em uma academia que reúne um grande time de atletas. Ao mesmo tempo, encontrei a possibilidade de voltar a competir. Nos últimos quatro meses, conquistei

quatro campeonatos e temos expandido nossas relações nos EUA, abrindo caminho para o próximo objetivo.

O sonho que segue movendo Boca, agora nos EUA, é o de montar uma academia no país. Lá ele espera, em breve, ter a sua própria academia para estabelecer uma rota de intercâmbio entre a Paraíba e os Estados Unidos. Ao mesmo tempo em que se motiva lutando e treinando, ele segue projetando o desenvolvimento da modalidade e das oportunidades para quem, como ele, espera poder viver da "arte suave".

"Minha prioridade é seguir trabalhando como professor. Competir não é a minha prioridade, pois demanda muito tempo e dedicação exclusiva para ser apenas atleta. Contudo, as competições são formas da gente se manter motivado. Felizmente, pela bagagem que a gente carrega, os resultados ainda surgem. Mas hoje, meu objetivo principal, ainda que esteja muito feliz na academia que estou, é conseguir montar minha própria academia aqui nos EUA. Através dela, quero abrir uma conexão direta entre a nossa academia em João Pessoa, e a que em breve espero abrir aqui, onde estou e pretendo ficar vivendo nos próximos anos. Com esse intercâmbio, tenho certeza que vamos ajudar muito mais atletas a mudarem de vida através do jiu-jitsu", concluiu Boca.



Formatura dos alunos faixas-pretas conduzida pelo professor de artes marciais Vagner Guimarães na capital



Alunos nos Estados Unidos com o professor "Boca", que busca novas oportunidades nas artes marciais

Maratona Internacional terá três mil corredores na capital

Além do tradicional 42 km, o evento ainda terá percursos diferenciados para outros atletas em 21 km, 10km e 5km

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

A 1ª Maratona Internacional de João Pessoa ocorrerá no próximo dia 31, em conjunto com a 19ª edição da já tradicional Meia Maratona Cidade de João Pessoa, encerrou suas inscrições e contará com 3 mil corredores disputando cinco categorias e trechos de prova. A maior distância será de 42 km que vale para a maratona, no entanto, além dela, também haverá percursos de 21 km, 10km e 5km, para homens e mulheres, além de cadeirantes e handbikers.

Para Kaio Márcio, secretário da Secretaria de Juventude Esporte e Lazer (Sejer) de João Pessoa, o evento será um marco para as provas de rua na capital paraibana. Segundo ele, essa prova inédita está com todos os seus preparativos adiantados e a expectativa da organização é extremamente positiva para o evento. A competição que reunirá atletas de diversas localidades do país, surge para consolidar a cidade entre os principais destinos de corrida, além de consolidar o já forte movimento de provas e atletas do gênero já existentes no Estado.

"A nossa expectativa é muito grande. Já estamos trabalhando há algum tempo nesse evento, pois a maratona é a nossa principal competição. Vai ser a primeira maratona da cidade. Estamos falando de um percurso muito longo e que demanda vários preparativos e logística. Temos uma equipe muito grande trabalhando nesse evento para que possamos entregar uma competição de grande qualidade para a população. São 3 mil corredores que estarão presentes, de fato, um recorde e tenho certeza que a cidade sairá muito bem com esse grande evento", afirmou Kaio Márcio.

HORÁRIOS DE LARGADA

- Categoria Elite e Geral: 42km e 21km: 5h
- Categoria Cadeirante e Handbike: 05h40min
- Categoria Elite e Geral: 5km a 10km: 6h



Foto: Divulgação/PMJP

Prova vai acontecer no último domingo deste mês, com atletas das mais diversas localidades do país, pelas ruas da capital

Biles apoia dissolução de Comitês Olímpicos

Agência Estado

Pouco menos de um mês depois de testemunhar em um painel do Comitê Judiciário do Senado dos Estados Unidos sobre os erros do FBI na investigação de abusos sexuais cometidos por Larry Nassar, ex-médico da equipe americana de ginástica artística, Simone Biles se juntou às ex-ginastas McKayla Maroney, Aly Raisman e Maggie Nichols para enviar uma carta ao Congresso americano nesta semana. O grupo pede a dissolução de toda a diretoria do Comitê Olímpico e Paralímpico dos Estados Unidos (USOPC, na sigla em inglês) por causa dos crimes.

A carta foi endereçada aos senadores Richard Blumenthal e Jerry Moran e nela as quatro ginastas, que estão entre as mais de 200 vítimas de Larry Nassar, afirmam que a principal prioridade do USOPC era "ocultar a culpabilidade e

evitar a responsabilização"

"A diretoria do USOPC não tomou nenhuma ação investigativa depois de saber que Nassar era um agressor. Fazemos esse pedido após anos de paciência, deliberação e compromisso não correspondido para aprender com nosso sofrimento e tornar o esporte seguro para as gerações futuras. Acreditamos que as ações anteriores da diretoria demonstram uma relutância em confrontar os problemas epidêmicos com abusos que atletas como nós enfrentamos e uma recusa contínua em buscar uma reforma verdadeira e necessária do quebrado sistema olímpico", afirmou um trecho da carta.

O Congresso tem o direito, desde agosto do ano passado, de dissolver a diretoria do Comitê caso sejam encontradas evidências de que a organização não cumpriu seu propósito. "Acreditamos que é

hora de o Congresso exercer sua autoridade sobre a organização que criou, substituindo toda a diretoria do USOPC por uma liderança disposta e capaz de fazer o que deveria ter sido feito há muito tempo: investigar com responsabilidade o problema sistêmico de abuso sexual dentro das organizações olímpicas, incluindo o USOPC, e todos os esforços para escondê-lo", disseram as ginastas.

O USOPC defendeu a forma como está lidando com o caso de Larry Nassar, alegando que implementou as reformas de governança mais abrangentes das duas últimas décadas.

Em fevereiro de 2018, Larry Nassar foi condenado a até 360 anos de prisão por ter molestado 265 mulheres. As vítimas ainda buscam reparação da USA Gymnastics (Federação Americana de Ginástica, na sigla em inglês) e do Comitê Olímpico Americano.



Foto: Abelardo Mendes Jr./redesdoesporte.gov.br

Ginasta norte-americana vê erros em investigação de abusos sexuais

Protocolo do NBB determina vacinação de 100% dos atletas

Marcus Azevedo
Agência Estado

A Liga Nacional de Basquete enviou um documento aos clubes sobre algumas mudanças realizadas no protocolo de prevenção à covid-19 para a temporada 2021-2022 do Novo Basquete Brasil, que começa no dia 23 de outubro. A vacinação é um dos itens em destaque e, diferentemente da NBA, será exigido imunização de 100% dos indivíduos envolvidos na competição, como atletas, membros de equipe, árbitros e colaboradores.

"A vacinação foi uma estratégia de proteção, diante da sua eficácia comprovada, e uma preocupação da liga com todos os colaboradores, jogadores, árbitros, todos os envolvidos em um jogo... Foi uma maneira encontrada para proteger o ecossistema do campeonato", explicou o

médico Diego Gadelha ao Estado. Ele é diretor da equipe da Unifacisa, de Campina Grande (PB), e participou da elaboração do protocolo de 39 páginas.

Existe apenas uma exceção para aceitação dos não vacinados: se o clube comprovar que o atleta está em uma faixa etária que ainda não foi alcançada pelo cronograma do município. Ele terá, no entanto, de cumprir o cronograma de vacinação local para seguir em condições de atuar por sua equipe.

A situação é parecida para quem foi imunizado apenas com a primeira dose. Caso o jogador deixe de cumprir o cronograma de vacinação, ele pode ser impedido de entrar em quadra. A LNB promete acompanhar esta questão de perto.

O tema vacinação tem gerado bastante repercussão na NBA. Apesar de não exigir

que os atletas fossem imunizados para participarem da temporada, a liga não pode impedir que algumas cidades, como Nova York, façam tal exigência. É o caso, por exemplo, de Kyrie Irving, que foi afastado pelo Brooklyn Nets por ser recusar a tomar a vacina. O armador não pode atuar justamente nos jogos da franquia em casa.

Além da exigência de vacinação, todos os envolvidos terão de passar por testes de covid-19. O documento indica um teste antígeno no máximo 24 horas antes da viagem (quando o time for atuar como visitante) ou dois dias antes do primeiro jogo em casa, para equipes locais. Outro teste de antígeno será feito antes de todos os jogos, na parte da manhã. A equipe da casa deverá providenciar enfermeiro habilitado para a testagem de árbitros e do adversário.

O público está liberado nos ginásios, dependendo da legislação local. O clube mandante pode determinar regras mais rígidas, se assim desejar, nunca mais brandas. Apenas os torcedores do time mandante estão liberados para acompanhar aos jogos.

As equipes agora podem novamente tomar banho nos ginásios. A operação no banco de reservas também volta ao normal, com apenas 16 assentos e com um máximo de 21 integrantes listados. A exigência de máscaras para a comissão técnica permanece inalterada.

Além do documento resumido, que foi elaborado pelo departamento técnico-operacional, a LNB enviou o protocolo completo aos clubes, reforçando a necessidade de segui-lo para o bom andamento da temporada 2021-2022.



Foto: Reprodução/Instagram

Jogadores não imunizados estão fora das disputas na Liga Nacional

Sousa treina para mais uma decisão na Copa do Nordeste

Depois de eliminar o ASA, em Arapiraca, a equipe terá pela frente o Confiança, na terça-feira, em Aracaju

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Mesmo com a proximidade de Arapiraca, onde jogou, para Aracaju, local da próxima partida, o Sousa preferiu retornar ao Sertão para dar início à preparação para o segundo jogo da pré-Copa do Nordeste, programado para a próxima terça-feira, às 19 horas, contra o Confiança, no Estádio Batistão, na capital sergipana. A classificação do Dinossauro para a segunda fase da competição veio com uma vitória por 2 a 1 sobre o ASA, na última quinta-feira, em Arapiraca.

O clima entre os jogadores e a comissão técnica é de muita alegria e otimismo, afinal, o clube chegou a Arapiraca descreditado, e a imprensa alagoana dava como certa a vitória do ASA, jogando dentro de casa. Mas, dentro de campo, o que se viu foi que o excesso de confiança dos alagoanos serviu de incentivo aos atletas do Sousa, que mostraram muita raça e poderiam até ter saído de campo com uma vitória mais expressiva. O "Dino" chegou a colocar dois a zero e o gol dos donos da casa só veio através de uma penalidade máxima. O destaque da partida foi o atacante Arthur, que marcou os dois gols da vitória do Sousa.

O técnico Tardelli Abrantes ficou muito satisfeito com a apresentação do time em Arapiraca e pretende, se não houver problema até lá, escalar a mesma equipe para enfrentar o Confiança, em Aracaju. Mais uma vez, o time paraibano vai entrar em campo para enfrentar um time favorito jogando em casa. O Confiança está disputando a Série B do Campeonato Brasileiro e tem uma estrutura e capacidade de investimento muito superior ao Sousa.

Botafogo

O Botafogo troca o chip, nesta segunda-feira, e esquete a Série C, para focar na pré-Copa do Nordeste. A exemplo do que aconteceu no ano passado, o Belo este ano não entrará na fase principal da competição, porque o campeão paraibano de 2021 foi o Campinense. Mas devido a posição do Belo no Ranking Nacional de Clubes, a equipe começa pela segunda fase das eliminatórias.

O adversário do Botafogo na próxima quarta-feira será Imperatriz do Maranhão ou o Fluminense do Piauí, que jogaram ontem à noite em São Luís-MA. Se vencer, o Belo ainda terá de enfrentar um mata-mata, com jogos de ida e volta, para garantir a participação na fase principal da Copa do Nordeste, que deverá começar em fevereiro de 2022.

O outro representante da Paraíba nas eliminatórias da Copa do Nordeste foi o Treze, mas o Galo foi eliminado, logo na partida de estreia, pelo Floresta do Ceará, após ser derrotado por 3 a 1, em pleno Estádio Amigão, em Campina Grande.



Foto: Instagram/Sousa

Depois da viagem desgastante, os jogadores voltam a treinar no Marizão visando mais um grande desafio na Copa do Nordeste

Prestação de contas

Reunião pode destituir presidente do Treze

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

O Conselho Deliberativo do Treze vai se reunir, na próxima quinta-feira, para fazer a prestação de contas deste ano, e fazer uma análise sobre a situação difícil em que se encontra o clube, que fez péssimas campanhas em todas as competições em que participou e, por isso, está sem calendário para o segundo semestre de 2022. Há, inclusive, a possibilidade de destituição do presidente Walter Junior Cavalcanti, que está cumprindo suspensão pelo STJD. Há quem diga também nos bastidores, que o próprio Walter vai entregar uma carta de renúncia neste encontro.

Mesmo não estando na pauta oficial da reunião

é muito provável que os conselheiros avaliem uma proposta de mudança no estatuto do clube, sugerida pelo ex-presidente Olavo Rodrigues, que diz ter um projeto pronto para a recuperação do Treze, baseado na transparência e na participação dos sócios do clube nas eleições das diretorias executivas.

Segundo Olavo Rodrigues, o clube precisa de mudanças profundas e com a participação da enorme torcida trezeana. "Com a mudança no estatuto, nós vamos conseguir 10 mil sócios contribuintes que terão direito a voz e voto. Isto vai tornar a administração mais transparente e será possível encontrar as saídas para que o Galo saia da lama em que se encon-

tra. Não se pode eleger um presidente com apenas 14 votos, como foi o caso da reeleição de Walter", disse Olavo, que não poupa críticas ao presidente, tido por ele como o principal responsável pela crise financeira que assola o clube.

"O Walter é um trezeano autêntico, mas fez uma gestão desastrosa e foi o responsável pela situação caótica que atravessa o clube. Nós temos que ter eleições no máximo até dezembro, para começar a recuperação do Treze", afirmou.

Além do desastre financeiro, o clube também enfrenta um grave declínio técnico. O Galo não terá direito a participar no primeiro semestre da Copa do Nordeste e da Copa do Bra-

sil. No segundo semestre, a situação é ainda pior, porque o clube não está mais inserido em nenhuma série do Campeonato Brasileiro, e portanto, terá de dissolver o time, logo após a realização do Campeonato Paraibano de 2022.

Isto ocorreu, porque o Treze foi mal no Campeonato Paraibano deste ano, quando não conseguiu sequer chegar às semifinais, depois de também não ter passado da primeira fase da Copa do Nordeste. Na Copa do Brasil foi também eliminado logo no primeiro jogo e na Série D, não conseguiu chegar nem na segunda fase da competição.

Os números da gestão Walter Júnior mostram bem o declínio técnico e a falta de planejamento no

futebol. Em 92 jogos disputados, o Treze só conseguiu 26 vitórias. Houve 30 empates e o time perdeu 36 partidas. A equipe marcou 97 gols e levou 101. Dos 276 pontos disputados, nos diversos campeonatos, o Galo só conseguiu somar 108, o que dá um aproveitamento apenas de 39,1 por cento.

Na atual temporada, o Treze entrou em campo 34 vezes e conseguiu apenas seis vitórias, 15 empates e sofreu 13 derrotas. Marcou 35 gols e levou 41. Teve um aproveitamento de apenas 32,4 por cento. A falta de planejamento fica claro neste ano, quando o clube contratou 52 atletas para a temporada.

Na semana passada, após a eliminação em casa da pré-Copa do Nordeste, o clube virou manchete nacional, com o desabafo do goleiro Jefferson, um dos ídolos da torcida trezeana, que denunciou um atraso de mais de seis meses nos salários e um desvio do dinheiro doado pela CBF para pagar aos atletas. Ele disse que falta muita transparência no clube e chegou a hora da torcida saber o que vem acontecendo.

Reunião

Além da reunião oficial do conselho deliberativo do Treze, segundo uma fonte ligada à diretoria do clube, o atual presidente exercício, João Paiva Junior, terá um almoço especial na nesta segunda-feira, com dois grandes empresários, um deles também político, e que desse almoço poderá sair uma grande ajuda financeira para o clube, nos próximos dias.

Foto: Instagram/Trezeoficial

O presidente em exercício do Treze, João Paiva, articula uma ajuda financeira de empresários para resolver problemas no clube



Galo mineiro tenta ampliar a liderança hoje em Goiás

Líder do Brasileirão joga contra o Atlético-GO com o objetivo de manter a boa diferença de pontos sobre o Flamengo

Foto: Pedro Souza/Atlético-MG

Da Redação

Atlético Mineiro e Flamengo voltam a concentrar as maiores atenções do torcedor brasileiro na sequência da rodada de número 27 do Campeonato Brasileiro neste domingo. O Galo mineiro, líder disparado, entra em campo a partir das 18h15, no Estádio Antônio Accioly, em Goiás, para enfrentar o Atlético local, e conquistar mais três pontos para seguir na batalha em direção ao seu segundo título da competição, afinal o Galo só foi campeão em 1971, portanto o jejum é de 50 anos.

No meio de semana, mesmo com alguns desfalques - nem Hulk jogou - conseguiu uma vitória de virada diante do Santos, no Mineirão. Com 56 pontos, o Galo está a 11 do Flamengo, apesar do adversário ter dois jogos a menos.

Após o Atlético-GO, o Galo terá a volta da Copa do Brasil e recebe o Fortaleza, quarta-feira que vem, no Mineirão, pela ida da semifinal. Líder do Brasileiro terá depois o Cuiabá, a volta contra o Leão do Pici e o tão aguardado embate contra o Flamengo, vice-líder, no Maracanã.

Já o Flamengo vem de uma excelente vitória na última quarta-feira sem sustos diante do Juventude por 3 a 1 e até com gol de falta, o que não fazia há 1.221 dias, ou 235 jogos. Em Brasileiros, foram 83 tentativas falhas em cobranças diretas até Andreas Pereira acertar o ângulo do goleiro do Juventude. Com muitos pontos atrás do líder, o Fla ainda acredita que pode virar o jogo até o final da rodada de número 38. Para o jogo deste domingo terá as voltas de Gabriel Barbosa, Evérton e Isla que estavam servindo as seleções

do Brasil e Chile, respectivamente, mas não contará com Arrascaeta que se apresentou antes, mas lesionado após jogo das Eliminatórias.

A rodada de hoje, no entanto, começa mais cedo com dois jogos: Palmeiras x Internacional, no Allianz Parque, às 16 horas; e Athletico-PR x Fluminense, no mesmo horário, na Arena da Baixada.

Em São Paulo, o time de Abel Ferreira tenta se conectar no Campeonato Brasileiro. Vem de seguidos resultados negativos e muitas cobranças. Antes vice-líder e na caça ao Atlético-MG, o Verdão já caiu para a quinta posição e começa a ser ameaçado de ficar fora da Libertadores, caso não melhore a campanha ou não vença a edição deste ano diante do Flamengo. O time vem de um empate sem gols contra o Bahia, na última terça-feira.

Em Curitiba, o Athletico-PR está mais ligado na Copa do Brasil, onde enfrenta o Flamengo na próxima quarta-feira, em casa, pelo jogo de ida, de que mesmo com o Brasileirão. Caiu de produção e saiu de G6 há várias rodadas, aparecendo agora na oitava posição. Vem de um empate com o lanterna Chapecoense. O Fluminense, seu adversário de logo mais, também vive momento de turbulência. Foi derrotado pelo Corinthians, em São Paulo, na rodada anterior e tenta se reencontrar na disputa.

Na parte de baixo da tabela, dois jogos chamam atenção: Grêmio x Juventude, às 18h15, na Arena do Grêmio; e Sport x Santos, às 20h30, na Ilha do Retiro. Em Porto Alegre, o técnico Vagner Mancini vai fazer a sua estreia e tem uma missão altamente complicada diante da campanha desastrosa do Grêmio, penúltimo colocado

com 23 pontos em 24 jogos.

As chances de rebaixamento são de 66%, segundo o site infobola que trabalha com o processamento inteligente dos resultados do futebol. Mesmo assim, ainda faltam 14 jogos para sair da zona do rebaixamento. O Juventude, seu adversário, ainda flerta com o Z4 por ter apenas 28 pontos, um a mais que o Bahia, o primeiro clube a abrir a zona da degola.

O Sport Recife que atua em casa vinha de três vitórias seguidas, mas no meio de semana foi derrotado pelo Cuiabá e segue na zona de rebaixamento com apenas 26 pontos, a dois do adversário que também faz uma campanha terrível com seis vitórias, 10 empates e nove derrotas em 25 jogos.

Ceará x Bragantino, às 18h15, no Castelão, fecham os jogos deste domingo. O time de Bragança faz uma excelente campanha e aparece em quarto lugar, diferente do seu adversário que está na 14ª posição, com 30 pontos, a apenas três da zona de rebaixamento. A rodada 27 será completada amanhã, às 20 horas, no Morumbi, com o clássico São Paulo x Corinthians.

Na rodada 26, o Corinthians conseguiu fazer o dever de casa e derrotou o Fluminense por 1 a 0. Já o Tricolor, trocou de técnico com a demissão de Hernán Crespo e a chegada de Rogério Ceni, que estreou no empate de 1 a 1 diante do Ceará, no Morumbi. Enquanto o Corinthians está na parte de cima da tabela, o São Paulo luta para se afastar da zona de rebaixamento. Em 26 jogos soma apenas 31 pontos e é o 13º colocado. O Timão chegou ao sexto lugar com 40 pontos e até ameaça a posição do Palmeiras que tem a mesma pontuação.

Foto: Alexandre Vidal/Flamengo



Gabriel deve ser a novidade do Flamengo para o jogo contra o Cuiabá neste domingo, no Maracanã, pela 27ª rodada do Brasileiro



Jogadores do Atlético Mineiro comemoram mais um gol na vitória de 3 a 1 sobre o Santos, na última quarta-feira

“O EDUCADOR SE ETERNIZA EM CADA SER QUE EDUCA.”

Paulo Freire

Professor, adquira livros da Editora A União até 22/10 e ganhe 10% de desconto!

**15 DE OUTUBRO
DIA DO PROFESSOR**

MAIS INFORMAÇÕES
(83) 99117-8193

EDITORA
A UNIÃO

EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO



Ilustração: Tônio



Fotos: Ricardo Araújo/Divulgação

DOCUMENTAÇÃO EM ARTE

■ Professor que atuou na Universidade Federal da Paraíba utilizava técnicas como aquarela, bico de pena, desenho a lápis, pintura a óleo, azulejaria e cerâmica vitrificada

Patrimônio preservado

Acervo deixado por Nivalson Miranda resgata igrejas e monumentos históricos da Paraíba, muitos já destruídos pelo tempo

José Alves
zavieira2@gmail.com

Mesmo formado em Bioquímica pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o professor e escritor Nivalson Miranda foi uma daquelas pessoas que não quis dar muita atenção ao curso que acabara de concluir, porque corria em suas veias o seu desejo pelas artes plásticas. Na verdade, segundo o professor de Sociologia e escritor José Flávio, Nivalson foi o precursor dos Cursos de Desenho, Pintura, Teatro e Música da UFPB.

Ele é apontado como um dos maiores artistas plásticos do país utilizando a técnica do bico de pena. "O acervo deixado por Nivalson é, na verdade, um resgate histórico de todas as igrejas e monumentos históricos da Paraíba, muitos deles já destruídos pelo tempo. Seu trabalho foi de suma importância para a documentação e fatos históricos da Paraíba, pela riqueza dos detalhes de seus desenhos", observa o escritor, afirmando que a trajetória de Nivalson influenciou a criação do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da UFPB.

Ainda segundo o professor José Flávio, o trabalho feito por Nivalson Miranda ganhou notoriedade porque ele produzia seus desenhos a bico de pena, como se eles fossem vistos pela visão de um pássaro. "De tão rico em detalhes, seus trabalhos foram expostos em diversos órgãos públicos da Paraíba e em outros estados, a exemplo do Rio de Janeiro, onde ganhou exposição na base naval daquela cidade. Os trabalhos dele apresentavam uma preocupação com a preservação da história e do patrimônio cultural e arquitetônico da Paraíba. Foram inúmeros trabalhos realizados desde o Sertão até o litoral do Estado", enfatiza o professor, complementando que, em sua trajetória, Nivalson expressou todo o "seu amor às artes através de suas pinturas a bico de pena e a arte em cerâmica, entre outras técnicas".

O design gráfico, jornalista e professor de Comunicação em Mídias Digitais Ricardo Araújo, amigo do professor Nivalson – que considerava Ricardo como um filho –, ressalta: "Nivalson foi um farmacêutico e também um homem muito ligado às artes. Para se ter uma ideia da importância de sua arte, ele desenhava os símbolos dos brasões das colonizações holandesas quando eles estiveram em Recife. Em seus diversos trabalhos sobre os engenhos da Paraíba, ele utilizava uma técnica chamada visão de

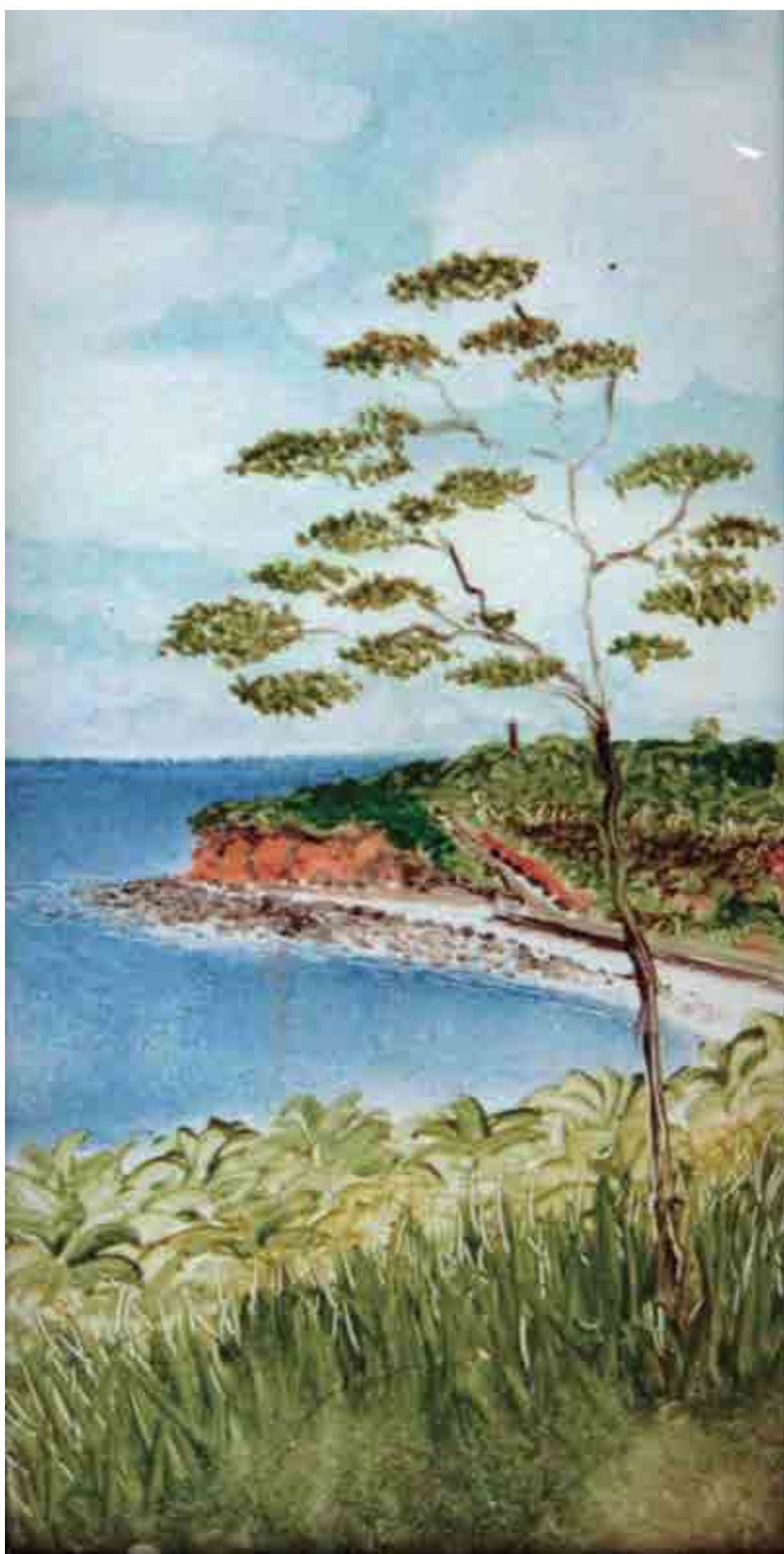
pássaros, que atualmente se usa com drones. Ou seja, ele conseguia fazer seus desenhos a partir de uma visão aérea da arquitetura dos engenhos paraibanos", destaca.

Ainda segundo Ricardo Araújo, às vezes Nivalson pegava uma fachada de um engenho, imaginava como seria o telhado e desenhava tudo utilizando o bico de pena. No Forte de Cabedelo existem diversos trabalhos dele em cerâmica. Além de professor e escritor, Ricardo lembra que ele também era "um grande colecionador de objetos de época". Em sua coleção, Nivalson tinha bala de canhão, de espingarda e moedas holandesas.

"Ele transitava pelas ruas com as moedas holandesas, mostrava tudo às pessoas e contava como as conseguiu. Em sua coleção, ele também tinha uma chave enorme, que segundo ele, poderia ser de algum forte de madeira (mas ele não tinha certeza), sendo um instalado na Ilha da Restinga, na desembocadura do Rio Paraíba, e outro instalado às margens da Comunidade de Costinha, em Lucena. A chave, que faz parte da coleção de objetos deixada por ele, foi encontrada por pescadores, numa pesca de rede de arrasto, em Costinha".

Nivalson era um homem simples, mas muito talentoso, garante o professor de Comunicação em Mídias Sociais, lembrando que o artista plástico fez uma exposição de seus objetos em Recife, que contou com a presença do ex-vice-presidente do Brasil Marco Maciel e do príncipe da Holanda, atual rei daquele país, Guilherme Alexandre.

Para o escritor e jornalista Hilton Gouveia, Nivalson Miranda, além de professor da UFPB, foi um homem muito inteligente e ligado às artes e à história da Paraíba. Ele contribuiu muito para a documentação dos monumentos antigos da história da Paraíba, através da arte. "Foi ele que idealizou a arte da fachada de todas as igrejas da várzea do Rio Paraíba, ou seja, do Brejo paraibano; e muitos desses trabalhos estão armazenados no auditório da Associação Paraibana dos Plantadores de Cana (Asplan). Também foi ele quem idealizou e fez o portal de entrada da cidade de Baía da Traição, um trabalho que tem uma índia, uma canoa e uma flecha. Em seus trabalhos utilizando a técnica de bico de pena, ele também retratou diversos jornalistas e revolucionários, entre eles Tomaz Mindelo e Antônio Borges da Fonseca, que foi 'uma pedra no sapato' de Dom Pedro I".



NO BICO DE PENNA
■ No sentido horário e de cima para baixo: orla do Cabo Branco, Casa da Pólvora e a Faculdade de Direito

Pesquisador, artista, poeta e heraldista

Nivalson Fernandes de Miranda nasceu em João Pessoa (então Nossa Senhora das Neves da Parahyba do Norte), no dia 1º de fevereiro de 1927. Aos três anos de idade, junto com seus pais, mudou-se para Recife, em Pernambuco, retornando à Paraíba já com 12 anos. Estudou na Escola de Artífice, onde aprendeu a arte de tipografia e encadernação. Em seguida, mudou-se para São Paulo, onde permaneceu por mais outros 12 anos, regressando para seu estado natal em 1951.

Em 1959, concluiu o científico no Colégio Liceu Paraibano e, em 1963, formou-se em Farmácia e Bioquímica na Universidade Federal da Paraíba (UFPB); fez especialização em Análise Química, em Minas Gerais, voltando novamente à Paraíba como professor da UFPB, onde atuou por 27 anos, lecionando, pesquisando e publicando trabalhos científicos. Além de professor, Nivalson foi pesquisador, poeta, documentarista icnográfico (autodidata), artista plástico e heraldista.

Em 1990 pesquisou na Várzea da Bacia da Paraíba, Camarutuba, Mamanguape e Sertão, documentando monumentos antigos, engenhos, casas grandes, capelas e ruínas. Em aproximadamente 700 trabalhos, registrou os monumentos históricos do Brasil, tombados ou não, como forma de testemunhar o passado da história paraibana.

Realizou cerca de 20 exposições, foi condecorado pelo Governo de Pernambuco pelo trabalho em xilogravura pelos '150 anos da Independência do Brasil' e homenageado pelo Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP).

Utilizava-se para documentar suas pesquisas e descobertas das mais variadas formas e artes, com desenho a lápis, fotografias, bico de pena, azulejaria e cerâmica vitrificada, aquarela, xilogravura, madeira e linóleo, couro pirografado e pintura a óleo. Morreu em 17 de agosto de 2013.



Professor Nivalson Miranda era simples e bastante talentoso

Egídio de Oliveira Lima

Poeta e jornalista dotado de sentimento nativista

Hilton Gouveia
hiltongouveia@gmail.com

Egídio de Oliveira Lima era um jornalista e poeta de cordéis dotado de forte sentimento nativista, que admirava o presidente paraibano João Pessoa e o exaltava em todos os sentidos. Seu amor pelas coisas simples e o apego à Paraíba surgiam nos próprios escritos de todas as maneiras e até nos nomes dos órgãos literários informais que fundava com amigos. Usava o pseudônimo de Zé Parahybano em artigos publicados no explosivo ano de 1930, para não revelar seu posicionamento político e por temer represálias.

Escolheu as revistas Ariús e Manaira para publicar obras assinadas verdadeiramente, por achar que esses etnos de origem indígena retratavam o outro lado histórico da sua terra, não revelado nos livros didáticos tradicionais. Autodidata, culto, reunia cordelistas e literários nas ruas de Campina Grande para recitar e discutir a literatura de cordel bem próximos do povo. No folheto 'A Mizéria de 1930' descreve, numa linguagem hiperrealista, os problemas econômicos, políticos e climáticos que naquela época afetavam a Paraíba.

As revistas Ariús e Manaira eram revolucionárias para a época, porque seus designs eram traçados, segundo informa o escritor, historiador e pesquisador Rau Ferreira, de acordo com os modelos gráficos modernos. "Suas capas publicavam fotos de artistas de cinema e os textos eram ilustrados com fotos, um costume gráfico muito ousado para os veículos de comu-

nicação que ora circulavam na Paraíba", explica Rau. E por que os nomes dessas revistas eram Manaira e Ariús?

Os Ariús formavam uma das tribos pertencente à nação Tarairiús, que habitava a região da Borborema e uma parte do Nordeste Oriental. Falavam uma língua até hoje não classificada, por causa da sua complexidade. Ela chegou a formar entre as guarnições indígenas implantadas em João Pessoa e Campina Grande pelo bandeirante Teodósio de Oliveira Ledo. Já Manaira se refere à vida tragicômica de uma índia homônima, prometida como esposa ao valente guerreiro Piancó. Só que ela preferiu fugir com outro. O pai da moça, um pajé poderoso, queimou o intruso e ela numa fogueira, por desobediência. O termo Ariús foi traduzido como "o mais destemido".

Expressar sua palavra nua e crua, em veículos de comunicação como as revistas Ariús (Campina Grande) e Manaira (João Pessoa), significava mergulhar na história oculta da Paraíba super-amada por Egídio. E ainda demonstrar, ao povo paraibano, que o jornalismo da terrinha evoluiu, através de mentes mais esclarecidas, perdendo, aos poucos, o seu provincianismo e o vicioso círculo partidário.

De acordo com seus diversos biógrafos, Egídio procurava escrever a verdade, numa época em que ninguém podia comprovar uma mentira imediatamente; e que muitos morreram por tentarem dizer o que o estava escrito como verdade era uma mentira.



Ilustração: Tônio

O jornalista, nascido no município de Esperança, venerava a Paraíba e mergulhava na história oculta do Estado

Precaução

Usava o pseudônimo de Zé Parahybano em artigos publicados no explosivo ano de 1930

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

O censo do jornalismo local no Brasil

O Brasil possui 3.280 desertos de notícias, o que representa 33,7 milhões de habitantes sem acesso a um veículo de comunicação que faça cobertura local. Os dados fazem parte do Atlas da Notícia e que devem ser atualizados em breve.

Isso porque o Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor) anunciou recentemente o início da campanha para a quinta edição do Atlas, uma iniciativa cujo objetivo é mapear veículos produtores de conteúdo jornalístico – especialmente de jornalismo local – no território brasileiro. O Projor é uma entidade civil sem fins lucrativos não-governamental, não-corporativa, pluralista e apartidária criada pelo jornalista Alberto Dines (1932–2018).

A nova edição do Atlas será feita por meio de uma parceria com a Abraj (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) com o objetivo de atualizar o mapa dos veículos jornalísticos nos 5.570 municípios brasileiros. Conforme divulgado pela Abraj, a organização, a análise e a publicação dos dados coletados pelo censo serão realizadas pelo Volt Data Lab, liderado pelo jornalista e diretor da Abraj Sérgio Spagnuolo.

Já nas cinco regiões brasileiras, a

coordenação da pesquisa ficará a cargo do jornalista Sérgio Lüdtker, que trabalhará com os seguintes pesquisadores regionais: Ângela Werdemberg (Centro-Oeste), Dubes Sônego (Sudeste), Jéssica Botelho (Norte), Mariama Correia (Nordeste) e Marcelo Fontoura (Sul).

Atualmente, de acordo com a quarta edição do Atlas, a quantidade de veículos no Brasil por região é a seguinte: Sudeste, 4.517; Sul, 3.315; Nordeste, 2.402; Centro-Oeste, 1.898; e Norte, com 960 veículos jornalísticos. Quando a contagem é feita por segmento, o rádio predomina, com 4.402 emissoras. Em seguida, aparece o impresso, com 3.229 veículos. A plataforma on-line é responsável por agregar 4.221 veículos, enquanto televisão corresponde a 1.239.

A primeira edição do Atlas da Notícia foi publicada em novembro de 2017, com um recorte sobre jornais impressos e veículos on-line de notícias. O produto é inspirado no projeto America's Growing News Deserts, da revista Columbia Journalism Review, que mapeou a presença de jornais nos

Estados Unidos em meio às mudanças no modelo de negócios do jornalismo que levaram ao fechamento de diversos veículos.

Para os organizadores do Atlas da Notícia, um município sem jornalismo local, que não possui uma cobertura noticiosa própria, é carente de informações independentes para que sua população possa votar, cobrar os governantes e saber mais sobre serviços. No Brasil, os desertos de notícias são, em geral, cidades pequenas, com população mediana de 7.100 habitantes. Tais localidades representam 62,6% dos municípios brasileiros, totalizando 37 milhões de

pessoas (18% da população nacional).

Na produção da quarta edição, o Atlas da Notícia contou com a colaboração de 219 voluntários de 74 organizações. Voluntários podem se somar à equipe do Atlas e colaborar com a pesquisa preenchendo um formulário on-line disponível no site do projeto (www.atlas.jor.br). Participe! Ao indicar um veículo de imprensa, você pode ajudar o Atlas da Notícia a mapear os veículos de comunicação do Brasil e construir uma base para ampliar o conhecimento sobre jornalismo local. Os colaboradores receberão um certificado e terão seus nomes listados no site do projeto.

Foto: Reprodução



Trajetória de Egídio na vida e na profissão pela ótica de Rau Ferreira

Na pesquisa realizada por Rau Ferreira consta que Egídio de Oliveira Lima nasceu em Esperança, no dia 4 de junho de 1904, e que morreu em João Pessoa, a 23 de fevereiro de 1965. A causa da morte atestada pelo urologista Domicio Maul de Andrade foi a de câncer na próstata. Está sepultado no Cemitério Senhor da Boa Sentença, em João Pessoa.

Seus pais eram Francisco de Oliveira Lima e Rita Etelvina de Oliveira Lima. Casou-se aos 24 anos, em Itabaiana, com Judith Martins de Almeida, em 24 de novembro de 1928. Da união, nasceram onze filhos: Everaldo, Virgílio, Wirajara, Violeta, Miriam, Diosthenes, Nícia, Getúlio, Verberna, Dionizio e Vitória.

Mudou-se para Campina Grande em 1937, nos anos de 1960. Jornalista, poeta popular e autodidata, também destacou-se como folclorista e escritor. A maioria do seu acervo de cordéis, hoje pertence à Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Escreveu diversos artigos sobre literatura de cordéis para as revistas Ariús e Manaira. Transformava os poemas de cordel em "notícias", com rimas informativas e inteligentes.

Seu zelo em colecionar antigos folhetos de Leandro Gomes de Barros serviu de informações estratégicas para a posteridade, no que se refere aos estudos realizados nessa área. A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) editou e publicou vários desses trabalhos. Privou da amizade de grandes nomes do cordel, entre eles José Limeira. Seus folhetos 'Padre Cícero' e 'Getúlio Vargas' foram impressos em grandes tiragens – a de Getúlio

Vargas atingiu 50 mil exemplares e foi distribuído com o público.

As principais obras de Egídio formaram uma antologia com versos variados e foi produzida pela Editora Universitária (UFPB), em João Pessoa, no ano de 1975. Priorizando as coisas simples, porém valiosas para si, fundou a Academia das Esquinas, com Antônio Gabeira. Tratava-se de um órgão literário, que reunia, à noite, círculos de amigos nas ruas de Campina Grande, com a finalidade de transformar esses locais em ativos centros de circulação de ideias e discussões socioculturais.

Em 1940, fundou a Academia dos Simples, um órgão que, apesar de informal, mantinha os nomes dos sócios registrados, todos obedecendo a um estatuto. Entre seus frequentadores destacavam-se Epitácio Soares, Anézio Leão, Mauro Luna, Félix de Souza Araújo, Inácio Menezes Rocha e José Nóbrega Simões. Egídio também participou do Clube Literário de Campina Grande, fundado em 1947, onde ocupou o cargo de segundo secretário.

Em uma de suas obras de cordel – um desafio de João Silveira com Egídio Lima, denominado 'O Bárbaro Assassino de João Pessoa' –, Egídio assinou como Zé Parahybano, revela Rau Ferreira. Repetiu a mesma assinatura em 'A Mizéria', de 1930, e 'O Choro', de 1931. É membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste. Em João Pessoa e Campina Grande existem, respectivamente, uma praça e uma rua batizadas com seu nome.



Foto: Reprodução

O presidente paraibano João Pessoa era admirado e sempre exaltado por Egídio de Oliveira Lima

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

A Jovem Guarda – Parte I

Sáíamos de uma "festa de arromba" e vamos em busca das "jovens tardes de domingo".

Já se vão mais de cinco décadas dos tempos da Jovem Guarda (1965-1968). Afinal, os jovens adolescentes que faziam e provocavam o histerismo coletivo nos auditórios hoje são sessentões-setentões de cabelos brancos que ainda assim se emocionam quando escutam o som que eles chamam de "o som dos meus tempos"... É que o tempo foi passando, e nós vamos passando com ele, mas a nossa mente, sobretudo a nossa memória afetiva musical, continua a sentir o embalo daquelas tardes dominicais, imortalizadas nos sons que ainda insistimos em ouvir e que nos trazem tantas lembranças e emoções. Como bem disse Wanderléa, em entrevista de 2006, "é que mantivemos nas nossas cabeças a mesma atmosfera de jovialidade".

Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa faziam a festa. Não que fossem os únicos, mas, com certeza, formavam a tríade maior do movimento que, sob a inspiração do empresário e publicitário Carilo Maia – o mesmo que, tempos depois, criou o bordão Lula-lá-lá – se convencionou chamar de Jovem Guarda. Os periféricos foram se aglutinando em torno desses três, na medida em que eram convidados em função da adesão ao ritmo e por obras e graças de incipientes gravadoras ou de espertos agenciadores de talentos como,

por exemplo, o expert e esperto promotor de eventos Carlos Imperial.

O curto espaço de tempo – cerca de três anos – que nos deram tantas alegrias e ainda provocam tantas emoções nos fazem lembrar, por exemplo, de amores idos e vividos, fizeram-nos criar muitos ídolos, mas também foi deixando para trás muitos candidatos a estrelas pelos caminhos tortuosos da fama.

Desde a primeira apresentação do programa, naquela tarde dominical de 22 de agosto de 1965, já ficara patente o carisma e os poderes de liderança e aglutinação exercidos por Roberto Carlos. Sua personalidade despertava certo fascínio, sobretudo na plateia feminina. Já o jeito meio rebelde e debochado de Erasmo Carlos empolgava os jovens, enquanto Wanderléa, já cognominada de a "ternurinha", enchia os mais românticos de expectativas carinhosas e carinhosas.

Deve-se recordar que as frenéticas guitarras elétricas já haviam sido sacramentadas, tornando-se objetos de desejo dos mais jovens, após a exibição de filmes como 'Juventude Transviada' (Rebel Without a Cause, com James Dean e Natalie Wood), 'Sementes da Violência' (Blackboard Jungle, com Glen Ford e Sidney Poitier), ambos tratando da delinquência e violência juvenil, além do furor causado por 'No Balanço das Horas' (Rock Around the Clock), e a vinda de Bill Haley & His Comets ao

Brasil, em 1958. Aliás, diga-se de passagem, que a viagem desse grupo, que se apresentou na TV Rio e em Belo Horizonte, estendeu-se por mais onze cidades sul-americanas e, por onde passava, o "barulho" era imenso... Junte-se a tudo isso o estrondoso sucesso de Elvis Presley, cujo estilo de música e do "rebolado" roqueiro "contaminava" a juventude de todo mundo. E, como não poderia deixar de ser, nossa música também embalou no rock, inclusive o tímido e recluso Roberto Carlos. Tanto é que o líder da Jovem Guarda, levado pelas mãos e pela influência do contrerrâneo Carlos Imperial, que ele só conheceu no Rio de Janeiro, aportou no Clube do Rock (TV Tupi – Rio), já em 1957.

Intérpretes do contagiante "ritmo da juventude", mas também das baladas românticas dos Estados Unidos – como Elvis, com 'Tutti Frutti', mas também com 'Love Me Tender'; Gene Vincent, com 'Be-Bop-A-Lula'; Little Richard, com 'Good Golly Miss Molly'; Chuck Berry, com 'Maybeline'; da Inglaterra: Beatles, com 'I Want to Hold Your Hand' e 'Twist and Shout'; Rolling Stones, com ('I Can't Get No') 'Satisfaction'; Garry and the Pacemakers, de Liverpool, anteriores aos The Fab Four, com 'How Do You Do It?'; também agenciados por Brian Epstein; The Hollies, com 'Bus Stop'; da Itália: 'Teddy Reno, com 'Come Sinfonia'; Nico Fidenco, com 'A Casa d'Irene'; Pino Donaggio, com 'Io Che Non Vivo Senza Te'; Peppino Di Capri, com 'Roberta'; da França: Christophe, com 'Aline'; Gilbert Bécaud, com 'Et Maintenant';

Alain Barrière, com 'Ma Vie e Tu t'en vas'; Johnny Hallyday, o Elvis francês; e François Hardy, com 'L'Amour s'en va'; e muitos outros cujos sucessos – nos chegavam em versões locais, com os candidatos a ídolos cantando versões com letras quase sempre não tão fiéis às originais.

Por aqui, Roberto Carlos, após tentativas malsucedidas de cantar bossa-nova, enveredava por outra opção musical: cantar Elvis Presley, mesmo no original inglês, abrindo, por exemplo, o show de Bill Haley, com 'Hound Dog', sucesso do seu ídolo Elvis Presley, com a letra originais que lhe foi passada pelo já amigo Erasmo Carlos.

O programa começa e vão se abrindo suas portas para os chamados cantores da Jovem Guarda.



Foto: Reprodução

Layout de Marcelo Martinez para a capa da obra 'Almanaque da Jovem Guarda', de autoria de Ricardo Pugliali, Idiouro Publicações S.A – Rio de Janeiro

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tvê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses

chefwalterulysses@hotmail.es

Influência africana na culinária brasileira

Os africanos quando foram trazidos para o Brasil já eram dotados de uma vasta sabedoria na culinária. Alguns dos produtos que podemos destacar como marcantes na influência da culinária brasileira, o azeite-de-dendê, é sem dúvida uma das maiores contribuições para a comida brasileira. É indispensável em inúmeros pratos típicos do Brasil, tanto diretamente como ingrediente, quanto indiretamente na confecção deles.

Pratos tipicamente brasileiros como a feijoada é fruto da adaptação do negro às condições adversas da escravidão, que, com sobras de carnes, juntamente com a sabedoria da culinária africana, era feita. Vários foram os povos africanos trazidos ao Brasil. Daí vários conhecimentos culinários. Adaptaram-se àquela situação, resultando num dos pratos típicos mais apreciados em todo o país. Na culinária africana não podemos deixar

também de mencionar a utilização de frutos do mar como parte da alimentação.

A culinária do Brasil é fruto de uma mistura de ingredientes europeus, indígenas e africanos. Muitas das técnicas de preparo e ingredientes são de origem indígena, tendo sofrido adaptações por parte dos escravos e dos portugueses. Esses faziam adaptações dos seus pratos típicos, substituindo os ingredientes que faltassem por correspondentes locais. A feijoada, prato típico do país, é um exemplo disso.

Os escravos trazidos ao Brasil desde fins do século XVI somaram à culinária nacional elementos como o azeite-de-dendê e o cuscuz. As levas de imigrantes recebidas pelo país entre os séculos XIX e XX, vindos em grande número da Europa, trouxeram algumas novidades ao cardápio nacional e concomitantemente fortaleceu o consumo de diversos ingredientes.

A alimentação diária, feita em três refeições, envolve o consumo de café-com-leite, pão, frutas, bolos e doces, no café da manhã; feijão com arroz no almoço, refeição básica do brasileiro, aos quais são somados, por vezes, o macarrão, a carne, a salada e a batata; e, no jantar, sopas e também as várias comidas regionais.

As bebidas destiladas foram trazidas pelos portugueses ou, como a cachaça, fabricadas na terra. O vinho é também muito consumido, por vezes somado à água e açúcar, na conhecida sangria. A cerveja por sua vez começou a ser consumida em fins do século XVIII e é hoje uma das bebidas alcoólicas mais comum.

Viva o povo africano! Eles são um dos maiores influenciadores na nossa gastronomia brasileira e nordestina, como também de mitos criados na culinária nordestina (que vamos detalhar em um outro momento).

Foto: Divulgação



PRATO DO DIA

Cordeiro à Paraíba fusionado

Picanha de cordeiro grelhada com molho especial, queijo de coalho, acompanhado de arroz da terra no alho e purê de macaxeira com hortelã.

Ingredientes

- 1 picanha de cordeiro temperada em sal e pimenta
- 2 rodela de abacaxi em cubos pequenos
- Folhas de hortelã
- 100ml de cachaça
- 1 cebola roxa picada
- 2 colheres de sopa de manteiga de garrafa

- 2 colheres de geleia de abacaxi
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 1 xícara de arroz da terra
- 1 macaxeira pequena (para o purê)
- Alho torrado industrializado
- Açafraão da terra
- 2 colheres de queijo de coalho ralado
- 300ml de leite

Modo de preparo da carne e molho (chutney de abacaxi):

- Grelhe a picanha já temperada com manteiga e reserve. Para preparar o molho, acrescente a manteiga e a cebola, dê uma leve refogada e acrescente o abacaxi. Em seguida, coloque a cachaça e o restante dos ingredientes. Deixe reduzir um pouco e sirva.

Montagem do prato::

- Coloque o arroz refogado no alho e na manteiga com toque de açafraão da terra. Ao lado, o purê de macaxeira que já foi cozido e temperado com sal e pimenta-do-reino e folhas de hortelã. Coloque as duas fatias de picanha enfileiradas e, ao lado, o molho chutney de abacaxi por baixo. Por fim, coloque uma fatia de queijo de coalho por cima da picanha de cordeiro e sirva.

PITADAS A GOSTO



A cebola roxa tem um sabor mais suave e adocicado, é mais calórica e, por conta de sua cor, é rica em antocianina, poderoso antioxidante que auxilia no combate aos radicais livres. Já a cebola amarela, também chamada de pera, tem um sabor mais forte, é rica em minerais e menos calórica. A branca, que tem esse nome por conta da cor da sua casca, é maior e possui um sabor mais acentuado. Por isso tanto a amarela quanto a branca são, preferencialmente, consumidas refogadas, enquanto a roxa é perfeita crua em saladas.

QUENTINHAS

A distribuidora de sorvete e açaí Glacai, empresa 100% paraibana, não para de investir em novos produtos. Desta vez, a novidade veio em forma de bombom de sorvete, o Glacial Bom. É uma casquinha de chocolate recheada com gelato italiano. O bom é que eles vendem no atacado e no varejo. Mais detalhes no Instagram @glacial_e_glacai.

Sabia que você pode me contratar para fazer um almoço ou um jantar especial na sua casa? Pois é. Pode ser para casal ou um número bem maior de convidados. Posso levar minha equipe e fazer seu dia mais gostoso. Para isso, basta entrar em contato por e-mail chefwalterulysses@hotmail.es ou por minha rede social no Instagram @waltinhoulysses. E aí te mando o orçamento e da forma como você queira.

Depois do sucesso do lançamento do Terroá na Caixa dentro do evento 'Nordestesse', aberto no último dia 22 em São Paulo, no próximo dia 28 vai acontecer a 'Experiência Terroá'. O encontro vai reunir os principais jornalistas e influencers do mercado gastronômico de São Paulo para degustação dos produtos nordestinos selecionados a dedo pela equipe da Cantaloupe, plataforma de iniciativas gastronômicas criativas com alto impacto social, criada pela empresária Marina Sá. A programação da 'Experiência Terroá' acontece dentro do Festival Nordestesse, evento de moda e design criado pela jornalista Daniela Falcão, que está sendo realizado na Pinga Store, na Rua da Consolação, 3378.

A programação do 'Experiência Terroá' começa a partir das 16h e contará com degustação guiada de cachaças premiadas do Engenho Nobre (PB), com Murilo Vilela Coelho, especialista e produtor; degustação guiada de espumantes Terranova - Vale do Rio São Francisco (BA); e degustação guiada de mel orgânico de diferentes floradas, com Gonçalo Vicente, especialista e produtor.

Terroá na Caixa: desde o último dia 22, a equipe da Cantaloupe está em São Paulo apresentando o Terroá na Caixa, uma seleção de dez produtos dos estados da Paraíba, Pernambuco e Bahia, como vinho espumante, queijo de cabra, bolo de rolo, geleia, café, cachaça, arroz da terra, mel, chips de queijo de coalho e vela aromática. Por meio da caixa é possível, não apenas conhecer, mas também sentir os aromas, a natureza e os percursos que construíram e compõem a história e o território da região.

Além disso, o Terroá na Caixa encontrou uma maneira de reforçar a arte nordestina e dar maior visibilidade aos artistas da terra. A cada nova edição - que vai ocorrer trimestralmente -, a caixa será ilustrada com a obra de um artista do Nordeste. A edição que está em São Paulo tem assinatura da artista paraibana Lola Pinto. "É uma maneira de valorizar os artistas locais e de divulgar a arte da região para o Brasil e o mundo", explica Marina Sá.